



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Campus de São José do Rio Preto

DAVI SILISTINO DE SOUZA

A subalternidade em *Cloud Atlas*, de David Mitchell

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
2018

DAVI SILISTINO DE SOUZA

A subalternidade em *Cloud Atlas*, de David Mitchell

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Processo 2015/25282-4.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Ceneviva Nigro.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO
2018

ERRATA

SOUZA, Davi Silistino de. **A subalternidade em *Cloud Atlas***. 2018. 114 f. Dissertação (Mestrado em Letras)-Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2018.

Folha	Linha	Onde se lê	Leia-se
Folha de rosto	11	Financiadora: FAPESP – Processo 2015/25282-4.	Financiadora: CAPES FAPESP – Processo 2015/25282-4.
Agradecimentos	15	À FAPESP, pela confiança e financiamento desta pesquisa	À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) - processo n° 2015/25282-4, pela confiança e financiamento desta pesquisa.

Souza, Davi Silistino de.

A subalternidade em *Cloud Atlas*, de David Mitchell / Davi Silistino de Souza. -- São José do Rio Preto, 2018
114 f.

Orientador: Cláudia Maria Ceneviva Nigro
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Literatura inglesa - História e crítica. 2. Literatura e sociedade.
3. Mitchell, David - Crítica e interpretação. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.

CDU – 820.09

DAVI SILISTINO DE SOUZA

A subalternidade em *Cloud Atlas*, de David Mitchell

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

Financiadora: FAPESP – Proc. 2015/25282-4.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Cláudia Maria Ceneviva Nigro
UNESP – São José do Rio Preto
Orientadora

Prof^a. Dr^a Divanize Carbonieri
Universidade Federal de Mato Grosso

Prof^a. Dr^a Norma Wimmer
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
09 de fevereiro de 2018

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, de alguma forma, já foram injustiçadas ou menosprezadas, por agirem com resiliência e por percorrerem trajetórias singulares.

AGRADECIMENTOS

Chegando ao fim desse percurso, gostaria de agradecer a todos e todas que estiveram comigo e me auxiliaram nesse trabalho. Em especial, agradeço:

Aos professores do PPG Letras do IBILCE, pela formação acadêmica.

À Prof^ª. Dr^ª. Cláudia Maria Ceneviva Nigro, mais do que excelente orientadora, alguém que acolheu a mim e minhas pesquisas desde o primeiro ano de graduação; pelos ensinamentos, carinho, força, amor, dedicação, amizade, risadas e companheirismo.

Às Prof^ª. Dr^ª. Divanize Carbonieri e Prof^ª. Dr^ª. Norma Wimmer, pelas valiosas considerações, correções e adições proporcionadas à dissertação.

Aos funcionários da seção de Pós-Graduação e da biblioteca, pela competência e disponibilidade.

À FAPESP, pela confiança e financiamento desta pesquisa.

Aos familiares, pelo afeto.

Ao meu pai, Joaquim, pelo ótimo convívio e apoio incondicional, pelo suporte financeiro e idas emergenciais ao supermercado, pelos melhores momentos juntos de nossa convivência.

À minha mãe, Rosana, pelo amor, carinho, preocupação e incentivo na minha vida acadêmica, por escutar pacientemente meus desabafos e me deixar com um sorriso no rosto; por, mesmo estando longe fisicamente, estar presente sempre no meu coração.

À minha querida irmã, por estar ao meu lado, não importa qual seja a situação, seja assistindo um episódio de *Crazy Ex-Girlfriend* ou recomendando uma receita nova, seja me fazendo companhia nos momentos mais difíceis dessa trajetória; pelo exemplo de dedicação e responsabilidade na pesquisa.

À minha sobrinha Mila, por trazer alegria, vida e, sim, um pouco de bagunça, a nossa casa.

Aos amigos e amigas, pela constante presença.

À Nayara e Naiara, por me ensinarem o valor de uma amizade; pelas horas bem gastas simplesmente assistindo filmes, tocando violão ou fazendo planos para o futuro, me distraindo e tornando a pesquisa mais agradável; por cada instante juntos em que me foi dado amor, carinho e compreensão.

À Débora, Isadora, Jéssica e Raul, por me ensinarem que o nível de uma amizade pode ser aprofundado, por compartilharem alguns dos melhores momentos nesses anos, pelas idas ao cinema, às baladinhas e às nossas casas, ainda que os prazos estivessem em cima.

Ao Lucas, pelas conversas e debates sobre decolonialidade, pelos desabafos de nossas vidas pessoais; enfim, pela amizade decolonial à distância adquirida em Jataí.

Aos demais colegas dessa travessia, pelas contribuições à pesquisa e pelos bons momentos juntos.

RESUMO

As injustiças e opressões enfrentadas pelos subalternos vêm sendo estudadas há algumas décadas pelos Grupos de Estudos Subalternos, seja o de origem indiana ou latina. Com o auxílio dessas pesquisas, na contemporaneidade, os indivíduos excluídos adquirem voz, sendo ouvidos e respeitados na sociedade. Considerando esses fatos, a dissertação tem como objetivo contribuir para esse enfrentamento, ao estudar de que maneira a subalternidade é representada nas personagens de *Cloud Atlas* (2004), romance escrito por David Mitchell. Em nossas análises, evidenciaremos a presença de uma crítica às estruturas hegemônicas na construção das protagonistas, pertencentes a sociedades organizadas em hierarquias sociais e econômicas que propiciam a subjugação e abafamento da voz dos marginalizados. Verificaremos como Mitchell dá voz a personagens subversoras da relação de desprezo, ataque ou mesmo silenciamento. Como aparato crítico-teórico, fundamentamos nossa pesquisa em Grosfoguel (2008), Mignolo (2007) e Castro-Gómez (2005), para discutir questões relacionadas à decolonialidade; em Foucault (2015), Rabinow e Rose (2006), para tratar do conceito de biopoder; em Butler (2003), Foucault (1980) e Stadniky (2007), para estudar as questões de identidade e gênero; em Arendt (2000), Bauman (2014), Butler e Spivak (2007), para debater acerca da liberdade dos subalternos; em Bauman (2014) e Eagleton (2004; 1996), para estudar conceitos relacionados à contemporaneidade; e, por fim, Bhabha (2013) e Santana (2008), para discutir questões relacionadas às diversas concepções de tempo.

Palavras-chave: Subalternidade. David Mitchell. *Cloud Atlas*.

ABSTRACT

*Injustices and oppressions faced by subalterns have been studied for some decades by Subaltern Studies Groups, whether of Indian or Latin origin. With the aid of the group researches, contemporarily, excluded individuals acquire a voice, being heard and respected. Considering these facts, the dissertation aims to contribute to this fight by studying how subalternity is represented in characters in **Cloud Atlas** (2004), a novel written by David Mitchell. In our analysis, we will highlight the presence of hegemonic structure critiques in the construction of characters from subaltern groups. They belong to societies organized in a social and economic hierarchy, responsible for subjugation and muffling of subaltern's voices. We will observe how Mitchell gives voice to characters who subvert the contempt, attack or even muzzling subalterns. As a critical-theoretical approach, we base our research on Grosfoguel (2008), Mignolo (2007) and Castro-Goméz (2005), to discuss issues related to decoloniality; in Foucault (2015), Rabinow and Rose (2006), to deal with the concept of biopower; in Butler (2003), Foucault (1980) and Stadniky (2007), to study identity and gender issues; in Arendt (2000), Bauman (2014), Butler and Spivak (2007), to discuss subaltern freedom; in Bauman (2014) and Eagleton (2004, 1996), to study concepts related to contemporaneity; and finally, Bhabha (2013) and Santana (2008), to discuss issues related to different conceptions of time.*

*Keywords: Subalternity. David Mitchell. **Cloud Atlas**.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I: AUTUA E SONMI~451: ESCRAVIDÃO NA DECOLONIALIDADE	
1.1. A decolonialidade dos subalternos.....	13
1.1.1. Autua e o poder decolonial.....	16
1.1.2. Sonmi~451 e o giro decolonial.....	22
1.1.3. Autua e Sonmi~451 e as hierarquias escravocratas.....	29
1.2. O biopoder frente às vidas subalternas.....	32
CAPÍTULO II: LUISA E ROBERT: IDENTIDADES E PERFORMATIVIDADE	
2.1. Identidade, superioridade e fronteira.....	46
2.2. Identidades de gênero e <i>performance</i>.....	49
CAPÍTULO III: TIMOTHY E ZACHRY: LIBERDADE	
3.1. Tem o subalterno liberdade em sociedades predatórias hierárquicas?.....	63
CAPÍTULO IV: TODAS AS VOZES: CONSUMISMO E O TEMPO CINDIDO	
4.1. Tempos de consumo.....	77
4.2. Tempo cindido e simultaneidade temporal.....	90
4.2.1. Tempo duplo e cindido.....	92
4.2.2. Simultaneidade temporal e a metáfora do deus Chronos.....	98
CONSIDERAÇÕES.....	107
REFERÊNCIAS.....	111

INTRODUÇÃO

Os estudos subalternos desenvolvem-se de forma e em contextos diferentes dos observados no início do Grupo de Estudos Subalternos indianos, na década de 1970. Teóricos como Gayatri Chakravorty Spivak e Ranajit Guha lutam por trazer à superfície vozes silenciadas e reprimidas de certos grupos na sociedade indiana, denominados ‘subalternos’.

Segundo Spivak (1988), a proposta principal trazida pelo Grupo de Estudos é:

“[...] revisar a definição geral e a teorização, ao propor pelo menos duas coisas: em primeiro lugar, que o momento de mudança deve ser multiplicado e organizado como confrontos, ao invés de transição [...] e, em segundo lugar, as mudanças devem ser marcadas por uma mudança funcional no sistema. A mais importante é deixar de ser religiosa para ser militante” (p. 3).¹

Assim, modificando o modo como a História é contada e revendo teorizações da História dos países, no caso específico da Índia, poderia haver uma igualdade entre as diversas forças de poder. Além disso, Spivak propõe encarar as mudanças como militância contra poderes hegemônicos², mostrando a existência do subalterno merecedor do devido destaque pelo papel histórico empreendido.

A historiografia tradicional foi - e ainda é - dominada pela classe social de elite, a qual descreve o subalterno por meio de uma perspectiva que privilegia os anseios e as demandas da sociedade hegemônica. De acordo com Spivak (1988), “[...] é somente nos textos de contrarrevolução ou na documentação elitista que recebemos as notícias da consciência do subalterno” (p. 12), de modo que a resistência vivida por grupos de classes inferiores é percebida como uma crise ou uma dificuldade enfrentada pelas autoridades. Há uma incapacidade hegemônica de compreender e lidar com a possibilidade de o subalterno

¹ Tradução nossa do excerto: “[...] *to be revising this general definition and its theorization by proposing at least two things: first, that the moment(s) of change be pluralized and plotted as confrontations rather than transition [...] and, secondly, that such changes are signalled or marked by a functional change in sign-systems. The most important functional change is from the religious to the militant*” (SPIVAK, 1988, p. 3).

² Compreendemos *hegemonia*, conceito primeiramente cunhado por Gramsci, a partir do conceito de ‘hegemônico’ de Abagnanno (2007), isto é, “[...] a razão que anima e governa o mundo.” (p. 497). Assim, a *hegemonia* constitui-se em forças regendo as sociedades, contemplando, por exemplo, a figura masculina, branca e de classes sociais superiores, no contexto ocidental. É necessário atentar, no entanto, para a “personalidade” representativa da hegemonia não sendo a mesma para todas as situações e localizações. No contexto indiano, por exemplo, vemos essa relação de poder na cultura do ainda perpetuado sistema de castas.

ter alguma relevância social. No momento em que há demonstrações de ameaça da perda de poder, as classes superiores fazem questão de que isso não ocorra ou transpareça na historiografia.

Ainda, de acordo com Guha (2000), essa historiografia “[...] falha em reconhecer, bem menos em interpretar, as contribuições feitas pelas pessoas, *por si mesmas*, isto é, independentemente da elite, para o desenvolvimento desse nacionalismo” (p. 2).³ Assim, a historiografia de diversos países apresenta relatos históricos de forma a vincular personagens, pertencentes à diferentes classes sociais, com a elite. A proposta do Grupo de Estudos Subalternos é subverter a perspectiva, e trazer à frente a percepção das classes silenciadas na História.

Atualmente, os Estudos Subalternos, como abordagem crítica, superam o contexto inicial indiano, abarcando outros países que também enfrentaram a colonização, em especial a região da América Latina. De fato, no início da década de 1990, há a criação do Grupo de Estudos Subalternos Latino, cujos objetivos principais são a inserção do contexto latino-americano na discussão a respeito da subalternidade, além da introdução de conceitos como “decolonialidade” (GROSSFOGUEL, 2008), “colonialidade do poder” (QUIJANO, 2005), “giro decolonial” (MIGNOLO, 2007), entre outros.

Como veremos no primeiro capítulo, por meio da decolonialidade, considera-se a colonialidade não extinta com o fim da colonização, isto é, há a presença de resquícios das estruturas coloniais nos países latinos. Dessa maneira, os estudiosos do grupo iniciam as discussões contemporâneas acerca de uma relação de subalternidade global, que não se extingue com a historiografia ocidental.

Para além das contribuições dos Estudos Subalternos, julgamos de grande relevância trazer para o escopo teórico outras

[...] abordagens não apenas imanentes do texto, como os estudos de gênero, as abordagens sociopolíticas, as complexas relações estabelecidas pelo ato de fala, desviante e propiciador de aberturas das normas prescritas, e os estudos subalternos, principalmente o latino-americano. (NIGRO, 2017, p. 16)

Cada um desses estudos possui particularidades que nos auxiliam a compreender a forma

³ Tradução nossa do excerto: “[...] *fails to acknowledge, far less interpret, the contribution made by the people on their own, that is independently of the elite to the making and development of this nationalism*” (GUHA, 2000, p. 2).

como o subalterno batalha para não ser silenciado por forças hegemônicas e como essa “intervenção política” apresenta-se no discurso do texto literário.

Nesta dissertação, utilizaremos a abordagem pós-estrutural no primeiro capítulo, com o propósito de compreender a dinâmica das forças de poder em termos da vida e do corpo dos subalternos. Para tanto, fundamentaremos nossas pesquisas nos trabalhos de Foucault (2005; 2015), enfatizando uma genealogia do biopoder.

A abordagem de gênero será empregada, a fim de compreender o enfrentamento das mulheres em uma sociedade pautada por princípios sexistas. Para isso, é de grande auxílio o percurso crítico percorrido por pensadores como Butler (2003; 2009) e Foucault (1980),⁴ bases para as reflexões do segundo capítulo da pesquisa.

Já no terceiro capítulo, retornaremos para uma abordagem pós-estrutural e sociológica, com o intuito de compreender as possíveis manifestações de liberdade em uma sociedade injusta e opressiva. Empregaremos nesse momento as pesquisas de Arendt (2000), Butler e Spivak (2007) e Bauman (2014) como suporte teórico.

No quarto capítulo, faremos uma análise geral da subalternidade, trazendo uma discussão acerca do período contemporâneo e do trajeto econômico e social percorrido desde a temporalidade inicial no romance, isto é, final do século XIX. Serviremo-nos de abordagens pós-estruturais contemporâneas, como os estudos de Bauman (2014) e Eagleton (1996; 2004). Além disso, será de grande auxílio uma abordagem pós-colonial, representada por Bhabha (2013), na medida em que examinaremos a constituição das diversas temporalidades em meio às alterações de poder nas sociedades.

Tendo em vista essas considerações, o objetivo é analisar criticamente o romance *Cloud Atlas*, de David Mitchell, pelas abordagens dos Estudos Subalternos, de Gênero, do Pós-Estruturalismo, do Pós-Colonialismo, entre outras, buscando determinar como a obra mostra o tratamento de personagens subalternas em uma sociedade hegemônica. Objetivamos, ademais, compreender a situação de subalternidade nos contextos específicos das protagonistas, atentando-nos aos contrastes entre grupos no poder político e econômico e grupos fora do poder.

Em *Cloud Atlas*, como em alguns romances de Mitchell, há várias particularidades e

⁴ Tanto no primeiro quanto no segundo capítulos fundamentamos nossa pesquisa na teoria foucaultiana, porém, assim como deixaremos claro a seguir, os textos utilizados referem-se ao pensamento pós-estrutural desenvolvido por Foucault. Afastamo-nos, assim, de abordagens e teorias estruturais, baseadas em dualidades e binarismos, não condizentes com nossa pesquisa.

complexidades, tanto em termos de estrutura, quanto em termos dos assuntos discutidos na narrativa. O romance narra seis histórias diferentes passadas em períodos históricos e locais distintos, desde as ilhas no sul do Oceano Pacífico durante o final do século XIX até o Havaí de um futuro pós-apocalíptico.

No entanto, a complexidade não se limita somente ao enredo e às técnicas narrativas. A estrutura intrincada do livro, por exemplo, é baseada em um questionamento do autor: “O que aconteceria se um espelho fosse colocado ao final do livro, fazendo com que a história continuasse em uma segunda metade, levando o leitor ao início?” (MITCHELL, 2010, s/p)⁵. Desse modo, os seis capítulos são divididos em duas partes, sendo a primeira organizada em ordem numérica crescente (1-2-3-4-5-6) e a segunda decrescente (5-4-3-2-1).

Além da ordem não usual das narrativas, nota-se que cada uma é redigida em um gênero textual diferente. O primeiro texto pertence ao gênero diário, de Adam Ewing; o segundo, ao gênero epistolar (cartas de Robert Frobisher endereçadas a Rufus Sixsmith); o terceiro, ao gênero romance de banca (“romance de aeroporto” sobre Luisa Rey); o quarto, ao gênero “roteiro manuscrito” (um futuro filme sobre os acontecimentos na vida de Timothy Cavendish); o quinto, ao gênero entrevista (transcrições da última entrevista de Sonmi-451); e o sexto, ao gênero de narrativa oral (a história de Zachry). Cada história é lida/vista pela protagonista da história seguinte. A leitura inicia-se na primeira parte, é interrompida por um momento e finalizada na segunda parte do capítulo.

Cabe aqui mencionar que *Cloud Atlas* não é o primeiro romance do autor e também detalhar um pouco da biografia. David Mitchell nasceu em Southport, na Inglaterra em 1969. Apesar de passar a infância e realizar graduação em Inglês e Literatura Norteamericana e mestrado em Literatura Comparada no país de nascença, o autor permaneceu parte da vida adulta na Sicília, Itália e em Hiroshima, Japão - essas variadas experiências culturais podem ser visualizadas em grande parte das obras. Atualmente Mitchell mora na Irlanda com a esposa Keiko Yoshida e dois filhos, tendo recentemente traduzido, do japonês para o inglês, o livro *Fall Down 7 Times Get Up 8: A Young Man's Voice from the Silence of Autism*, do jovem autor Naoki Higashida.

Até o momento, Mitchell escreveu sete romances: *ghostwritten* (2001), *Cloud Atlas* (2004), *The Thousand Autumns Of Jacob De Zoet* (2011), *Number9Dream* (2014a), *Black*

⁵ Tradução nossa do excerto: “What would it actually look like if a mirror were placed at the end of the book, and you continued into a second half that took you back to the beginning?” (MITCHELL, 2010, s/p).

Swan Green (2007), *The Bone Clocks* (2014b) e *Slade House* (2015b). Dentre elas, somente as seguintes foram traduzidas para o português: *Cloud Atlas* (2004) para *Atlas de nuvens* (2016), *The Thousand Autumns Of Jacob De Zoet* (2011) para *Os mil outonos de Jacob de Zoet* (2015a), *Black Swan Green* (2007) para *Menino de lugar nenhum* (2008).

Ressaltamos nossa decisão, nesta dissertação, de realizar as traduções de *Cloud Atlas*, ao invés de utilizar a versão existente. Essa escolha decorre da nossa leitura crítica sobre a tradução, optando por uma maior aderência a nossa interpretação do texto base. Reconhecemos a importância do trabalho realizado na tradução oficial, mas optamos por apresentar nossa própria tradução no decorrer da pesquisa.

É necessário também mencionar que, devido às inovações linguísticas e semânticas trazidas por Mitchell no texto base, é possível notar, principalmente nas traduções relativas a quinta e sexta narrativas, uma escrita não usual. Buscamos manter a criação de novas palavras e a modificação de algumas palavras que comecem com as letras “ex” na quinta narrativa, e adequar a tradução para a variante que foge da norma padrão da língua portuguesa na sexta narrativa. Ambas as decisões seguem as escolhas do texto base, pois consideramos uma grande contribuição para a caracterização do período futuro e das personagens.

Apesar das inúmeras riquezas da obra, nosso trabalho envolve averiguar como cada protagonista é representada em uma determinada classe subalterna, e como se posiciona na narrativa. Em ordem crescente dos capítulos, nos focaremos em Autua, escravo de uma tribo indígena; Robert Frobisher, compositor bissexual; Luisa Rey, mulher jornalista; Timothy Cavendish, editor idoso; Sonmi-451, escrava clone coreana; Zachry, jovem de uma tribo indígena prestes a se tornar escravo. Na dinâmica social em que cada personagem está inserida, é possível notar a presença de um contexto de disputa de poder em que são desprezadas e subjugadas.

A seguir, relataremos uma síntese do que versam as seis narrativas de *Cloud Atlas*, contextualizando-as para as discussões na dissertação.

A primeira história, situada no final do século XIX, trata da jornada de Adam Ewing, advogado estadunidense, e o retorno das ilhas Chatham, Nova Zelândia aos Estados Unidos de navio. Durante a estadia nessa região, a personagem encontra Henry Goose, suposto médico europeu, e estabelecem uma amizade – pelo menos na visão de Ewing. Após um desmaio, Goose falsamente o diagnostica com uma doença grave e lhe oferece um veneno, disfarçado de remédio. Conforme descobrimos depois, o objetivo de Goose é

se apossar dos bens de Ewing. No meio tempo, durante a viagem, Ewing descobre Autua, escravo Moriori da tribo Maori, viajando clandestinamente. Após vários pedidos, convence o capitão a deixá-lo trabalhar como pagamento da viagem. Essa atitude foi acertada, visto que Autua é o responsável, no final, por salvar Ewing de morrer envenenado por Goose. Uma das qualidades desta narrativa é a forma como Mitchell escreve: por meio de uma estrutura sintática e de um vocabulário mais arcaico. Dessa maneira, o leitor tem a oportunidade de sentir-se em contato direto com o contexto e com a época retratada.

A segunda história, ambientada no início do século XX, ocupa-se dos meses em que Robert Frobisher, um compositor talentoso, vive como assistente de Vyvyan Ayrs, famoso e já idoso compositor, após ser deserdado e expulso de casa por se relacionar com Rufus Sixsmith. Desenvolvendo-se por meio de cartas, a narrativa revela as peripécias da vida de Frobisher, desde o caso com Jocasta Ayrs, mulher de Vyvyan, até a paixão por Eva Ayrs, filha de Vyvyan, e as realizações musicais criadas. A narrativa é ainda marcada pelo fim trágico do suicídio de Frobisher, após várias decepções amorosas e o término de seu sexteto intitulado *Cloud Atlas*. Assim, ao final, o leitor acompanha as dores e decepções da protagonista, que, apesar de trocar inúmeras cartas com Sixsmith, não consegue concretizar o relacionamento com ele. Novamente, o destaque da narrativa é a linguagem, dessa vez rebuscada e poética, própria de um jovem artista do início do século XX. A grande paixão da protagonista transparece nas cartas e nos projetos artísticos.

A terceira história, contextualizada nos anos 1975, traz como foco a vida de Luisa Rey, jornalista estadunidense, que, ao entrar em contato com Rufus Sixsmith, decide investigar as mentiras e falhas nas plantas nucleares da companhia *Seaboard*. Durante as investigações, Rey é perseguida, atirada dentro do carro em um rio, envolvida em um tiroteio e sofre atentados com uma bomba em que quase perde a vida. No final, após ainda ter de enfrentar ofensas machistas e assédio moral no trabalho, encontra um relatório de Sixsmith e decide publicá-lo na revista. O romance, nesse momento, distancia-se das narrativas anteriores, tanto pela presença de um narrador em terceira pessoa, quanto pela mudança para um gênero textual de romance de banca. No entanto, mesmo sendo um texto de leitura mais rápida e com um enredo repleto de ações passíveis de críticas, como Timothy Cavendish deixará claro na narrativa seguinte, o leitor identifica-se com a protagonista e torce para que tenha sucesso nas investigações.

A quarta história, ambientada no tempo presente, permeia os infortúnios da vida de Timothy Cavendish, editor britânico, ao ser internado em uma casa de repouso pelo irmão.

Após pedir ajuda financeira, Cavendish é enganado e levado a assinar um contrato para ser mantido preso na casa. Como se não bastasse estar recluso contra a própria vontade, passa a enfrentar inclusive abusos físicos e psicológicos dos funcionários. Na busca por liberdade, Cavendish, junto com novos amigos, escapa, ao final. Se nas outras narrativas há a presença de um tom mais sério e dramático, nesse capítulo o tom de humor preenche as páginas, sem apartar a narrativa do tom denunciador. Com uma brilhante habilidade de narrar, Timothy Cavendish conta aventuras, na maioria tristes e revoltantes (envolvendo agressões verbais e físicas), sempre usando o humor.

A quinta história, ambientada em tempos futuros, aborda a vida de Sonmi-451, escrava clone geneticamente criada por uma Coreia unificada e controlada por grandes corporações. A protagonista, vivendo de modo alienado e sem questionamentos a respeito das estruturas que a rodeiam, assim como as irmãs, trabalha em um restaurante de *fast food*, servindo os consumidores desde o dia da sua criação. Sonmi, no entanto, adquire lucidez para não concordar com as situações às quais é exposta e foge com a ajuda de integrantes de um grupo revolucionário. A partir desse momento, a personagem inicia uma jornada para conhecer o mundo, e suas injustiças e desigualdades, até o ponto em que decide escrever um tratado criticando a sociedade. No final, a personagem é presa e sentenciada à morte, porém se vê orgulhosa de ter espalhado os ideais de igualdade num manifesto. O leitor depara-se, então, com uma realidade nova, a prospectiva de Mitchell para um tempo futuro. E, de fato, isso ocorre, seja por meio de uma linguagem distinta e complexa – repleta de vocábulos criados ou com o significado modificado –, seja por meio das imagens descritas da cidade, dos restaurantes, entre outros.

A sexta história, narrada em um futuro pós-apocalíptico, ainda mais distante da quinta narrativa, traz os acontecimentos da vida de Zachry, um adolescente dos Valleyemen, uma tribo pacífica no Havaí, ao conhecer e conviver com Meronym, membro dos Prescientes, um grupo com tecnologias avançadas. Com o objetivo de resgatar o passado perdido no local, Meronym consegue a ajuda de Zachry para guiá-la. No entanto, a jornada dos dois é interrompida pelo constante ataque dos Konas, uma tribo violenta. Dessa forma, grande parte dos Valleyemen é dizimada, mas Meronym e Zachry escapam e fogem com as tecnologias dos Prescientes. A última história pode ser considerada, à primeira vista, como a mais hermética e complexa de assimilar. Possui uma linguagem de difícil compreensão, com a escrita semelhante à transcrição de uma língua sem regras gramaticais fixas. Entretanto, o leitor encontra a beleza da narrativa justamente no ato de decifrar esse

desafio de linguagem e na percepção de uma realidade pós-apocalíptica, com um retorno ao primitivismo.

As narrativas dos capítulos permitem um aprofundamento da leitura da obra guiado pelas personagens. É interessante apontar que o universo e as personagens criados por Mitchell não se limitam ao romance, mas continuam em outros textos do escritor. Assim, vemos a presença de diversas personagens em outras narrativas, sejam publicadas antes ou depois de *Cloud Atlas*. Por exemplo, tanto Luisa Rey quanto Timothy Cavendish têm uma curta aparição em *ghostwritten* (1999), assim como Eva Ayrs aparece em *Black Swan Green* (2006), como professora de francês do jovem Jason Taylor.

Reiteramos que a complexidade do universo Mitchiano é grande, porém neste trabalho focamos na construção das personagens subalternas. De fato, em nossas análises, observamos que as protagonistas, com exceção de Adam Ewing, pertencem a grupos subalternos e lutam constantemente pela liberdade e possibilidade de fala. E, apesar de Ewing não se caracterizar como subalterno, vemos em Autua uma importante figura subalterna, desempenhando um papel de grande relevância, assim como veremos no primeiro capítulo.

Em estágios iniciais da pesquisa, questionamos a exequibilidade da exposição e criação dessas personagens por Mitchell, propondo-nos a investigar se há alguns resquícios hegemônicos na obra. Assim como será comprovado nas próximas páginas, Mitchell é capaz de captar as problemáticas de épocas variadas e apresentar personagens complexas, que, apesar de enfrentarem um processo de exclusão, conseguem se impor e sugerir igualdade.

Nossa única ressalva recai sobre Frobisher, protagonista da quarta narrativa, visto que, em uma primeira leitura, pode-se considerar o fim trágico como sua única possibilidade. Pode-se dizer que, em Mitchell, a vida do subalterno - relacionado a questões de gênero e sexualidade - somente encontra um desfecho com o suicídio ou situações desastrosas. Entretanto, como será visto no segundo capítulo da dissertação, a protagonista fornece ao leitor explicações sobre o porquê de ter cometido o suicídio no final, o qual não é motivado apenas por problemas amorosos ou relacionados às estruturas de poder. A atitude de Frobisher envolve questionamentos do contexto em que vive, das condições psicológicas, e do sofrimento acumulado, isto é, um panorama mais amplo da condição do sujeito.

Com o intuito de organizar a dissertação, na divisão de capítulos agrupamos as personagens subalternas de acordo com pontos em comum em termos de subjugação. Desse modo, apresentamos em conjunto as análises de Sonmi~451 e Autua (discriminados pela condição racial e escravidão); de Frobisher e Rey (discriminados por gênero); e de Cavendish e Zachry (discriminados e aprisionados por sociedades opressivas). Isso não significa que uma abordagem distinta não se encaixe nas outras personagens, mas, para fins didáticos, dividimo-nas de acordo com as similitudes e as afinidades.

Em relação à estrutura desta dissertação, dividimos em quatro capítulos, subdivididos em uma ou duas seções, algumas das quais são novamente repartidas em subseções. No primeiro capítulo, intitulado *Autua e Sonmi~451: Escravidão na decolonialidade*, trataremos da maneira como as personagens da primeira e da quinta narrativa são representadas enquanto escravas, utilizando-nos da abordagem decolonial e pós-estrutural. Empregaremos como base crítica, para tanto, Grossfoguel (2008), Mignolo (2007), e Castro-Gómez (2005), a fim de analisar especificamente o esforço subalterno contemporâneo contra os resquícios do colonialismo. Além disso, basearemos-nos em Foucault (2015) para compreender como o biopoder se faz presente e como as personagens o enfrentam.

No segundo capítulo, intitulado *Luisa e Robert: identidades e performatividade*, contextualizaremos os conceitos de identidade e performatividade segundo a abordagem de gênero, revelando como estas ocorrem na segunda e terceira narrativas. Ademais, enfatizaremos no enfrentamento, por parte de Frobisher e Rey, de uma sociedade sexista e homofóbica a partir das considerações de Butler (2003) e Foucault (1980), cujos estudos versam sobre a percepção contemporânea de gênero e sexo.

No terceiro capítulo, *Timothy e Zachry: liberdade*, trataremos da forma como as protagonistas da quarta e sexta narrativa são privadas da liberdade por personagens detentoras de poder. Além disso, analisaremos quais ferramentas são usufruídas na construção dessas protagonistas e no empenho pela liberdade. Para tanto, utilizaremos os trabalhos de Arendt (2000), Bauman (2014), Butler e Spivak (2007), com a finalidade de entender o conceito de liberdade e emancipação, e as ligações com as concepções previamente vistos de performatividade.

No quarto e último capítulo, intitulado *Todas as vozes: consumismo e o tempo cindido*, reuniremos as personagens subalternas investigadas nesse trabalho e realizaremos reflexões acerca das temporalidades no romance. Primeiro focaremos no tempo consumista

permeando cada uma das narrativas e sendo responsável pelas ideologias hegemônicas excludentes. Essa análise terá como base os estudos de Eagleton (2004) e Bauman (2014). Em seguida, investigaremos, a partir de Bhabha (2013) e Santana (2008), os conceitos de temporalidade cindida e simultaneidade temporal como responsáveis pela interferência e união de cada narrativa e personagem em *Cloud Atlas*.

No conjunto dos capítulos, teremos um panorama da subalternidade em *Cloud Atlas*, cujas personagens contribuem, com o objetivo de tornar a realidade mais justa e igualitária, cada uma enfrentando desafios, contextos e limitações variados. Veremos, nessa dissertação, que o subalterno, no romance, adquire voz e, em conjunto com as outras personagens, desestabiliza as estruturas de poder. Segue, agora, a investigação das teorias e as análises propostas.

CAPÍTULO I

AUTUA E SONMI~451: ESCRAVIDÃO NA DECOLONIALIDADE

Nesse primeiro capítulo, objetiva-se apresentar a pesquisa efetuada acerca dos temas *decolonialidade* (GROSSFOGUEL, 2008) e *biopoder* (FOUCAULT, 2015), a fim de examinar as personagens Autua, do capítulo “The Pacific Journal of Adam Ewing”, e Sonmi~451, do capítulo “An Orison Of Sonmi~451”. Dessa maneira, buscaremos compreender como esses conceitos permeiam as duas narrativas, e como as personagens combatem a colonialidade arraigada e o biopoder imposto.

Partiremos em um primeiro momento das teorizações relacionadas à decolonialidade, realizadas pelo grupo de Estudos Subalternos Latino, cujo objetivo é dar um valor maior para a experiência subalterna. Assim, tendo visto o apagamento e silenciamento de personalidades subjugadas, os pensadores buscam criar um ambiente em que possam ser escutados, valorizados. Por isso, lançam-se de conceitos como o giro decolonial (MIGNOLO, 2007), em que há o reconhecimento da capacidade intelectual e da contribuição teórica de grupos invisibilizados. Discorreremos com mais profundidade nas páginas a seguir.

É necessário mencionar que, de fato, não há uma cisão completa com o lado hegemônico/colonizador, isto é, o objetivo desse grupo não é a separação total entre subalternidade e hegemonia, em virtude de essa ser uma iniciativa impossível de ser realizada. Há uma busca pela união e pela pacificidade entre os grupos, ou seja, não se empenha em inverter posições de poder, e sim em dar um espaço justo para todos os grupos existentes.

Como veremos a seguir, as personagens mencionadas acima podem ser consideradas representantes de conceitos da perspectiva decolonial. Desse modo, a forma como ambas enfrentam os grupos hegemônicos, isto é, os europeus e a tribo maori na narrativa de Autua e os sangue-puros e o governo corporático na narrativa de Sonmi, podem ser sustentadas pela perspectiva decolonial, isto é, como uma forma de resistência da cultura e do pensamento subalterno.

Em um segundo momento, iremos tratar do conceito de *biopoder*, revelando a maneira como tanto Autua quanto Sonmi enfrentam uma dominação corporal por parte dos Maoris e Europeus, e do governo corporático, respectivamente. Reforçamos que, embora

haja forças hegemônicas se esforçando para controlá-las, as personagens subalternas de Mitchell são capazes de rebelar e, cada uma a seu modo, combater esses poderes.

Serão exploradas nas próximas páginas punições, flagelações, abusos, extermínio do corpo dos escravos morioris, em específico de Autua; e objetificação, alienação, construção genética, com fins antiéticos, do corpo das escravas clones coreanas, em específico Sonmi~451.

Com o propósito de tornar a apresentação do trabalho mais didática, o capítulo está dividido em (1.1.) *A decolonialidade dos subalternos*, sendo este dividido novamente em (1.1.1.) *Autua e o poder decolonial*, (1.1.2.) *Sonmi~451 e o giro decolonial*, e (1.1.3.) *Autua e Sonmi~451 e as hierarquias escravocratas*; e em (1.2.) *O biopoder frente às vidas subalternas*.

1.1. A DECOLONIALIDADE⁶ DOS SUBALTERNOS

No presente subcapítulo, evidenciaremos de que maneira as personagens subalternas adquirem empoderamento nos capítulos “The Pacific Journal of Adam Ewing” e “An Orison of Sonmi~451”, isto é, veremos como as vozes e os discursos das personagens ampliam-se e ganham mobilidade diante de sociedades autoritárias e excludentes. Discutiremos conceitos recentes acerca dos Estudos Subalternos Latinos, principalmente os relacionados com a decolonialidade, e perceberemos de que maneira estão dispostos na narrativa em voga. Além disso, será feita uma reflexão acerca da necessidade das narrativas decoloniais estarem intimamente ligadas e dentro das metanarrativas hegemônicas.

Começaremos pelo conceito de decolonialidade. O termo foi cunhado por pensadores do Grupo de Estudos Subalternos Latinos, representados por Walter D. Mignolo, Arturo Escobar, Enrique Dussel e Santiago Castro-Gomes, com o objetivo de expor a perpetuação da colonialidade após o fim da colonização e a necessidade de uma luta constante para subverter a situação. O grupo hoje se encontra desagregado, devido a divergências de percepção individual acerca dos novos conceitos. De acordo com Grosfoguel (2008), alguns dos membros conservaram-se focados apenas em pesquisas eurocêntricas, ou seja, teorias produzidas e ainda sediadas na região norte do globo.

Sabemos que os Estudos Subalternos surgiram por meio da valorização dos chamados “os quatro cavaleiros do Apocalipse” (MALLON, 1994) — Foucault, Derrida, Gramsci e Guha —, e que aqueles membros voltaram a atenção para os três pensadores eurocêntricos, enquanto o não-europeu (Índia) foi, de certa forma, relegado. Foucault e Derrida, por exemplo, são uns dos principais autores dos movimentos pós-estruturalistas/pós-modernos, os quais apresentam, em certos momentos, uma perspectiva eurocêntrica (embora na sua maioria demonstrem estar aliados ao tema da subalternidade, assim como será visto no subcapítulo a seguir). Para Grosfoguel, há uma necessidade de incluir mais pensadores não europeus, fornecendo-os plataformas de exposição. Critica-se,

⁶ Tratando da tradução do termo “*decolonialidad*” para o português, a aparente não unanimidade deve ser abordada nesse momento. Preferimos o uso de “decolonialidade” ao invés de “descolonialidade” pelo fato de que o uso do prefixo “des-” indica uma negação, uma separação, isto é, um binarismo inevitável. Já o prefixo “de”, apesar de ter um sentido voltado para contradições, não nos remete a um sistema dual. Ou seja, enquanto no primeiro há uma tentativa de desfazer e superar o colonial, no segundo há uma possibilidade de empoderamento político da subalternidade na transcendência da colonialidade.

desse modo, o fato de não se dar força ao âmbito latino, isto é, desconsiderando o outro e reputando valor para o lado conservador dos europeus citados.

Compreendemos que a motivação de Grosfoguel, por trás da crítica ao estudo pautado nos autores eurocêntricos, seja estabelecer uma caracterização forte do conceito de decolonialidade, o qual preza pela possibilidade de fala do subalterno. No entanto, não podemos desconsiderar as contribuições dos europeus para a modificação das estruturas hegemônicas. Derrida, por exemplo, por meio da *desconstrução*, apresenta fortes críticas às hierarquias da sociedade capitalista moderna, no sentido de defender a inversão das tradicionalmente impostas. Ao invés de cair em um discurso extremista, o pensador compreende essa situação como um jogo, em que há uma alternância contínua do poder, jamais binário. Já Foucault, embora hegemônico quando sustenta que nada pode ser pensado fora da estrutura do poder – *A palavra e as coisas* (2000) –, fornece aportes contra hegemônicos de suma importância para o estudo subalterno quando escreve *A história da loucura* (1997) e *A história da sexualidade* (2015), revelando injustiças quando o pensamento dominante influencia o “diagnóstico” da loucura e da subjugação do corpo humano.

Reforçando a importância de Foucault para nossas pesquisas, traremos, na seção seguinte, a interpretação das personagens de acordo com o conceito de *biopoder*. Dessa maneira, excluir os pensamentos eurocêntricos dissidentes não será uma prática nesse trabalho, pois serão considerados como adjuntos a conceitos trazidos por autores subalternos.

Concordamos com Grosfoguel (2008) quando afirma a necessidade de uma perspectiva não centralizadora. Percebemos que a decolonialidade não se dá como “[...] uma crítica anti-europeia fundamentalista e essencialista. Trata-se de uma perspectiva crítica em relação ao nacionalismo, ao colonialismo e aos fundamentalismos, quer eurocêntricos, quer do Terceiro Mundo” (p. 117). O próprio Grosfoguel não cai em extremismos. Não atesta a exclusão dos europeus. A proposta do crítico é a inclusão de mais autores não europeus, de linhas de pensamentos mais amplas na rede epistemológica, abarcando não somente o cânone, mas também os outros.

Aproveitamos esse momento para observar que a narrativa de *Cloud Atlas* gira em torno de um pensamento não dual e não extremista, em que há uma busca pela união de tribos, civilizações, grupos sociais, entre outros comumente adversários. Tal característica perpassa diversas épocas, desde o fim do século XIX até os meados do século XXIV, ou

seja, manifestando-se em instantes cujo período histórico do colonialismo ainda não chega a um término, e em momentos em que a colonialidade permanece sem as administrações coloniais.

É um “equivoco” pensar não haver conflitos ideológicos devido à colonialidade não estar em voga na Europa na década de 1930, por exemplo. É perceptível, em “Letters from Zedelghem”, a presença de um embate entre Robert Frobisher, um jovem bissexual, e a sociedade pautada na hegemonia machista de um “colonialismo romano”, representada, principalmente, pelo pai e pelo famoso compositor Vyvyan Ayr. Assim como no ano de 2321, em “Sloosha’s Crossin’ An’ Ev’rythin’ After”, as forças hegemônicas dos prescidentes, representadas por Meronym, funcionam, ainda que mais amenizada, como manifestações da colonialidade nos povos do vale, no futurístico e distópico Hawaii, manifestados principalmente por Zachry. Podemos observar a relação conflituosa no momento em que Meronym revela a possível reação da tribo de Zachry ao se deparar com os acontecimentos do passado:

Os Valleysmen não gostariam de ouvir, ela respondeu, que a fome dos seres humanos deu origem à civilização, mas também a matou. Eu sei pelas outras tribos fora do continente, com os quais fiquei. Quando você diz que as crenças de alguém não é verdade, acham que está falando que as vidas deles não é verdade e que a verdade deles não é verdadeira (MITCHELL, 2004, p. 273).⁷

Assim como atentado na citação anterior, os conflitos ideológicos e políticos estão presentes independente do período histórico, perspassando todo o romance de Mitchell. Isso se dá devido às relações histórico-políticas coloniais não desaparecerem milagrosamente das civilizações. As ideologias e os pensamentos hegemônicos não são simplesmente descartados. Há uma permanência, em grande parte dos países, do racismo, da homofobia, do machismo, entre outras ideologias opressoras, provenientes dos que estão no poder.

O pensamento de que a colonialidade não existe constrói-se em cima do que Grosfoguel (2008) chama de um dos maiores mitos do século XX. Segundo o teórico, esse mito

⁷ Tradução nossa do excerto: “*Valleysmen’d not want to hear, she answered, that human hunger birthed the Civ’lize, but human hunger killed it too. I know it from other tribes offland what I stayed with. Times are you say a person’s b’liefs ain’t true, they think you’re sayin their lifes ain’t true an’ their truth ain’t true*” (MITCHELL, 2004, p. 273).

[...] foi a noção de que a eliminação das administrações coloniais conduzia à descolonização do mundo, o que originou o mito de um mundo “pós-colonial”. As múltiplas e heterogêneas estruturas globais, implantadas durante um período de 450 anos, não se evaporaram juntamente com a descolonização jurídico-política da periferia ao longo dos últimos 50 anos. Continuamos a viver sob a mesma “matriz de poder colonial” (p. 126).

De fato, apesar da independência política da maioria dos países, os povos ainda mantêm uma relação hierárquica com os poderes ocidentais, cuja dominação política e exploração econômica ainda acontecem. Embora pertença a uma nação hegemônica, Mitchell⁸ traz, em suas narrativas, não somente o poder hegemônico, mas a contrapartida nas vozes da subalternidade. A importância dos protagonistas, dos embates e das resoluções de conflitos, dá-se pelo fato de que, a cada capítulo, o subalterno consegue empoderamento e plataformas para expor pensamentos e ideologias próprios. Ou seja, a dominação política e social, a subjugação corporal, o poder e o efeito da colonialidade: todos são reduzidos na medida em que os subalternos começam a enfrentar e conquistar direitos e momentos de fala. Mitchell, portanto, faz-se dissidente como Derrida e Foucault.

1.1.1. Autua e o poder decolonial

Tratando do capítulo “The Pacific Journal of Adam Ewing”, a luta de Autua é um pouco conturbada e diferenciada. Consideramos que a colonialidade na personagem manifesta-se por meio de uma dupla colonização, tendo em vista o contato hierárquico e de dominação com a tribo Maori e com a população ocidental.

Para compreender o fenômeno, precisamos nos atentar à historiografia da região das ilhas da Polinésia, exclusivamente na Nova Zelândia. Antes das navegações e explorações europeias, havia duas tribos aborígenes: os Maoris e os Morioris. Enquanto os primeiros detêm o domínio quase completo das ilhas da Nova Zelândia, os segundos ocupam uma ilha chamada pelos nativos de *Rēkohu*, ou posteriormente de ilhas Chatham.

⁸ É interessante notar a perspicácia de Mitchell ao conseguir captar a atmosfera separatista contemporânea da Inglaterra, cujos avanços chegaram ao ápice de, em 2016, tomar a resolução de sair da União Europeia (UE). Em um momento histórico em que cresce consideravelmente o número de imigrantes, seja de países europeus, seja de ex-colônias, a Inglaterra reage pautada num movimento nacionalista. Ao não mais fazer parte da UE, vê-se a possibilidade de combater a iminente crise econômica europeia. *Cloud Atlas*, assim como compreendemos, serve justamente para criticar essas posturas extremistas, expondo tais atitudes reacionárias servindo para a hegemonia permanecer no poder silenciando os marginalizados.

Diferentemente dos Maoris, os Morioris adotam, desde a chegada em *Rēkohu*, a lei de Nunuku, criada pelo líder Nunuku-Whenua, cujos princípios básicos são a proibição do assassinato e do canibalismo. De acordo com Davis e Solomon (2016), o líder dirige-se aos nativos por meio da seguinte frase: “De agora em diante, até o sempre, nunca mais haverá guerra assim como se vê hoje”. As atitudes e ideologias pacíficas não são compartilhadas pela outra tribo, a qual vê as guerras como algo indispensável para a prosperidade dos povos: “Os Maoris prosperam por meio de guerras & vingança & disputas, mas a paz os mata” (MITCHELL, 2004, p. 32)⁹, nas palavras de Autua.

A pacificidade Moriori mantém-se inalterada até o momento da invasão e do massacre Maori, cujo auxílio de armas e navios é proveniente dos colonizadores ingleses. Muitos são mortos pelas doenças trazidas da Europa, sendo que outros morrem brutalmente nas mãos dos Maoris. O restante é escravizado pelos Maoris em condições precárias. Dentre todas as atrocidades cometidas pelos Maoris, estão inclusas a destruição dos locais religiosos e a “esterilização” — proibição das uniões entre Morioris, impedindo a continuidade genealógica.

Apesar das diferenças, as tribos possuem uma descendência em comum, provenientes dos polinésios ocupantes da região da Nova Zelândia no século XIII. Segundo Howe (2016), a separação das tribos dá-se possivelmente em 1500, quando os Morioris migram para as ilhas adjuntas ao país. É necessário mencionar que, no século XIX, a historiografia considerava os Morioris provenientes da Malásia, sem qualquer relação genealógica com os Maoris. Essa historiografia, feita por colonizadores ingleses baseados em relatos Maoris, revela apenas a posição ideológica de afastamento das tribos e da escravização dos Morioris por parte dos outros índios. Mais ainda, essa história, denominada “a história da grande frota” (*The Great Fleet story*), reforça a crença: “[...] os colonizadores europeus eram a próxima população ‘superior’, que iria assumir o papel ocupado pelos Maoris” (HOWE, 2016).¹⁰

Este olhar historiográfico eurocêntrico, amplamente divulgado em 1904, clarifica a posição colonial de justificação da colonização dos Morioris pelos Maoris e pelos Ingleses. Mais que isso, permite-nos perceber a presença da crença no mito ocidental denominado

⁹ Tradução nossa do excerto: “*Maori thrive on wars & revenge & feudin’, but peace kills ‘em off*” (MITCHELL, 2004, p. 32).

¹⁰ Tradução nossa do excerto: “[...] *European settlers were the next ‘superior’ people, who would take over from Māori*” (HOWE, 2016).

por Castro-Gómez (2005) de “hybris do ponto zero”¹¹ (p. 25), cuja assertiva é a existência de um ponto zero relacionado à epistemologia e às filosofias eurocêntricas. O mito, segundo o autor, provém da ideia de Descartes (1984) da necessidade da eliminação, para o pensamento científico ser concreto e válido, por parte do pesquisador, de todas as opiniões anteriores, dos contextos situacionais capazes de influenciar o resultado do experimento. Precursor do Iluminismo e do racionalismo moderno, o filósofo depreende a necessidade de ter, na pesquisa científica, um ponto de partida, sendo todos os fatos e teorias anteriores simplesmente rejeitados.

A afirmação da neutralidade e do marco inicial historiográfico permite o apagamento dos Moriori, ressaltando e trazendo como fatos iniciais o domínio Maori e, principalmente, a chegada dos Europeus. Por meio da justificativa de imparcialidade, a perspectiva teórica eurocêntrica continua no ápice, enquanto as subalternas permanecem silenciadas. A respeito disso, Castro-Gómez (2005) comenta:

Começar tudo de novo significa ter o poder de nomear pela primeira vez o mundo; de trazer fronteiras para estabelecer quais conhecimentos são legítimos e quais são ilegítimos, definindo, ademais, quais comportamentos são normais e quais são patológicos. Segundo ele, o ponto zero é o do começo epistemológico absoluto, mas também o do controle econômico e social sobre o mundo. Localizar-se no ponto zero equivale a ter o poder de instituir, de representar, de construir uma visão sobre o mundo social e natural reconhecida como legítima e garantida pelo Estado (p. 25).¹²

Dessa maneira, não é por acaso que há uma perpetuação do domínio epistêmico, econômico e social sob a perspectiva eurocêntrica na região da Nova Zelândia até meados da década de 1980. Também não é acidentalmente que a cultura dos Morioris vem sendo silenciada desde o massacre cometido pelos Maoris, somente sendo resgatada e rediscutida na atualidade (começo do século XXI).

¹¹ Tradução do sintagma: “*hybris del punto cero*” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 25).

¹² Tradução do excerto: “*Comenzar todo de nuevo significa tener el poder de nombrar por primera vez el mundo; de trazar fronteras para establecer cuáles conocimientos son legítimos y cuáles son ilegítimos, definiendo además cuáles comportamientos son normales y cuáles patológicos. Por ello, el punto cero es el del comienzo epistemológico absoluto, pero también el del control económico y social sobre el mundo. Ubicarse en el punto cero equivale a tener el poder de instituir, de representar, de construir una visión sobre el mundo social y natural reconocida como legítima y avalada por el Estado*” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 25).

Tendo em vista a dominância colonial na retórica da historiografia moderna, pensadores decoloniais defendem a existência de uma realidade mais ampla, menos hegemônica. Mignolo (2007) contribui para esse debate quando apresenta: “A descolonialidade é [...] a energia que não se deixa influenciar pela lógica da colonialidade, nem se permite acreditar nos contos de fadas da retórica da modernidade” (p. 27).¹³ Há uma busca pela abertura de um sistema fechado e pautado na realidade europeia, revelando e introduzindo a força dos povos colonizados. De fato, o silenciamento dos Morioris é parcialmente rompido quando, décadas depois da ampla divulgação da “história da grande frota”, comprova-se por estudos científicos a origem mútua das tribos aborígenes, tornando-se “menos justificável” a escravização dos Morioris. E, nesse ponto, há mesmo uma aproximação entre as tribos, já que os Morioris podem apenas se casar e reproduzir com os Maoris: um estupro institucionalizado: “Doravante, uniões entre Moriori foram proibidas & todas as questões envolvendo paternidade entre homens Maori e mulheres Moriori eram declaradas Maori” (MITCHELL, 2004, p. 31)¹⁴

Toda essa contextualização faz-se necessária devido ao fato de Mitchell criar Autua como pertencente à última geração de Morioris, sobrevivente das doenças trazidas pelos Ingleses e do massacre feito pelos Maoris. A personagem vive num período em que há a escravização dos Morioris pelos Maoris, no qual sua cultura é desvalorizada e literalmente apagada¹⁵, e em que há um domínio e presença forte dos Europeus na Oceania. Dessa maneira, a dupla colonialidade nessa personagem constrói-se pela subjugação, principalmente, perante a tribo oposta, mas também com relação aos europeus.

Frente às atitudes mais agressivas e repressoras dos Maoris, Autua mostra-se obstinado e não permite o silenciamento ou exploração pela outra tribo. O escravo Moriori foge diversas vezes do domínio Maori, entretanto, vê como única alternativa de sobrevivência o envenenamento do líder da tribo: “Veneno ruim ruim esse peixe *moeeka*, senhor Ewing, um mordida, sim, você dorme, você nunca acorda mais” (MITCHELL,

¹³ Tradução nossa do excerto: “*La decolonialidad es, entonces, la energía que no se deja manejar por la lógica de la colonialidad, ni se cree los cuentos de hadas de la retórica de la modernidad*” (MIGNOLO, 2007, p. 27).

¹⁴ Tradução nossa do excerto: “*Henceforth Moriori unions were proscribed & all issue fathered by Maori men on Moriori women were declared Maori*” (MITCHELL, 2004, p. 31)

¹⁵ Percebemos esse apagamento no início da narrativa, quando Ewing cai em um buraco e encontra nas árvores resquícios das esculturas e desenhos Moriori, chamados *dendroglyph*, em inglês, ou *momori rakau*, na língua nativa.

2004, p. 31).¹⁶ Ao buscar a liberdade por meio da vingança pela escravização de semelhantes, a atitude de Autua, além de manchar o histórico e ir expressivamente contra a lei de Nunuku, pode ser considerada como um princípio de manifestação fundamentalista subalterna contrária à colonialidade.

Segundo Grosfoguel (2008), as manifestações à violência e à repressão de colonialidade ocorrem de duas formas: os nacionalismos e os fundamentalismos. Considera-se que, ao buscar reforçar um estado-nação, em termos de um sistema-mundo patriarcal/capitalista colonial/moderno, a primeira ainda apresenta resquícios da estrutura eurocêntrica. A colonialidade mantém-se, tendo em vista a busca por um local privilegiado frente à realidade global; os binarismos permanecem firmes nessa resposta ao eurocentrismo.

A segunda forma é ainda mais perigosa, sendo a atitude evidenciada por Autua, isto é, um possível prelúdio a ações mais assertivas de subalternos fundamentalistas. A tentativa de envenenamento é uma ação desesperada da personagem de se libertar do grande mal recebido por anos; entretanto, essa atitude alimenta os binarismos e a segregação de culturas. Os fundamentalistas agem de modo a colidir com o eurocentrismo e com as colonialidades, negando não só as estruturas e as hierarquias, mas negando, de modo dual, as características ocidentais, incluindo a democracia. Desse modo,

Se o pensamento eurocêntrico reivindica que a ‘democracia’ é um atributo natural do Ocidente, os fundamentalismos do Terceiro Mundo aceitam esta premissa eurocêntrica e reivindicam que a democracia não tem nada que ver com o não-Ocidente. Ela é, assim, um atributo intrinsecamente europeu e imposto pelo Ocidente (GROSGOUEL, 2008, p. 138).

Atitudes como a tomada por Autua, caso atinjam um nível extremo, em que há uma recusa total da influência colonial, podem levar os povos à concordância de que a democracia é um constructo europeu e à criação de governos fundamentalistas não-democráticos. Conforme Said (1997) aponta, essa espécie de nativismo, isto é, a negação completa de qualquer influencia colonial, é alarmante, visto que

¹⁶ Tradução nossa do excerto: “*Bad bad poison this moeeka fish, Missa Ewing, one bite, aye, you sleep, you never wake no mo*” (MITCHELL, 2004, p. 31).

[...] reforça a distinção ao se reavaliar o parceiro mais fraco ou subordinado. E isso tem frequentemente levado a asserções atraentes, mas demagógicas sobre um passado, uma história primitivos, ou uma realidade que parece permanecer livre não apenas do colonizador, mas ainda do tempo mundial (p. 82).¹⁷

Apesar das ações de certo cunho extremista, Autua não demonstra querer voltar a um período mais primitivo ou apagar as influências coloniais. De fato, o escravo moriori aproxima-se da cultura ocidental, principalmente no tocante à religião católica, visto as semelhanças com o pacifismo vivenciado pela tribo. As atitudes contrárias e de resistência da personagem revelam-se mais com relação aos Maoris do que com os europeus, que, apesar de tratá-la muitas vezes de modo racista e preconceituoso (exploraremos esse assunto no próximo subtópico), apresentam ideologias pacíficas.

Pode-se argumentar que a personagem se mostra subordinada e até alienada perante a colonialidade inglesa, como se pode observar no trecho seguinte:

Autua escapou novamente e, durante o segundo momento de liberdade, lhe foi permitido asilo secreto pelo senhor D`Arnoq, por alguns meses, com o mesmo risco do último [asilo]. Nessa residência temporária, Autua fora batizado e convertido ao Senhor (MITCHELL, 2004, p. 31).¹⁸

No entanto, defendemos a premissa de que o subalterno pode ter voz não importando o contexto, mas esta somente se amplia de maneira eficaz caso se manifeste dentro das metanarrativas hegemônicas. Vejamos o caso de Autua: compreendemos que tem consciência da função colonial eurocêntrica exercida na presença europeia nas ilhas da Nova Zelândia, mas sabe também que sem a união com a cultura inglesa, difícil e demoradamente sairia da escravização Maori. Destarte, apesar de a personagem “converter-se” ao catolicismo, é duvidável que o aborígene acate essa nova cultura de modo alienante. Em certos momentos da narrativa, é possível inclusive notar como há a manutenção de partes das próprias crenças, como no relato da fuga: “Noites, ancestrais

¹⁷ Tradução nossa do excerto: “*Nativism, alas, reinforces the distinction by reevaluating the weaker or subservient partner. And it has often led to compelling but often demagogic assertions about a native past, history, or actuality that seems to stand free not only of the colonizer but of worldly time itself*” (SAID, 1997, p. 82).

¹⁸ Tradução nossa do excerto: “*Autua escaped again & during his second spell of freedom he was granted secret asylum by Mr. D’Arnoq for some months, at no little risk to the latter. During this sojourn Autua was baptized & turned to the Lord*” (MITCHELL, 2004, p. 31).

visitavam. Dias, eu contava histórias de Maui para os pássaros e os pássaros contavam histórias do mar para eu” (MITCHELL, 2004, p. 32)¹⁹.

Vale lembrar ainda que o capítulo do romance é escrito sob a autoria da personagem Adam Ewing, isto é, repleto de ideologias e perspectivas culturais ocidentais. Vemos tais características no momento em que a personagem traz comida para o índio:

Lembrei-me, medrosamente, que o passageiro clandestino poderia estar um dia & meio sem se alimentar, pois tinha receio de que alguma depravação bestial poderia acontecer motivada pelo estômago vazio do selvagem (MITCHELL, 2004, p. 28).²⁰

Não podemos descartar a possibilidade de Ewing ter exacerbado na conversão religiosa de Autua, tendo em vista o “destino civilizatório” presente na mentalidade eurocêntrica.

Desse modo, compreendemos a dupla colonização de Autua constituindo-se na medida em que há uma influência de ordem direta e violenta quanto aos Maoris e de ordem indireta e velada quanto aos Europeus. É importante notar que a personagem não abandona as origens aborígenes nem relega as qualidades dos colonizadores ingleses; ao contrário, abstrai as hierarquias marginalizadoras das características positivas do sistema capitalista e das estruturas sociais indígenas. Isto é, recusa pontos frágeis e negativos em prol dos positivos, como a possível bondade e pacifismo presentes nas ideologias cristãs europeias, além do misticismo e das crenças da tribo.

1.1.2. Sonmi~451 e o giro decolonial

Vimos no tópico anterior, por meio da *hybris* do ponto zero, as teorizações eurocêntricas valorizadas e reforçadas em detrimento da cultura marginalizada obliterada. No entanto, a voz subalterna não deixa de existir, afinal tais grupos são capazes de falar e de expressar teorias e histórias. Para entendermos como conseguem se manifestar na sociedade, podemos recorrer à Sonmi~451, do capítulo “An Orison of Sonmi~451”,

¹⁹ Tradução nossa do excerto: ““*Nights, ancestors visited. Days, I yarned tales of Maui to birds & birds yarned sea tales to I*” (MITCHELL, 2004, p. 32).

²⁰ Tradução nossa do excerto: “*I recalled that the stowaway may not have eaten for a day & a half, fearfully, for what bestial depravity might a savage not be driven to by an empty stomach?*” (MITCHELL, 2004, p. 28).

personagem que, apesar de ser oprimida por uma sociedade capitalista “decadente”, luta para mudar o mundo por meio de suas ações e escritos.

Sonmi é uma escrava clone coreana, vivendo em um futuro distópico, no qual o mundo encontra-se repleto de destruição, porém com tecnologias avançadas. Um desses progressos é o desenvolvimento de programas de criação de clones, servindo incondicionalmente, sob o custo mais inferior possível, os cidadãos dessa nova organização coreana. De fato, a rotina de Sonmi é a de uma escrava:

Um servo é acordado na hora 4:30 por um estímulo na corrente de ar, depois convocado a se levantar no nosso dormitório [...]. Na hora 5:00 nós organizamos as caixas ao redor do balcão, à espera do elevador trazer os primeiros consumidores do novo dia. Pelas próximas 19 horas nós saudamos os clientes, recebemos os pedidos, entregamos a comida, vendemos bebidas, estocamos condimentos, limpamos mesas, e jogamos o lixo fora (MITCHELL, 2004, p. 185).²¹

Desenvolve-se no século XXII um governo corporativo, pautado nos interesses e anseios de grandes corporações capitalistas. O extenso domínio dessas empresas contribui para que grande parte da população viva de forma alienada, mantendo uma ideia de que essa variante do capitalismo seja apenas um sistema econômico neutro. Pode-se notar tal fato na reação do arquivista, personagem que realiza a última entrevista de Sonmi, quando esta revela o quão perverso é o sistema:

O que você descreve vai além do ... imaginável, Sonmi~451. Assassinando clones para abastecer restaurantes com comida e Sabão ... não. A acusação é absurda, não, é injusta, não, é uma blasfêmia! [...] sendo um consumidor da corporação, eu sou obrigado a dizer que aquilo que você diz ter visto deve, deve ter sido criado pela União ... um cenário para o seu proveito. Nenhum tipo de “sistema de massacre” poderia ser permitido existir. O Amado Presidente nunca permitiria! [...] Se clones não fossem pagos pelo trabalho com a ida para comunidades de retiro, a pirâmide inteira seria a mais abominável perfídia (MITCHELL, 2004, p. 343-344).²²

²¹ Tradução nossa do excerto: “A server is woken at hour four-thirty by stimulin in the airflow, then yellow-up in our dormroom. [...] At hour five we man our tellers around the Hub, ready for the elevator to bring the new day’s first consumers. For the following nineteen hours we greet diners, input orders, tray food, vend drinks, upstock condiments, wipe tables, and bin garbage” (MITCHELL, 2004, p. 185).

²² Tradução nossa do excerto: “*What you describe is beyond the ... conceivable, Sonmi~451. Murdering fabricants to supply dineries with food and Soap ... no. The charge is preposterous, no, it’s unconscionable, no it’s blasphemy! [...] as a consumer of the corpocracy, I am impelled to say, what you saw must, must have been a Union ... set created for your benefit. No such ... ‘slaughtership’ could possibly be permitted to xist. The Beloved Chairman would never permit it! [...] If fabricants weren’t paid*

A visão de que o capitalismo é apenas um sistema econômico, sem defeitos ou ideologias opressoras, é mantida pelo arquivista, pois também se insere na sociedade como um consumidor, isto é, um cidadão da corporação. Faz-se necessário, entretanto, perceber, de acordo com Castro-Gómez e Grosfoguel (2007), “[...] que o capitalismo não é apenas um sistema econômico [...], nem tampouco apenas um sistema cultural [...], mas sim uma *rede global de poder*, integrada por processos econômicos, políticos e culturais [...]” (p. 17).²³ O perigo de entender o capitalismo de maneira neutra, servindo apenas a esfera econômica, é a possibilidade de desconsiderar e rejeitar qualquer relação com as minorias subalternas e o reducionismo resultante disso. Sonmi e a cruel realidade dos clones são refutadas e rechaçadas pelo arquivista, ainda que a opressão e a subalternização desse grupo ocorram.

O processo de criação dos clones na narrativa, a princípio, funcionaria como a elaboração de “máquinas” não pensantes e inanimadas, porém se torna o início de uma nova classe de subalternos — os clones são, apesar de possuírem uma fisiologia distinta dos seres humanos, seres vivos subjugados e tratados como objetos. Habitando essa atmosfera colonial, na qual há uma colonização e escravidão “justificadas”, vivem uma existência desprezível, com obrigações injustas e condições precárias de sobrevivência.

Além disso, submetidos a um sistema alienatório, não é permitido pensar, questionar ou raciocinar, seguindo as ordens de pessoas hierarquicamente superiores. A alienação dá-se na medida em que os clones, principalmente os projetados para trabalharem na rede de restaurantes Papa Song, realizam todos os dias as mesmas atividades, sendo uma das primeiras a recitação de seis “catecismos” e ouvir o sermão feito pelo “Logoman”, uma espécie de pastor.

Esse senso de superioridade, construído no “sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal” (acrescenta-se agora corporativo), revela que, nesse sistema econômico, estão presentes diversas questões de exploração, dominação e subjugação cultural, político e histórico. Sonmi~451 não apenas sofre da

for their labor in retirement communities, the whole pyramid would be ... the foulest perfidy” (MITCHELL, 2004, p. 343-344).

²³ Tradução nossa do excerto: “*Debemos entender que el capitalismo no es sólo un sistema económico [...] y tampoco es sólo un sistema cultural [...], sino que es una red global de poder, integrada por procesos económicos, políticos y culturales [...]*” (Castro-Gómez e Grosfoguel, 2007, p. 17).

dominação econômica e social dos sangue-puros²⁴, como também de outras hierarquias, como a sexual (machismo). Afinal, porque razão somente clones mulheres são criadas para trabalharem no restaurante Papa Song como garçonetes? Grosfoguel (2008) elucida que, por meio da colonização, “[...] chegou o homem heterossexual/branco/patriarcal/cristão/militar/capitalista/europeu, com as suas várias hierarquias globais enredadas e coexistentes no espaço e no tempo” (p. 122). Vivendo em uma sociedade corpocrática, Sonmi é acometida por essas hierarquias e ideologias marginalizadoras, tendo que lutar contra não apenas uma sociedade escravocrata, mas também machista e preconceituosa.

É um equívoco pensar, destarte, que, por meio do sistema capitalista, não persistam também todas as ideologias, costumes e crenças europeias. Isto é, os países que portam esse modelo ocidental de organização social, econômico e cultural carregam muitas hierarquias: a hierarquia étnico-racial, discriminando os não-europeus a partir do fenótipo; a hierarquia patriarcal, priorizando o homem a despeito da mulher; a hierarquia sexual, beneficiando os heterossexuais e relegando as diversas identidade de gênero a segundo plano; a hierarquia religiosa e espiritual, favorecendo a religião cristã; e a hierarquia linguística e epistêmica, privilegiando as línguas e o conhecimento construídos na Europa.

Frente a essa realidade exploratória, Sonmi-451 surge como uma das únicas clones capaz de desvencilhar-se da prisão intelectual. Sendo assim, consegue escapar do restaurante e iniciar uma jornada pelo mundo, tomando o conhecimento das práticas perversas da corpocracia. A partir da proximidade com novas experiências, toma ciência do modo de produção do sabão, bebida utilizada na alimentação de clones — “A indústria genômica necessita de quantidades gigantescas de biomatéria derretida [...] para o Sabão. Que outra maneira mais barata de suprir proteína existe além de reciclar clones que atingiram o final de suas vidas trabalhadoras?” (MITCHELL, 2004, p. 343).²⁵ De fato, essa é uma das principais motivações para que Sonmi decida escrever um manifesto abolicionista, intitulado *Declarações*. O que seria *Declarações* senão um aporte teórico subalterno? Esse é um exemplo do conceito de giro decolonial de Mignolo (2007), cuja função é a de conquistar:

²⁴ Nomenclatura utilizada por Mitchell (2004) para designar pessoas que nasceram da concepção natural (tradução nossa de *pureblood*).

²⁵ Tradução nossa do excerto: “*The genomics industry demands huge quantities of liquefied biomatter [...] for Soap. What cheaper way to supply this protein than by recycling fabricants who have reached the end of their working lives?*” (MITCHELL, 2004, p. 343).

[...] a abertura e a liberdade do pensamento e de formas de outras vidas (outras economias, outras teorias políticas); a limpeza da colonialidade do ser e do saber; o desprendimento da retórica da modernidade e de seu imaginário imperial articulado na retórica da democracia. O pensamento decolonial tem como razão de ser e objetivo a decolonialidade do poder [...] (p. 29-30).²⁶

O giro decolonial permite a recuperação de escritos de autores subalternos, esquecidos e apagados pela visão eurocêntrica do saber, revelando que o subalterno não somente fala, mas principalmente traz contribuições de conteúdo de extrema relevância para a historiografia e para teorizações diversas. A cientificidade do manifesto de Sonmi é descrito pela personagem no romance:

Eu, somente eu, escrevi *Declarações* durante três semanas em Ulsukdo Ceo [...]. Durante a escrita, consultei um juiz, um estudioso de genoma, um estudioso em sintaxe, e o general An-Kor Apis, mas os catecismos elevados de *Declarações*, sua lógica e ética, condenados no meu julgamento como “a perversão mais feia nos anais das depravações”, foram frutos da *minha* mente, Arquivista, alimentados por xperiências que narrei a você nessa manhã (MITCHELL, 2004, p. 346-347).²⁷

Declarações é um documento que condensa críticas a uma sociedade patológica, exploratória e predatória, mas é utilizado posteriormente como atestado contrário à União e aos movimentos abolicionistas. No entanto, Sonmi sabe muito bem que as ideias estão disseminadas no mundo e permanecem à espera de um resgate, de um giro decolonial que dê valor aos escritos.

Esse texto de Sonmi assemelha-se aos escritos de Waman Poma de Ayala, descrito por Mignolo (2007), um dos subalternos participantes do giro decolonial e que trouxe uma relevância inigualável para a discussão acerca das questões políticas, econômicas e sociais de sua respectiva época. Mignolo revela que Waman Poma de Ayala, habitante da região

²⁶ Tradução nossa do excerto: “[...] *la apertura y la libertad del pensamiento y de formas de vidas-otras (economías-otras, teorías políticas-otras); la limpieza de la colonialidad del ser y del saber; el desprendimiento de la retórica de la modernidad y de su imaginario imperial articulado en la retórica de la democracia. El pensamiento decolonial tiene como razón de ser y objetivo la decolonialidad del poder* [...]” (MIGNOLO, 2007, p. 29-30).

²⁷ Tradução nossa do excerto: “*I, only I, wrote **Declarations** over three weeks at Ulsukdo Ceo [...]. During its composition I consulted a judge, a genomiscist, a syntaxist, and General An-Kor Apis, but the Ascended Catechisms of **Declarations**, their logic and ethics, denounced at my trial as ‘the ugliest wickedness in the annals of deviancy,’ were the fruits of **my** mind, Archivist, fed by xperiences I have narrated to you this morning*” (MITCHELL, 2004, p. 346-347).

de Peru no ano de 1616, tenta, logo no início da colonização, registrar como as tribos Incas são tratadas pelos colonizadores e realizar uma forte crítica ao sistema político colonial instaurado pela Espanha. Buscando substituir a perspectiva histórica da época acerca das tribos indígenas e da colonização, Waman Poma aventura-se a criar crônicas que descrevam a dura realidade da destruição da cultura nativa.

O manuscrito, o qual fora “dedicado” ao rei Felipe III da Espanha, muito provavelmente nem ao menos chega às mãos do rei, sendo o autor indígena apagado da memória teórica do período. Comparamos aqui *Declarações* com os escritos de Waman Poma, considerando que o documento de Sonmi também não é valorizado pela sociedade da época, sendo ela presa e executada por traição e conspiração. No entanto, os resultados são grandes no futuro, como pode ser abstraído no capítulo seguinte da narrativa. Em “Sloosha’s Crossin’ an’ Ev’rythin’ After”, as tribos do vale cultuam a deusa Sonmi e os prescientes estudam suas palavras de paz e de decolonialidade, as quais alcançam esse tempo futuro pela última entrevista e pelo manifesto.

De forma semelhante, segundo Mignolo (2007), o giro decolonial de Waman Poma deu-se depois de 400 anos, quando os escritos foram “descobertos” e valorizados. A partir daí surgem ao menos três interpretações possíveis para o texto:

[...] a dos conservadores, que insistiram na falta de inteligência de um índio; a posição acadêmica progressista (com Franklin Peace no Peru, Rolena Adorno e Raquel Chang-Rodríguez nos Estados Unidos, Birgit Scharlau na Alemanha, e Mercedes López Baralt no Porto Rico), que compreendeu tanto a contribuição de Waman Poma como seu silenciamento por parte dos hispânicos peninsulares e dos crioulos da América do Sul; e, por último, a incorporação de Waman Poma no pensamento indígena como um dos fundamentos epistêmicos (da mesma forma que Platão e Aristóteles têm sido interpretados no pensamento europeu) (p. 34).²⁸

A última interpretação é impactante, no sentido de que subverte de modo integral a epistemologia ocidental; aqui o ponto zero não se inicia de uma perspectiva eurocêntrica, e

²⁸ Tradução nossa do excerto: “[...] *la de los conservadores, que insistieron en la falta de inteligencia de un indio; la posición académica progresista (con Franklin Peace en Perú, Rolena Adorno y Raquel Chang-Rodríguez en Estados Unidos, Birgit Scharlau en Alemania, y Mercedes López Baralt en Puerto Rico), que comprendió tanto la contribución de Waman Poma como su silenciamiento por parte de los hispanos peninsulares y los criollos de América del sur; y, por último, la incorporación de Waman Poma en el pensamiento indígena como uno de sus fundamentos epistémicos (a la manera como han sido interpretados Platón y Aristóteles para el pensamiento europeo)*” (MIGNOLO, 2007, p. 34).

sim a partir dos estudiosos provenientes de países colonizados. Tanto a personagem Sonmi, quanto Waman Poma conseguem, séculos depois, influenciar e modificar ideologias das sociedades por meio do giro decolonial, isto é, da abertura para outros conhecimentos, não apenas os canônicos.

No caso de Sonmi, vemos a presença de sua influência na narrativa seguinte. Na sexta história, os valleyemen cultuam a personagem como uma Deusa, realizando milagres e promovendo a bondade e justiça: “Sonmi ajudava os duentes, retirava o azar, i quando um alguém verdadeiro e civilizado da tribo do valley morria, ela carregava sua alma até um útero em algum lugar nos vales” (MITCHELL, 2004, p. 244).²⁹ Além disso, para os prescientes, o legado de Sonmi, isto é, os escritos e a entrevista, são relevantes e, por isso, estudados.

Gostaríamos de, nesse momento, reservar um espaço para discorrer acerca das formas pelas quais os documentos se mantêm intactos. Afinal, sabe-se que os colonizadores não prezam pela cultura do outro e que inclusive buscam destruir e apagar qualquer registro proveniente de minorias (vide a maneira como os Morioris foram apagados da historiografia, a tal ponto que na contemporaneidade há um lento movimento de reavivamento cultural e social dessa tribo).

Dessa forma, atentamos ao fato de que, se alguns registros resistem ao tempo e à imposição hegemônica do colonizador, há uma possibilidade de pessoas participantes das metanarrativas hierárquicas capitalistas modernas serem responsáveis por perceber o valor e guardar os escritos. Não há coincidência ou sorte na sobrevivência desses documentos, e, como muito dificilmente os marginalizados teriam poder de guardá-los a salvo, trazemos a hipótese da existência de dissidentes dentro das metanarrativas, humanistas ou sabedores de que um dia o giro decolonial poderia ocorrer e os registros seriam de grande relevância.

Dessa maneira, por meio do giro decolonial, Sonmi é capaz de propiciar que os registros e pensamentos ultrapassem o tempo/espaço e atinjam a vida de populações futuras. Zachry e o restante da tribo na história seguinte baseiam-se nos ensinamentos da clone para manterem uma ideologia pacífica, mas de não subordinação às tribos mais agressivas. Portanto, a voz subalterna não se perde; apenas transita nas espirais do tempo.

²⁹ Tradução nossa do excerto: “*Sonmi helped sick uns, fixed busted luck, an’ when a truesome’n’civ’lized Val-leysman died she’d take his soul an’ lead it back into a womb somewhere in the Valleys*” (MITCHELL, 2004, p. 244)

1.1.3. Autua e Sonmi~451 e as hierarquias escravocratas

Retornando às hierarquias do sistema, enquanto Sonmi luta contra as hierarquias escravocratas patriarcais, Autua enfrenta as de cunho racistas, pautadas nas ideologias capitalistas. Quijano (2007) admite questões raciais no cerne das discussões de poder e do Capitalismo, percebendo que conjuntamente com a diferenciação da população entre europeus e não europeus veio a classificação de dominantes/superiores e dominados/inferiores, respectivamente. Dessa maneira, como os grupos hegemônicos europeus consideram-se superiores, todos os grupos distintos — aqui a aparência biológica como raça, gênero, sexo, entre outros, são levados em conta — são tratados como inferiores.

É por isso que na narrativa de Mitchell, principalmente quando se dá na metade do século XIX em “The Pacific Journal of Adam Ewing”, há uma forte presença de racismo. Os Europeus não chegaram às terras do pacífico sem ideologias; de fato, a latência de hierarquias nos diversos níveis sociais foi gigantesca. Advindos de partes da Europa e dos Estados Unidos, os marinheiros e passageiros do navio *Prophetess*, no qual Ewing e Autua conversam pela primeira vez, manifestam, de modo predominante, um racismo explícito quanto às tribos indígenas da Nova Zelândia.

O racismo constrói-se pelo choque cultural e pela forte presença de hierarquias por parte dos grupos hegemônicos, que, no caso de Autua, o desconsideram por causa de características fenotípicas e culturais. Segundo Quijano (2007), essa identificação biológica exterior se dá:

[...] em um primeiro momento, principalmente pela “cor” da pele e do cabelo, e pela forma e cor dos olhos; mais tarde, nos séculos XIX e XX, também por outros traços como a forma do rosto, o tamanho do crânio, a forma e o tamanho do nariz. [...] Desse modo, definiu-se aos dominadores/superiores europeus o atributo da “raça branca”, e a todos os dominados/inferiores “não europeus”, o atributo das “raças de cor” (p. 120).³⁰

³⁰ Tradução nossa do excerto: “[...] *en un primer periodo, principalmente el ‘color’ de la piel y del cabello y la forma y el color de los ojos; más tarde, en los siglos XIX y XX, también otros rasgos como la forma de la cara, el tamaño del cráneo, la forma y el tamaño de la nariz. [...] De ese modo, se adjudicó a los dominadores/superiores europeos el atributo de ‘raza blanca’, y a todos los dominados/inferiores ‘no-europeos’, el atributo de ‘razas de color’*” (QUIJANO, 2007, p. 120).

Autua sofre com personagens como Mr. Boerhaave, tripulante de *Prophetess*, que traz o racismo explícito em diversas situações. Notamos esse comportamento no momento em que Adam Ewing revela ao capitão Molyneux e à Boerhaave a clandestinidade e o compromisso em trabalhar como marinheiro de Autua na expedição: “Então esse m——a de preto quer que nós o sejamos *gratos*?” (MITCHELL, 2004, p. 33).³¹ Ou ainda quando Autua tenta ajudar Ewing a vomitar todo o veneno que Henry Goose lhe deu e Boerhaave tenta impedi-lo: “Eu já te disse, seu nego, que o Yankee não é seu problema! & se uma ordem direta não convencer você —” (MITCHELL, 2004, p. 504).³²

Nesses exemplos, conseguimos abstrair a superioridade de Boerhaave na posição de colonizador. Para o marinheiro, Autua é um escravo fugitivo desprezível, sem cultura nem modos e, por isso, passível de ser tratado como um objeto, isto é, inferiorizado e até maltratado fisicamente. O racismo e as divisões de poder pautadas nas diferenças raciais são práticas constantes nas colônias e se mantêm, em certo grau, com o fim da colonização, com a manutenção das práticas coloniais. Não é por acaso que vemos Sonmi, séculos depois, sendo considerada como alguém de raça diferente dos cidadãos da corpocracia; até os nomes são distintos: os clones são chamados de “fabricantes” e os cidadãos de “consumidores” ou “sangue-puros”.

De fato, exemplos em que o racismo aparece na narrativa de Ewing são constantes. O racismo eurocentrado também é observado quando relatam a Ewing a posição dos europeus perante o genocídio dos Morioris: “James Coffee, um criador de porcos, disse que os Maoris fizeram um serviço aos homens brancos ao exterminarem outra raça de brutos para abrir espaço pra nós [...]” (MITCHELL, 2004, p. 16).³³ Ademais, quando Autua está procurando um hospital em Honolulu para salvar Ewing, são perceptíveis atitudes racistas: “Três vezes perguntou a estranhos, ‘Onde doutor, amigo?’ Três vezes foi ignorado (um respondeu, ‘Nenhum medicamento para Pretos fedidos!’) até que um velho vendedor de peixes grunhiu a localização de um hospital” (MITCHELL, 2004, p. 505).³⁴

³¹ Tradução nossa do excerto: “*So this d——d Blackamoor wants us to be grateful to him?*” (MITCHELL, 2004, p. 33).

³² Tradução nossa do excerto: “*I told you once, nigger, that Yankee’s no concern of yours! & if a direct order won’t convince you—*” (MITCHELL, 2004, p. 504).

³³ Tradução nossa do excerto: “*James Coffee, a hog farmer, said the Maori had performed the White Man a service by exterminating another race of brutes to make space for us [...]*” (MITCHELL, 2004, p. 16).

³⁴ Tradução nossa do excerto: “*Thrice he asked of strangers, ‘Where doctor, friend?’ Thrice he was ignored (one answered, ‘No medicine for stinking Blacks!’) before an old fish seller grunted directions to a sick house*” (MITCHELL, 2004, p. 505).

O escancaramento da hierarquia étnico-racial está presente na narrativa com a finalidade de expor uma realidade crua e perversa da metade do século XIX. Afinal, o sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal, com hierarquias sociais e relações de poder, funciona dessa maneira. As metanarrativas machistas, racistas, heteronormativas percorrem todos os períodos do romance, tendo em vista que o sistema não muda, apenas continua e evolui dentro de ideologias próprias.

No entanto, as personagens principais de *Cloud Atlas* são louváveis devido ao grau baixo de dualismos e fundamentalismos. É o modo de encarar firmemente as adversidades que permite Autua, por exemplo, impactar na vida de Ewing, isto é, que fazem a personagem norte-americana repensar a estrutura social capitalista hierárquica e buscar um projeto (pós-vida?) pautado no abolicionismo e na igualdade social. De maneira semelhante, Sonmi~451, mesmo enfrentando o governo corporático repressor, e sabendo da traição de praticamente todos os companheiros da jornada pelo território de *Nea So Copros*, é capaz de redigir *Declarações* e de realizar uma entrevista que influenciará a vida de inúmeras pessoas.

Dessa forma, as personagens conseguem perceber, assim como Said (1997) compreende, a necessidade de uma nova manifestação dos subalternos, uma expressão não primitiva, surgindo como uma resposta positiva ao apagamento da história, mas sim da confrontação com o presente. O subalterno não pode apenas se rebelar instintivamente, refutando as influências ocidentais, mas utilizá-las como plataformas da expressão dos marginalizados.

E as personagens subalternas de *Cloud Atlas* sabem muito bem disso. Pensamos que o discurso e as atitudes de Autua iniciam um trajeto decolonial ao longo do livro, afetando de modo direto outras personagens, como Robert Frobisher, Luisa Rey, Timothy Cavendish, Sonmi~451 e Zachry, cujas histórias estão repletas de uma luta contra a subjugação, o rebaixamento e o apagamento. Ao considerarmos a marca de nascença no formato de cometa, presentes em Frobisher, Rey, Cavendish, Sonmi e Meronym, indicando a possibilidade de reencarnação, ou seja, a mesma pessoa vivendo várias vidas em diversos períodos históricos, a ação pacífica de Autua motiva o movimento inicial da luta contra esse sistema de poder. E, de fato, esta atitude reverbera em gerações consequentes, com amplitudes cada vez mais fortes e mais incisivas. Sonmi resume essa discussão: “Minhas ideias foram reproduzidas um bilhão de vezes. [...] Como Seneca alertou Nero: não importa quantos de nós você matar, nunca irá matar seu sucessor” (MITCHELL, 2004, p.

349).³⁵ Esse assunto acerca do movimento de reverberação em outras histórias será abordado com maior detimento no último capítulo dessa dissertação.

Portanto, ao fim deste tópico pudemos reconhecer a pertinência de estudos decoloniais na atualidade devido à manutenção histórica e social das estruturas da colonização nos países já independentes e “tecnicamente descolonizados”. A decolonialidade faz-se mais necessária na medida em que se percebem teorias e escritos subalternos desprezados e emudecidos pela crítica, cujo clamor atende aos pensadores eurocêntricos. Mais do que isso, apesar de estar ganhando um forte apoio dos diversos grupos subalternos, grande parte da população ainda desconhece esse trabalho.

Tratando, por sua vez, da narrativa em análise, tanto Autua quanto Sonmi~451 funcionam como exemplos de discursos decoloniais, seja pelo giro decolonial da clone coreana ao escrever as *Declarações*, seja pelas atitudes decolonizadoras do índio Moriori, ao mesclar os ideais pacifistas de sua tribo com as ideologias de bondade cristãs ocidentais. Ambos contribuem para a disseminação do ideal de um mundo onde os subalternos não são menosprezados e silenciados.

Nos próximos tópicos e capítulos dessa dissertação, a decolonialidade e subalternidade estarão presentes quando trataremos das hierarquias capitalistas hegemônicas e das formas de contestações subalternas. Por meio da agregação de outros escritores e abordagens, notaremos como o romance traz uma visão não binária, considerando, por exemplo, uma personagem como Autua, embora não protagonista e não detentor do foco da narrativa, possuidora de uma função inigualável: desencadear em Ewing uma transformação de vida, uma (re)perspectivação do sistema, uma luta em favor dos direitos dos subalternos.

1.2. O BIOPODER FRENTE ÀS VIDAS SUBALTERNAS

A abordagem da decolonialidade permite que grupos subalternos reflitam sobre as influências de uma sociedade capitalista predatória e percebam as consequências da colonialidade. Continuando a tratar das formas de exploração e subjugação das personagens escravas, no atual subcapítulo, trataremos do conceito foucaultiano de

³⁵ Tradução nossa do excerto: “*My ideas have been reproduced a billionfold. [...] As Seneca warned Nero: No matter how many of us you kill, you will never kill your successor*” (MITCHELL, 2004, p. 349).

biopoder (2015)³⁶, isto é, acerca da influência que os governos têm sobre a vida e os corpos da população.

Nesse momento da dissertação, exploraremos como as formas de controle corporais estão presentes nas sociedades ocidentais e a maneira como Mitchell transporta, em *Cloud Atlas*, para as vidas de Autua e Sonmi~451. Assim, analisaremos o contexto do escravo moriori, considerando o controle exercido pelos Maoris como exemplar de um poder soberano; e o contexto da clone coreana, como representante das possibilidades futuras do desenvolvimento tecnológico do biopoder para assujeitar os indivíduos por meio da neoescravidão.

Ao iniciar o percurso da genealogia do conceito, Foucault revela a existência de um biopoder sob a forma da soberania na Roma antiga. Nesse contexto, o soberano dispõe do direito à vida e à morte dos cidadãos, fato que remonta ao direito de os pais de família terem a posse da vida dos filhos e escravos: é possível tomar-lhes a vida caso seja da vontade dele.

Dessa maneira, o soberano conta com a posse da vida dos súditos, os quais são subordinados e obrigados a defendê-lo de possíveis inimigos. Aqui a vida dos súditos é posta em risco para defender a soberania de quem possui autoridade. Além disso, pessoas contrárias às ideias ou decisões tomadas pelo soberano podem ser executadas. Nota-se que a pessoa detentora da decisão na manutenção do biopoder afeta diretamente a vida (e morte) das outras pessoas, de acordo com as ideologias e interesses.

De fato, concebemos que a influência dos Maoris na tribo Moriori está relacionada ao biopoder de ordem soberana. Em termos do biopoder, vemos os poucos Morioris que restaram após a vinda da tribo rival, agora dominados e escravizados. Dessa maneira, os Maoris dispõem de poder, influência e posse da vida dos recém-escravos.

A relação entre as tribos encaminha-se para um estado de biopoder de soberania: “[...] é simplesmente por causa do soberano que o súdito tem direito de estar vivo ou tem direito, eventualmente, de estar morto” (Foucault, 2005, p. 286). Embora de imensa perversidade, a relação grupo dominador e grupo escravizado dispõe como base um sistema em que a vida está na mão de outros. Os grupos específicos de Maoris tomam

³⁶ Foucault (2015) é um dos primeiros estudiosos a utilizar o termo biopoder e abordar de forma concisa o surgimento e desenvolvimento do poder relacionado a vidas humanas, incluindo a análise, o controle e a definição do corpo humano.

partido direto dessa forma de biopoder, a fim de realizar um massacre à vida da tribo Moriori. De acordo com Davis e Solomon (2017),

Apesar de dizerem que um número total de Morioris a princípio massacrados ter sido por volta de 300, mais de centenas foram escravizados e mortos posteriormente. Alguns foram mortos pelos Maoris. Outros, horrorizados pela dessacralização de suas crenças, morreram de “kongenge” ou desespero. De acordo com registros feitos pelos mais velhos, 1,561 Morioris morreram entre 1835 e 1863, quando a escravidão foi abolida. Muitos sucumbiram às doenças trazidas pelos Europeus, mas um grande número morreu nas mãos de Ngāti Mutunga e Ngāti Tama.³⁷ Em 1862 somente 101 sobreviveram (s/p).³⁸

Mitchell traz parte da historiografia invisibilizada dos Morioris na narrativa, revelando as crueldades da escravidão Maori. Por meio da narração de Ewing, muitas vezes interrompida por comentários próprios da ideologia hegemônica, entramos em contato com a história da vida de Autua, sobrevivente da escravidão:

O mestre de Autua era o Maori com tatuagem de lagarto, Kupaka, o qual contou a seus escravos aterrorizados, despedaçados, que tinha vindo purificá-los de seus falsos ídolos (“Seus deuses os salvaram?”, ridicularizava Kupaka); de sua linguagem contaminada (“Meu chicote vai ensiná-los Maori puro!”); de seu sangue corrompido (“Cruzamentos consanguíneos diluíram sua *mana* original!”) (MITCHELL, 2004, p. 31).³⁹

Aqui, vemos como o biopoder é utilizado pelos líderes Maori com o objetivo de objetificar a vida daqueles pertencentes às tribos/raças diferentes. O mesmo processo civilizatório propagado pelos ocidentais – para Ewing, “[...] *civilizar* as raças Negras pela conversão deveria ser nossa missão, não a extirpação deles, pois a mão de Deus tinha os

³⁷ Tanto Ngāti Mutunga e Ngāti Tama são tribos Maoris, nativas da região da Nova Zelândia.

³⁸ Tradução nossa do excerto: “*Although the total number of Moriori first slaughtered was said to be around 300, hundreds more were enslaved and later died. Some were killed by their captors. Others, horrified by the desecration of their beliefs, died of ‘kongenge’ or despair. According to records made by elders, 1,561 Moriori died between 1835 and 1863, when they were released from slavery. Many succumbed to diseases introduced by Europeans, but large numbers died at the hands of Ngāti Mutunga and Ngāti Tama. In 1862 only 101 remained*” (Davis; Solomon, 2017, s/p).

³⁹ Tradução nossa do excerto: “*Autua’s master was the lizard-tattooed Maori, Kupaka, who told his horrified, broken slaves that he had come to cleanse them of their false idols (‘Have your gods saved you?’ taunted Kupaka); their polluted language (‘My whip will teach you pure Maori!’); their tainted blood (‘Inbreeding has diluted your original *mana*!’)*” (MITCHELL, 2004, p. 31).

criado também”. (MITCHELL, 2004, p. 16)⁴⁰ –, é realizado pelos Maoris. No entanto, assim como muitos colonizadores europeus, os colonizados são posses assujeitadas.

Outra manifestação do biopoder na narrativa de Autua é o momento em que Ewing presencia a cena de Autua sendo castigado com chibatadas pelo líder Maori:

O prisioneiro miserável, enrugado pelos vários anos difíceis, estava amarrado nu em uma construção em forma de A. Seu corpo estremecia com cada chicotada excoriadora, suas costas eram um pergaminho de runas sangrentas, mas seu rosto insensível revelou a serenidade de um mártir já sob os cuidados do Senhor (MITCHELL, 2004, p. 6).⁴¹

Nesse trecho vemos uma das punições possíveis realizadas pelos Maoris, caso os escravos não se comportassem da forma desejada – “Eu vi muito do mundo, não sô bom escravo” (MITCHELL, 2004, p. 29) –,⁴² isto é, com submissão às ideologias e à dominação. Mitchell descreve de forma nua e crua as marcas corporais presentes nas costas da personagem, expondo os limites de um grupo ao dominar e manipular o corpo de outros. Os Maoris detinham o poder de marcar, de desenhar, de punir e de extinguir os Morioris.

E o papel dos ocidentais, em sua maioria? Como se dá a força do biopoder com relação aos Morioris? Notamos que, apesar de não haver uma escravidão e colonização propriamente dita por parte dos Europeus e ocidentais, Autua, no momento em que já está no navio, ainda tem a vida em função e sob o controle deles. Assim como os Maoris, os homens brancos também vêem os Morioris como de uma ordem rebaixada: “Bem como Henry me avisou, ‘Uma coisa é dar uma pequena ajuda ao pretão, mas outra é ajudar para sempre. Amizades entre raças, Ewing, nunca podem exceder a afeição entre um leal cão de caça & seu dono” (MITCHELL, 2004, p. 37).⁴³

Como clandestino no navio, a vida de Autua está nas mãos de passageiros homens, brancos, de origem europeia ou estadunidense. Sabendo da visão diferente de Ewing, isto

⁴⁰ Tradução nossa do excerto: “[...] to *civilize the Black races by conversion should be our mission, not their extirpation, for God’s hand had crafted them, too*” (MITCHELL, 2004, p. 16).

⁴¹ Tradução nossa do excerto: “*The piteous prisoner, hoarfrosted with many harsh years, was bound naked to an A-frame. His body shuddered with each excoriating lash, his back was a vellum of bloody runes, but his insensible face bespoke the serenity of a martyr already in the care of the Lord*” (MITCHELL, 2004, p. 6).

⁴² Tradução nossa do excerto: “*I seen too much o’ the world, I ain’t good slave*” (MITCHELL, 2004, p. 29).

⁴³ Tradução nossa do excerto: “*As Henry warns me, ‘It’s one thing to throw a blackie a bone, but quite another to take him on for life! Friendships between races, Ewing, can never surpass the affection between a loyal gundog & its master*” (MITCHELL, 2004, p. 16).

é, civilizatória e pacífica, a personagem pede ajuda ao advogado. Demonstra grande inteligência ao perceber a posição de Ewing, e considerá-lo uma ponte na hegemonia para a sobrevivência. No entanto, a vida do jovem escravo ainda está nas mãos de um grupo de pessoas fortemente inseridas no contexto hegemônico, ou seja, com ideais racistas.

Ewing aproveita-se do local hegemônico em que se encontra para influenciar o capitão do navio a não expulsar e, conseqüentemente, não matar o Moriori. Após testar os conhecimentos acerca de navios, o capitão ordena que Autua abaixe uma das velas, enquanto expõe aos outros a decisão final:

Autua subiu justamente pelo mastro & comecei a ter esperança de que tudo não estava perdido. O sol, que recentemente nasceu, brilhou sobre a água & nos fez semicerrar os olhos. "Apronte-se e aponte à minha peça", o capitão instruiu o Sr. Boerhaave, uma vez que o passageiro clandestino estava além da vela da mesana, "atire ao meu comando!" (MITCHELL, 2004, p. 35).⁴⁴

Apesar de a intenção do capitão ter sido livrar-se da vida de Autua, a proeza do Moriori e os protestos de Ewing impedem que o fato aconteça. Gostaríamos de enfatizar dois pontos nesse momento. O primeiro é que, embora Ewing tenha, de fato, o auxiliado, a responsabilidade, no final, da sobrevivência do escravo é dele. Ewing serve como meio de transmissão hegemônica para que Autua possa ser ouvido, para que possa provar sua capacidade.

O segundo ponto enfatizado é a presença do biopoder na relação Autua-marinheiros ocidentais. Por mais que a personagem tenha sobrevivido, ainda está e permanece durante toda a viagem nas mãos do capitão do navio, o detentor do poder. Dessa maneira, percebemos como o biopoder auxilia no avanço tecnológico acerca da vida, resguardando os cidadãos. No entanto, nem todas as vidas são sobreguardadas.

Com relação ao biopoder soberano, Foucault (2015) percebe, se antes o objetivo era tomar conta e se apoderar da vida com um objetivo de suprimi-la, com o passar dos séculos, o biopoder tornando-se uma das ferramentas de "[...] incitação, de reforço, de controle, de vigilância [...]" (p. 146). Há aqui uma transformação de pensamento: se antes

⁴⁴ Tradução nossa do excerto: "*Autua fairly ran up the mast & I began to hope all was not lost. The newly risen sun shone low over the water & caused us to squint. 'Ready & aim my piece,' the captain instructed Mr. Boerhaave, once the stowaway was past the spanker gaff, 'fire on my command!'*" (MITCHELL, 2004, p. 35).

o enfoque da soberania é a administração do direito de fazer morrer, agora o enfoque é o de fazer viver. O foco do Estado é a gestão da vida dos cidadãos. Os poucos momentos em que o Estado interfere na morte de um indivíduo são bem justificados, bem como nos casos de pena de morte: as pessoas acusadas são consideradas um perigo para os outros indivíduos.

O novo desenvolvimento do biopoder constitui-se, de acordo com Foucault (2015), em duas frentes: uma mais disciplinar, voltada ao domínio dos indivíduos, e outra de ordem biopolítica, centrada no corpo-espécie. Dessa forma, notamos na primeira um tipo de controle de ordem ideológica, enquanto que na segunda, um de ordem corporal, em que o Estado interfere diretamente no corpo dos indivíduos ao adquirir acesso a dados estatísticos populacionais.

Em termos de disciplina, vemos uma tentativa, por parte dos que dispõem do poder, de adestrar e disciplinar o sujeito às normas sociais, tudo por meio de instituições, como a escola, os hospitais e o exército. De acordo com Diniz e Oliveira (2014),

A disciplina não é uma instituição, nem um aparelho de Estado. É uma técnica de poder que funciona como uma rede que vai atravessar todas as instituições e aparelhos de Estado. Este instrumento de poder que atua no corpo dos homens usará a punição e a vigilância como principais mecanismos para adestrar e docilizar o sujeito, pois é a partir deles que o homem se adequará às normas estabelecidas nas instituições como um processo de produção que, a partir de uma “tecnologia” disciplinar do corpo, construirá um sujeito com utilidade e docilidade (p. 149-150).

Afastando-se de um conceito disciplinar relacionado à violência e à repressão, o Estado recorre a processos disciplinares com o objetivo de controlar populações e assujeitar corpos. Por meio de grande parte das instituições do Estado, o sujeito é adestrado às regras estabelecidas, as quais impõem dominações.

Na narrativa de Sonmi~451, conseguimos perceber claramente a forma como tanto os consumidores quanto os fabricantes⁴⁵ são muito influenciados e disciplinados pelas corporações dominantes na Coreia. De fato, ambos apresentam, de forma geral, uma docilidade e alienação com relação às imposições e às práticas antiéticas.

⁴⁵ Termos utilizados por Mitchell para se referir aos cidadãos da Neo So Copros e às escravas geneticamente modificadas, respectivamente.

A primeira e uma das mais importantes formas de dominação das escravas é a alimentação. A bebida básica presente nas “refeições” das escravas é sabão. Durante a entrevista com o Arquivista, Sonmi~451 revela que “[...] nós raramente pensamos sobre a vida na superfície. Adicionalmente, Sabão contém ‘amnesiads’ designados para diminuir a curiosidade” (MITCHELL, 2004, p. 186).⁴⁶ Assim, a própria bebida, resultado do processamento e reciclagem de corpos dos fabricantes, contém elementos – *amnesiads*, cuja palavra assemelha-se à *amnésia* – responsáveis pelo domínio e disciplina das trabalhadoras escravas.

Além disso, todos os indivíduos dessa sociedade distópica vivem sob um sistema religioso/político, evidenciados pela presença de “catequismos”. Isto é, regras morais a serem seguidas, como “*Feliz* é uma palavra no Segundo Catecismo: ‘Caso eu obedeça aos Catequismos, Papa Song me ama; caso Papa Song me ame, eu sou feliz’” (MITCHELL, 2004, p. 231).⁴⁷ Tais regras, provavelmente incorporadas por todos desde a infância, fazem com que haja ordem e disciplina na maioria da população.

Ao tratar agora do biopoder relacionado aos corpos-espécies, notamos um enfoque maior ao “[...] suporte dos processos biológicos [...]” (FOUCAULT, 2015, p. 150). Essa forma de poder manifesta-se no surgimento de tecnologias regulatórias e monitoradoras do funcionamento da vida e morte em uma população. Na realidade futurística em “An Orison of Sonmi~451”, por exemplo, a ciência avança e seres clones são criados para serem utilizados como classe trabalhadora.

Segundo Foucault (2005), está envolvido nessa frente de biopolítica

[...] um conjunto de processos como a proporção dos nascimentos e dos óbitos, a taxa de reprodução, a fecundidade de uma população, etc. São esses processos de natalidade, de mortalidade, de longevidade que, justamente na segunda metade do século XVIII, juntamente com uma porção de problemas econômicos e políticos [...], constituíram, acho eu, os primeiros objetos de saber e os primeiros alvos de controle dessa biopolítica. É nesse momento, em todo caso, que se lança mão da medição estatística desses fenômenos com as primeiras demografias (p. 289-290).

⁴⁶ Tradução nossa do excerto: “[...] *we rarely wonder about life on the surface. Additionally, Soap contains amnesiads designed to deaden curiosity*” (MITCHELL, 2004, p. 186).

⁴⁷ Tradução nossa do excerto: ““**Happy** is a word in the Second Catechism: ‘*Proviso I obey the Catechisms, Papa Song loves me; proviso Papa Song loves me, I am happy*’” (MITCHELL, 2004, p. 231).

Vemos o biopoder surgir do desenvolvimento da medicina e da medição estatística, na medida em que o Estado é capaz de, por meio de medições de dados quantitativos, determinar o motivo da redução ou ampliação de uma população. O Estado tem o controle sobre o nível de natalidade, mortalidade e longevidade, podendo ser criadas estratégias para melhorar certos índices.

Foucault (2015) percebe que, quanto maior a influência do Estado em termos de dados estatísticos, maior é a possibilidade de vigilância e controle ideológico. Dessa forma, ao mesmo tempo em que há um investimento na área da saúde, há uma maior retenção de informações da população. Questionamos, assim como Foucault, quais ações são tomadas pelo Estado sob posse dessas informações: será que todas as iniciativas tecnológicas em termos de saúde populacional e biopoder estão a favor da população inteira ou somente de uma parcela detentora desse poder?

Rabinow e Rose (2006) avançam ainda mais na genealogia de biopoder de Foucault e revelam as possibilidades contemporâneas trazidas pela medicina para o controle da vida das populações. Tratando do estudo de raças e da espécie humana, os autores identificam um movimento recente da medicina em estudar o mapeamento genético e a sequência dos DNAs. Dessa maneira,

A própria ciência e o reconhecimento da variabilidade do genoma humano ao nível do nucleotídeo único abre, portanto, imediatamente uma nova via de conceitualização das diferenças entre populações – em termos geográficos e ancestrais – ao nível molecular (p. 42).

Nota-se que, para Foucault, o grande avanço do biopoder realiza-se em termos da análise estatística da saúde das populações; no entanto, para os pesquisadores anteriores, a medicina evolui para o nível molecular, podendo conter doenças ao modificar diretamente o sequenciamento do DNA dos indivíduos. Considerando na sociedade atual o não uso dessas tecnologias com o objetivo de controlar e dominar a população (o que não deixa de ser questionável!), Mitchell auxilia-nos a perceber modos em que os avanços tecnológicos da medicina podem ser utilizados para fins puramente econômicos e para fins de subjugação de seres vivos.

Destarte, como modelos do biopoder avançando para níveis moleculares, vemos personagens como Sonmi~451 e Yoona~939 sendo criadas geneticamente para o trabalho em restaurantes. Ao contrário do pensamento de Rabinow e Rose (2006), a ciência nem

sempre funciona para o bem de todos os seres; muitas vezes um dos objetivos da evolução tecnológica é servir às necessidades da classe regente.

O biopoder na narrativa de Sonmi constrói-se na medida em que o Estado tem controle total da vida e da morte das escravas clones e também, bem como veremos a seguir, da vida dos cidadãos. As grandes corporações criam modos de geneticamente criar pessoas para trabalhar de graça. E, como visto antes, no momento em que perdem a função, isto é, se desgastam e não são tão produtivas, enviam-nas para o matadouro, onde são transformadas em alimento para outros clones. No seguinte excerto, Sonmi revela os mecanismos presentes nesse esquema de escravidão:

Fabricantes. Não custamos quase nada para sermos manufaturados e não temos nenhuma estranha ânsia por uma vida melhor e mais livre. Xpiramos convenientemente depois de quarenta e oito horas sem um Sabão especializado e, portanto, não podemos fugir. Somos um maquinário orgânico perfeito. Você ainda sustenta que não há escravos em Nea So Copros? (MITCHELL, 2004, p. 325).⁴⁸

Esse é um sistema perverso, alienador de escravos por meio do Sabão e dos consumidores por meio da disciplina e dos catecismos. A respeito da alienação, Sonmi-451 evidencia a seu entrevistador de que maneira o Estado é capaz de manter uma estrutura escravocrata acobertada:

Escravizar um indivíduo pesa nas suas consciências, Arquivista, mas escravizar um clone é o mesmo que adquirir o último modelo de um *ford* de seis rodas, eticamente. Porque vocês não conseguem discernir nossas diferenças, vocês acham que não temos nenhuma. Mas não se engane: até mesmo os fabricantes da mesma linha genealógica, cultivados no mesmo útero artificial, são tão singulares quanto os flocos de neve (MITCHELL, 2004, p. 187).⁴⁹

⁴⁸ Tradução nossa do excerto: “*Fabricants. We cost almost nothing to manufacture and have no awkward hankerings for a better, freer life. We conveniently xpire after forty-eight hours without a specialized Soap and so cannot run away. We are perfect organic machinery. Do you still maintain there are no slaves in Nea So Copros?*” (MITCHELL, 2004, p. 325).

⁴⁹ Tradução do excerto: “*To enslave an individual troubles your consciences, Archivist, but to enslave a clone is no more troubling than owning the latest six-wheeler ford, ethically. Because you cannot discern our differences, you believe we have none. But make no mistake: even same-stem fabricants cultured in the same wombtank are as singular as snow-flakes*” (MITCHELL, 2004, p. 187).

Por meio dessa fala poética, Sonmi expõe a forma como os consumidores apagam e assujeitam os fabricantes, considerando-os como simples posse. E é, de fato, assim que se constitui um regime escravocrata. Ou seja, quando um certo grupo de indivíduos é visto como mero objeto ou uma comodidade, um produto pronto para a troca ou venda.

Rabinow e Rose (2006) insistem que “A genômica contemporânea é principalmente dirigida às condições da doença, ao invés de características gerais, tais como inteligência ou personalidade” (p. 43). No entanto, seguindo as revelações de Foucault, um sistema capitalista, ideologicamente perverso, é capaz de se aproveitar das inovações tecnológicas com o objetivo de não somente vigiar e controlar a população, mas também beneficiar um determinado grupo no poder.

Notamos, inclusive, o biopoder por meio da modificação genética não limitada às escravas clones. Por meio de Hae-Joo Im, companheiro de viagem de Sonmi, os leitores sabem um pouco mais como é uma família de consumidores, em geral. Em uma conversa com a clone, Hae-Joo nos mostra que “Os dois pais eram concepções naturais, confessou, os quais venderam a quota do segundo filho, a fim de conseguir que Hae-Joo fosse genomado corretamente” (MITCHELL, 2004, p. 227).⁵⁰

Desse modo, conferimos a utilização dos próprios consumidores e dos avanços tecnológicos para que os filhos tenham acesso a um sequenciamento de DNA sem a presença de doenças e problemas genéticos. Entretanto, é deixado claro que há um preço a pagar pelos benefícios do biopoder: somente vendendo os direitos de ter um segundo filho, melhora-se geneticamente o primeiro. Nessa realidade de Mitchell inclusive questionamos: até onde os cientistas chegam em termos da criação e modificação genética? Qual o preço a ser pago por esses avanços? Quem, de fato, tem acesso às tecnologias científicas?

Consideramos o biopoder e as novas tecnologias importantes para o desenvolvimento da espécie e para o combate de doenças. No entanto, julgamos que a ideologia hegemônica, priorizadora de certos grupos, impede o acesso universal e chega a prejudicar a vida dos subalternos. Se os pesquisadores ainda não fazem uso das novas tecnologias da medicina com o objetivo de explorar os seres humanos, Mitchell conceitualizou as possibilidades futuras dos usos predatórios e abusivos.

Justamente por causa do desenvolvimento tecnológico da medicina, vemos que a forma de escravidão presente na quinta narrativa é muito diferente da exposta em Autua.

⁵⁰ Tradução nossa do excerto: “*Both parents were random conceptions, he confessed, who sold a second child quota to get Hae-Joo genomed properly*” (MITCHELL, 2004, p. 227).

No contexto de Sonmi, a escravidão funciona de modo velado, baseado na alienação da população e dos escravos. Assim, vários artifícios são criados para que seja aceitável a existência de trabalhadores assalariados vivendo em função do trabalho.

Ademais, percebemos que nesse período futuro há a necessidade de uma narrativa falsa explicando os passos a serem tomados na vida, ao menos no caso das clones manufaturadas para trabalhar em restaurantes. Não é de bom grado o fato de as escravas irem direto para o matadouro após ficarem desgastadas. Em virtude disso, há toda uma justificativa inventada. Sonmi conta, durante a entrevista, que todo ano há uma cerimônia, denominada “Sermão da estrela”, cujo objetivo é colocar uma estrela no colar de cada escrava. Assim, ao chegar a doze, a escrava é levada para o Havaí, onde teria a sua “aposentadoria”:

O elevador então levava essas irmãs sortudas com doze estrelas para serem transportadas até a Arca do Papa Song. Para as que saem, é uma ocasião momentânea: para as que sobram, uma inveja aguda. Depois, víamos Sonmis, Yoonas, Ma-Leu-Das e Hwa-Soons sorridentes em 3-D enquanto embarcavam para o Havaí, chegavam à Xultação, e finalmente eram transformadas em consumidoras com anéis de alma (MITCHELL, 2004, p. 186).⁵¹

Aqui, identificamos a perversidade dessa dominação: é prometido um mundo de possibilidades às escravas, caso atuem e trabalhem da forma correta. No entanto, como conferimos anteriormente, o futuro dessas é o abatimento. De modo muito semelhante, já notamos na contemporaneidade situações bem similares quando se trata da escravidão indireta ou acobertada. Modelos tornadas escravas sexuais, crianças vendidas para a retirada e venda de órgãos, trabalhadores (em fazendas, indústrias, e casas privadas) vivenciando regimes escravocratas modernos, nos quais recebem salários irrisórios e condições miseráveis de sobrevivência.⁵²

Mesmo após consequências danosas causadas pela escravidão nos séculos anteriores, as sociedades atuais tentam acobertar a escravidão, mantendo regimes de

⁵¹ Tradução nossa do excerto: “*The elevator then took those lucky Twelvestarred sisters for conveyance to Papa Song’s Ark. For the xiters, it is a momentous occasion: for the remainder, one of acute envy. Later, we saw smiling Sonmis, Yoonas, Ma-Leu-Das, and Hwa-Soons on 3-D as they embarked for Hawaii, arrived at Xultation, and finally were transformed into consumers with Soulrings*” (MITCHELL, 2004, p. 186).

⁵² Links para sites de notícias evidenciando casos de escravidão na atualidade: <https://www.theguardian.com/uk-news/2016/may/24/four-relatives-jailed-for-making-vulnerable-men-work-like-slaves-in-wales>; e <http://g1.globo.com/economia/trabalho-escravo-2014/platb/>

trabalhos extremamente precários. Dessa forma, qual é a garantia, em períodos futuros com o avanço tecnológico, de não haver uma forma semelhante à neo-escravidão de Mitchell? Julgamos que as projeções para o futuro em *Cloud Atlas* nada mais são do que uma reflexão acerca das circunstâncias atuais e da forma como os seres humanos tendem a repetir erros desastrosos do passado.

Gostaríamos apenas de ressaltar, como última discussão do capítulo, a barbaridade no sistema corporativo ao criar a narrativa que engana e aliena as escravas clones. Na narrativa de Autua, a escravidão está presente sem justificativas ou histórias falsas, pois não era um fato absurdo para a tribo Maori. O sistema escravocrata constrói-se, naquela época, como uma prática legal, produtiva e erroneamente justificada. Já na história de Sonmi, fazem-se necessárias mentiras, sustentando uma escravidão que já não é mais legalizada, porém ainda produtiva. De modo a tornar legal, engana-se toda uma sociedade, incluindo fabricantes e consumidores.

Mais do que isso, compreendemos que a existência de uma narrativa falsa revela que os escravos geneticamente criados são seres pensantes e que, então, precisam ser alienados a fim de não se rebelarem. Ou seja, conseguimos notar ferramentas de dominação e disciplina, utilizadas nos seres escravos; e escravos como seres pensantes e autônomos, assim como os outros seres consumidores.

Em suma, visualizamos nesse subcapítulo o percurso histórico estudado por Foucault em termos do conceito de biopoder, observando suas raízes na Roma antiga, quando ainda havia um poder soberano forte, e seu desenvolvimento, complementado pelos pesquisadores Rabinow e Rose até os dias de hoje com as novas tecnologias da medicina. Trazemos ainda questionamentos com relação ao lugar do subalterno em termos desses avanços da ciência, expondo as possibilidades da sociedade ocidental de utilizar o biopoder como forma de silenciamento e subjugação das minorias.

Identificamos também as formas como Mitchell constrói personagens subalternas que lidam grande parte do tempo com os efeitos da manifestação do biopoder. Focalizando apenas nas personagens Autua e Sonmi~451, constatamos as diferenças entre o biopoder esmagador, proveniente de resquícios do poder soberano, na história de Autua, e o biopoder indireto, maquiado, resultado dos avanços da medicina e genética, na narrativa futurística de Sonmi. Em ambas as histórias distingue-se a opressão às personagens, as quais são punidas psicológica e fisicamente. No entanto, tanto Sonmi quanto Autua são

capazes de enfrentar e combater as forças hegemônicas, cada um a seu modo e com as próprias limitações.

CAPÍTULO II

LUIA E ROBERT: IDENTIDADES E PERFORMATIVIDADE

Vimos no capítulo anterior de que modo as ideologias coloniais e a ferramenta do biopoder permanecem como meios de subjugação dos grupos subalternos, mas principalmente como as personagens conseguem enfrentar e combater essas forças hegemônicas. Como caminho natural, abordaremos no segundo capítulo as relações de subalternidade de ordem de gênero, revelando a luta das personagens contra uma sociedade machista e homofóbica.

Assim, iniciaremos a análise das personagens Luisa Rey e Robert Frobisher, dos capítulos “Half-Lives: The First Luisa Rey Mystery” e “Letters from Zedelghem”, buscando investigar a construção dos conceitos de identidade e de gênero nas protagonistas.

No primeiro subcapítulo, trataremos da ideia de identidade a partir dos conceitos de superioridade e fronteira, dissipados por Turner (1996), porém criticado por Limerick (1987) e Slatta (2010). Nosso objetivo nessa seção é revelar de que forma Mitchell representa e, em seguida, quebra com as dualidades provenientes dessa conceitualização da identidade.

Partindo em seguida para o segundo subcapítulo, trataremos uma discussão acerca do sexo, gênero e desejo, a fim de expor de que maneira as protagonistas estão situadas em contextos tradicionais machistas e homofóbicos, isto é, com uma visão dual e restrita de gênero. Além disso, revelaremos como Frobisher e Rey criticam essa postura social e demonstram as conceitualizações de Butler (2003) e Foucault (1980).

De fato, ambas as personagens fogem da comum perspectiva de que sexo e gênero estão intimamente atrelados, partindo para uma visão mais fluida, isto é, de que o gênero é realizado a partir de uma *performance* do sujeito. Assim, por meio de atos, discursos, e manifestações, o indivíduo assume, transforma e posiciona sua identidade de gênero.

Com o propósito de tornar a apresentação do trabalho mais didática, o capítulo está dividido em (2.1.) *Identidade, superioridade e fronteira* e (1.2.) *Identidades de gênero e performance*.

2.1. IDENTIDADE, SUPERIORIDADE E FRONTEIRA

O conceito de identidade está associado com o conjunto de traços, características e imagens específicas relacionadas a uma pessoa ou grupo. Observa-se, no entanto, que para haver a efetivação da identidade, faz-se necessária a existência de um objeto que funcione como diferenciador, isto é, carregando atributos contrários ou diferentes. Dessa maneira, ao estabelecer uma representação identitária, assume-se, direta ou indiretamente, uma comparação com outra representação. Nesse cenário, fugir de um pensamento binário e dual é, de fato, complexo.

A construção da identidade segue padrões binários de modo frequente, seja quando vista da perspectiva hegemônica, seja da subalterna. Tomemos como exemplo a forma como a teoria feminista, décadas atrás, mostrava-se presa a um ideal dual: segundo Butler (2015), presumiu-se a existência de “[...] uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada” (p. 17-18). Aqui, a demarcação de um conceito de verdadeiro para a identidade das mulheres, em contraposição com a categoria dos homens, cria inevitavelmente uma oposição dual.

Assim como Butler, compreendemos que o contexto de criação dessas teorias exigia, àquela época, uma posição representativa mais assertiva. No entanto, os estudos acerca da identidade desenvolvem-se na contemporaneidade, a fim de complementar tais pesquisas e fugir dos binarismos.

Propomos seguir com a análise identitária de gênero, porém antes de avançarmos, faz-se necessário explorar a discussão de como a identidade de alguns grupos de indivíduos em *Cloud Atlas* contribui na presença dos embates de poder entre subalternidade e hegemonia. Por meio da análise dessas representações identitárias, entenderemos, em seguida, os mecanismos de lutas contra a hegemonia em termos de gênero e sexualidade presentes na segunda e terceira narrativas.

Retomando o debate, julgamos um perigo, ainda maior que o binarismo, o momento em que uma identidade assume uma posição de pretensa superioridade relacionada a outra. E, de fato, o resultado da exaltação desse senso de superioridade não pode ser outro além de desastroso. Se efetivado pelo subalterno, criam-se fortes embates, os quais são geralmente abafados pela hegemonia; no caso oposto, gera-se a tentativa – e,

algumas vezes, a efetivação – de silenciamento dos grupos marginalizados, os quais, muitas vezes, são inclusive negados de sua existência.

E é por meio desse senso de supremacia que se constrói o retrato identitário das personagens hegemônicas de *Cloud Atlas*. Percebemos, como exemplo, na primeira narrativa que Autua, um escravo de uma tribo neozelandesa, enfrenta forças colonizadoras que objetivam subjugar-lo e rebaixá-lo. Esse pensamento de soberania é tão forte que permanece intrínseco na personalidade de Adam Ewing, advogado estadunidense cujas ações – a princípio, não a favor de Autua, mas posteriormente sim – apresentam resquícios dessa ideologia: “Autua insiste que, caso não tivesse impedido o despejo dele do navio, não haveria como ter me salvado; portanto, de certo modo, não foi Autua que preservou minha vida, mas eu mesmo” (MITCHELL, 2004, p. 506).⁵³ No trecho, Ewing reconhece a importância de Autua, rompendo com ideologias racistas e preconceituosas; no entanto, ainda carrega um senso de superioridade que o impede de responsabilizá-lo totalmente por tê-lo salvo da morte iminente.

Tal pensamento perspassa todas as narrativas presentes no romance, desde uma sociedade rica e heterossexual subjugando a identidade de gênero de Robert Frobisher e Luisa Rey, na segunda e terceira histórias respectivamente, até um senso mais brando no futuro distópico da última narrativa por meio de Zachry e Meronym, o primeiro membro de uma tribo primitiva e a segunda de uma mais avançada em termos de tecnologia. Aqui ambas as personagens se consideram, ainda que implicitamente, superiores às tribos mais agressivas e primitivas da região.

Parece-nos, inclusive, que o sentido de superioridade se constrói, nas relações entre as personagens, girando em torno do conceito de *fronteira*. Com a exceção da última história em termos cronológicos (na qual os papéis dessa relação de poder se interconectam e modificam esse padrão), nas histórias narradas em *Cloud Atlas* há sempre uma linha tênue que divide a hegemonia da subalternidade, isto é, o sujeito permitido a se manifestar do indivíduo silenciado.

Por meio de um estudo dualista e com objetivos econômicos por traz, Turner, em 1893, com a palestra *The Significance of the Frontier in American History*, é um dos primeiros estudiosos a teorizar e a fazer uma ligação entre os avanços econômicos e de

⁵³ Tradução nossa do excerto: “Autua insists that had I not prevented him from being tossed overboard as a stowaway he could not have saved me & so, in a sense, it is not Autua who has preserved my life but myself” (MITCHELL, 2004, p. 506).

expansão territorial com o conceito de fronteira. O pesquisador, de fato, cria um projeto de identidade para os Estados Unidos que perdura até os dias de hoje no imaginário da população. Esse projeto, no entanto, como sabemos, não é novo, visto que o movimento de exploração e conquistas perdura desde as Grandes Navegações.

A imagem dissipada pelo autor é a de que o motivo dos avanços ao oeste é a presença de terras planas, livres e inabitadas, isto é, prontas para o domínio. Assim, para Turner, a superação da fronteira (na linha tênue entre o conhecido e o desconhecido) caracteriza-se como o movimento principal realizado no período da expansão para o Oeste. Mais do que isso, pensa-se que esses avanços trouxeram um saldo deveras positivo para a população: “O movimento para o Oeste garantiu a democracia política e social através da disponibilidade de terras livres e energizou o crescimento econômico com bonanças sucessivas da fronteira” (STADNIKY, 2007, p. 2)

Entretanto, o projeto de Turner (1996) é criticado na contemporaneidade, justamente por carregar ideologias hegemônicas que viriam a reprimir a existência de qualquer população marginalizada presente nas “livres” terras. Mesmo na definição de fronteira, ou seja, “[...] o limiar externo da onda – o ponto de encontro entre o selvagem e a civilização” (TURNER, 1996, p. 3),⁵⁴ o teórico se mostra dicotômico ao considerar o polo estadunidense como civilizado – portanto positivo –, e o polo das tribos indígenas como selvagem – e portanto negativo. Essa imagem identitária avassaladora, que mostra o povo estadunidense rompendo fronteiras e derrubando/silenciando quem estiver pela frente, é uma construção sancionada pelas teorizações de Turner.

Efetivamente, embora visto como um mito por estudiosos como Limerick (1987) e Slatta (2010), devido ao fato de criar uma imagem errônea e, de certa forma, romantizada das conquistas territoriais, na contemporaneidade a identidade pautada na fronteira supera os limites físicos dos Estados Unidos. Dessa forma, desde as expansões marítimas feitas pelas principais nações da Europa até a contemporaneidade com o advento da globalização, os limites fronteirizos extrapolam para os outros países. Isto é, a conquista territorial e a dissipação de um princípio civilizatório abarcam também outras nações. De fato, a crença em uma imagem conveniente permite que essa identidade ainda continue sendo perpetuada, sancionando atos colonialistas nos dias atuais.

⁵⁴ Tradução nossa do excerto: “[...] *the frontier is the outer edge of the wave - the meeting point between savagery and civilization*” (TURNER, 1996, p. 3).

Mitchell, se afastando da visão de Turner, retrata e critica o conceito de fronteira e a oposição entre o civilizado e o selvagem. Longe de ter a intenção de perpetuar binarismos, o autor revê o conceito de fronteira, fundamentando-se nas pesquisas recentes acerca da impossibilidade da efetiva separação cultural entre povos. Em outras palavras, fronteira é uma concepção inconsistente e utópica, impossível de se concretizar, afinal essa linha habita o imaginário social e político.

Dessa maneira, o romance explora as oposições civilizado/selvagem por meio, em termos cronológicos dos capítulos, do homem branco ocidental/escravo indígena, do homem heterossexual/homem bissexual, do homem/mulher, do jovem/idoso, do ser humano/clone feminina, da tribo avançada/primitiva. Todavia, logo na primeira narrativa o autor deixa claro que essas identidades não são fixas, ou seja, são maleáveis a quaisquer interações entre as demais personagens. Nesse capítulo, Ewing, representante claro de uma hegemonia branca, heterossexual e rica, carrega ideologias racistas e preconceituosas; entretanto essas são abrandadas, senão descartadas devido ao contato direto com um membro da subalternidade.

A fronteira é destruída pelas protagonistas subalternas, as quais lutam não em favor de uma oposição dual na qual sua classe vai se beneficiar, mas sim almejando a criação de uma sociedade equilibrada. A ruptura entre o binarismo civilizado/bárbaro culmina, justamente na última narrativa, na união entre hegemonia e subalternidade ocorre em prol da sobrevivência. Ou seja, não há interferência entre os povos, não há intenções colonizadoras e imperialistas, mas um intento de unificação e pacificação entre os povos.

Para chegar a esse ponto, no entanto, várias personagens no romance passam por um processo subjugador, no qual tem de lutar para permanecer condizentes à concepção de identidade pessoal. Gostaríamos de nos deter nas protagonistas das histórias dois e três – “Letters from Zedelghem” e “Half-lives: the First Luisa Rey mystery”, isto é, em Robert Frobisher e Luisa Rey, com o objetivo de compreender o processo de luta e de definição identitária de ambos. O foco dessa análise será a identidade de gênero manifestada e assumida por cada um.

2.2. IDENTIDADES DE GÊNERO E PERFORMANCE

As discussões acerca das identidades de gênero perspassam vários níveis, envolvendo a distinção (ou não) entre as categorias sexo, gênero e desejo, frequentemente misturadas ou assumidas como bloco indissociável. Butler (2015) é uma das estudiosas que

se aprofunda nesse debate, interpretando, questionando e acrescentando às teorizações de Foucault, em *A história da sexualidade*; de Beauvoir, em *O segundo sexo*; de Kristeva, em *Revolução na linguagem poética*, assim como de Lacan, em *O significado do falo*, e de Freud, em *O ego e o superego*.

A autora, frente às difíceis discussões, declara abertamente que a tarefa do crítico dessa área é a de “[...] formular, no interior dessa estrutura constituída, uma crítica às categorias de identidade que as estruturas jurídicas contemporâneas engendram, naturalizam e imobilizam” (BUTLER, 2015, p. 24). A pensadora revela que a constituição e as crenças acerca da identidade de gênero envolve uma estrutura bem mais complexa do que aparenta.

Seguindo as observações de Foucault, percebe-se uma mobilização jurídica e política, responsáveis por uma “[...] limitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo ‘proteção’ dos indivíduos relacionados àquela estrutura política, mediante uma ação contingente e retratável de escolha” (BUTLER, 2015, p. 19). Essas estruturas de poder estão relacionadas com a forma como enxergamos sexo, gênero e desejo, mas principalmente com a indireta produção de identidades.

Para compreender essa afirmação, devemos olhar para as distinções entre as categorias de gênero e sexo, e para o modo como se as observam de forma indissociável. A complexidade em apreender as diferenças entre as categorias é concebível, ainda mais considerando o gênero, assim como pensa Beauvoir, construído por forças exteriores ao ser. De fato, por meio da famosa frase “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9), a pensadora feminista enfatiza justamente as distinções existentes entre as duas categorias.

Mas afinal o que está implícito na afirmação de que o sexo é indissociável à categoria de gênero? Encaminhando para uma abordagem biológica, a qual avaliamos como discutível, o ser humano nasceria com duas restrições possíveis: feminina e masculina. Dessa maneira, a identificação de gênero já estaria pré-selecionada desde o nascer, estando relacionada a essas duas condições fixas.

Beauvoir e Butler questionam a teoria, mostrando que o gênero não aparece já no nascimento, mas sim é resultado de um processo bem mais complexo. Segundo Butler (2015),

[...] não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito (p. 26).

Assim, admitem-se as mais diversas possibilidades de gênero, não as restringindo à categoria de sexo. Na visão de Butler, um corpo masculino pode muito bem exprimir um gênero tido como masculino, assim como feminino; e o mesmo funciona para qualquer gênero.

Tomemos como exemplo dessa distinção entre sexo e gênero a personagem Luisa Rey. A narrativa em que se encontra ocorre na metade do século XX na cidade fictícia de Buenas Yervas, nos Estados Unidos. Luisa é uma jornalista ambiciosa que recebe um dossiê de Rufus Sixsmith, acusando uma famosa corporação de ir adiante com a construção de plantas nucleares perigosas e instáveis. De posse dos documentos, a personagem encara uma jornada para desmascarar as artimanhas da companhia e publicar uma reportagem expondo possibilidades de perigo à população.

Luisa, desde o início da narrativa, não se submete às características que normalmente as mulheres da época apresentam. Em meio a uma sociedade machista, repleta de homens ocupando o espaço profissional, seja nas editoras, nos cargos políticos ou em qualquer outra profissão, a personagem desponta como uma força ativa, imponente e corajosa. Claro, isso se faz sobre uma perspectiva tradicional de gênero. Entretanto, desestabiliza as fundações das teorias que associam o sexo ao gênero.

A personagem, de fato, interrompe as associações diretas do imaginário popular de que as mulheres apresentam traços “femininos”, ou melhor, do que socialmente está relacionado ao conceito de feminino. De fato, esse conceito está atrelado a uma significação da falta, do inexistente, do submisso, do passivo. Assim, Luisa causa uma ruptura no binarismo feminino/masculino, carregando uma identidade permeada por uma *performance* pouco marcada pela submissão.

Essas características de bravura, coragem e independência são confrontadas por personagens que acreditam no conceito arcaico e binário de sexo e gênero. No trecho a seguir, Luisa está em uma festa promovida pela mãe e pelo padrasto, momento em que a personagem lida com situações não correspondentes ao esperado:

Uma convidada, cuja idade é semelhante à de Luisa, abraça-a. “Luisa! Passaram-se três ou quatro anos!” De perto, o charme da convidada é malicioso e impertinente. “Mas é verdade que você *ainda* não se casou?”

“Certamente não.” É a seca resposta de Luisa. “Você já?” (MITCHELL, 2004, p. 402).⁵⁵

A festa promovida pelos familiares da personagem revela, de forma explícita, características patriarcais e machistas veladas apresentadas anteriormente no capítulo. Assim, nessa cena mostra-se, de forma direta, a imagem de mulher como sendo dona de casa, cuja função é casar, ter filhos e acatar as opiniões do marido.

Em face disso, devemos nos atentar para o modo como Luisa lida com a situação. Ao invés de acatar a uma *performance* de gênero retrógrado, não condizendo com as suas ideologias, a personagem reforça uma postura afirmativa, na qual se orgulha das escolhas de não seguir o trajeto de vida esperado por essa sociedade. Luisa, em um sentido, sustenta o que Butler diz, quando critica as relações entre sexo e gênero como uma unidade. Para a autora,

O gênero só pode denotar uma *unidade* de experiência, de sexo, gênero e desejo, quando se entende que o sexo [...] exige um gênero – sendo o gênero uma designação psíquica e/ou cultural do eu – e um desejo – sendo o desejo heterossexual e, portanto, diferenciando-se mediante uma relação de oposição ao outro gênero que ele deseja (BUTLER, 2015, p. 52).

Luisa, dessa maneira, discorda do posicionamento de que o gênero, sexo e desejo se enquadram em um bloco de unidade, visto que em sua *performance* de gênero não segue às expectativas dessa afirmação. No entanto, não é um trabalho fácil para a personagem portar-se dessa maneira e enfrentar uma sociedade repleta de ideologias machistas.

Nota-se o perfil hegemônico machista explícito, isto é, a todo tempo diminuindo e rebaixando as mulheres, no capítulo dedicado à Luisa Rey. No excerto a seguir, observamos Luisa sendo menosprezada por Nussbaum, colega de trabalho na editora da revista *Spyglass*, quando expõe o desejo de investigar o caso trazido por Sixsmith:

⁵⁵ Tradução nossa do excerto: “A female guest of Luisa’s age hugs her. ‘Luisa! It’s been three or four years!’ Close-up, the guest’s charm is cattish and prying. ‘But is it true you’re not **married** yet?’

‘I certainly am not’ is Luisa’s crisp reply ‘Are you?’” (MITCHELL, 2004, p. 402).

“Ele [Sixsmith] acredita que o novo reator nuclear HYDRA, na ilha de Swanekke, não é tão seguro como dito oficialmente. De fato, não é nada seguro. A cerimônia de abertura é nessa tarde, então gostaria de participar e ver se consigo encontrar algo.”

“Que daora, uma cerimônia de abertura técnica,” exclama Nussbaum. “Que ressoar é esse, pessoal? Um prêmio Pulitzer, a caminho?”

“Ah, vai se fuder, Nussbaum.”

Jerry Nussbaum suspira. “Só se for com você...”

Luisa está dividida entre retaliar – *Sim, e deixar o verme notar o quanto te irrita* – e ignorá-lo – *Sim, e deixar o verme se safar dizendo o que bem entende* (MITCHELL, 2004, p. 100).⁵⁶

Se não bastasse o menosprezo pelo campo investigativo de Luisa, o jornalista faz um comentário machista e característico de assédio. A reação de Nussbaum, na realidade, não seria a mesma, caso fosse um jornalista do sexo masculino; porém, mais do que isso, o espaço de trabalho, isto é, os outros empregados, incluindo o chefe, e o conjunto de leis veladas e indiretas permitem atitudes como essa.

Ademais, essas características sociais são revestidas por um grande patriarcalismo, elemento estudado por Butler (2015) com base em Lévi-Strauss. A sociedade ocidental é construída sob esses ideais patriarcais, nos quais uma das únicas funções das mulheres é ser o objeto de casamento.

Segundo a pesquisadora, “[...] a noiva funciona como termo relacional entre grupos de homens; ela não *tem* uma identidade [...]. Ela *reflete* a identidade masculina, precisamente por ser o lugar de sua ausência” (p. 77). Dessa maneira, a importância das mulheres nas sociedades patriarcais é quase nula; fato que explica os motivos pelos quais uma atitude como a de Nussbaum é simplesmente ignorada pelo grupo de trabalhadores, provavelmente em sua maioria homens.

⁵⁶ Tradução nossa do excerto: “‘He believes the new HYDRA nuclear reactor at Swanekke Island isn’t as safe as the official line. Isn’t safe at all, in fact. Its launch ceremony is this afternoon, so I want to drive out and see if I can turn anything up.’

‘Hot shit, a technical launch ceremony,’ exclaims Nussbaum. ‘What’s that rumbling sound, everyone? A Pulitzer Prize, rolling this way?’

“Oh, kiss my ass, Nussbaum.”

Jerry Nussbaum sighs. ‘In my wettest dreams ...’

Luisa is torn between retaliation—*Yeah, and letting the worm know how much he riles you*—and ignoring him—*Yeah, and letting the worm get away with saying what the heck he wants*” (MITCHELL, 2004, p. 100).

Outro momento em que Luisa Rey pondera sobre essa sociedade é quando conversa abertamente com uma funcionária da companhia *Seaboard*, a última expondo as vivências de assédio que sofrera no passado:

“O que você faria? Diria alguma frase inteligente e humilhadora, deixando-os saber que você está irritada? Ao dar um tapa, seria considerada histórica? Ademais, nojentos desse jeito gostam de ser esbofeteados. Fazer nada? Então qualquer homem no local pode dizer merdas como essa para você e sair impune?”

“Uma reclamação oficial?”

“Provar que as mulheres correm para os homens mais importantes quando a coisa fica feia?”

“Então o que você fez?”

“Fiz o transferirem para nossa fábrica em Kansas. No meio do nada, no meio de Janeiro. [...] Fofoca vai fofoca vem, e sou apelidada de Senhor Li. Uma mulher de verdade não teria tratado o pobre homem tão cruelmente, não, uma mulher de verdade teria assumido a piada dele como um elogio.” Fay Li amacia a toalha de mesa amarrotada. “Você enfrenta essas porcarias no trabalho?”

Luisa pensa em Nussbaum e Jakes. “Todo o tempo.”

“Talvez nossas filhas viverão em um mundo livre, mas nós, esqueça. Nós temos que nos ajudar, Luisa. Os homens não vão fazer isso para nós” (MITCHELL, 2004, p. 136-137).⁵⁷

Apesar de Fay Li utilizar um discurso manipulador, com o objetivo de ganhar a confiança de Luisa Rey, as mulheres discutem aspectos importantes em termos de identidade de gênero e sexo. Li compartilha experiências de assédio pelo fato de ser mulher no trabalho e revela que, ao punir o responsável, é denominada de Senhor Li. Essa atitude justifica-se na medida em que é inconcebível para aquele contexto e sociedade considerarem uma mulher não submissa e condizente com os desaforos dos outros. Assim,

⁵⁷ Tradução nossa do excerto: “*What would you do? Dash off some witty put-down line, let 'em know you're riled? Slap him, get labeled hysterical? Besides, creeps like that enjoy being slapped. Do nothing? So any man on site can say shit like that to you with impunity?*”

“*An official complaint?*”

“*Prove that women run to senior men when the going gets tough?*”

“*So what did you do?*”

“*Had him transferred to our Kansas plant. Middle of nowhere, middle of January. I pity his wife, but she married him. Word gets around, I get dubbed Mr. Li. A real woman wouldn't have treated the poor guy so cruelly, no, a real woman would have taken his joke as a compliment.*” Fay Li smooths wrinkles in the tablecloth. “*You run up against this crap in your work?*”

Luisa thinks of Nussbaum and Jakes. “*All the time.*”

“*Maybe our daughters'll live in a liberated world, but us, forget it. We've got to help ourselves, Luisa. Men won't do it for us*” (MITCHELL, 2004, p. 136-137).

em termos binários, sendo o sexo diretamente vinculado com o gênero feminino, Fay Li não pode ser uma mulher; por isso, o apelido masculino.

Longe dessa perspectiva dual, pensamos que tanto o gênero quanto o sexo é resultado de uma construção envolvendo diversos fatores – entre eles uma imposição normatizada que regula e proíbe manifestações de gênero contrárias à heteronormatividade. Em outras palavras, “A matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidade’ não possam ‘existir’ – isto é, aqueles em que o gênero não decorre do sexo [...]” (BUTLER, 2015, p. 44).

Entretanto, o questionamento é ainda mais amplo: já vimos uma dissociação entre as categorias de sexo e de gênero, sendo essa última vasta e numerosa; mas porque devemos continuar adotando um binarismo também para a concepção de sexo? O mesmo conjunto de leis que consideram intelegíveis as identidades de gêneros, dissociadas do respectivo sexo, também não admitem o não dualismo sexual.

Foucault, por meio da publicação de diários de um/uma hermafrodita, é um dos primeiros estudiosos a trazer questionamentos acerca do sexo e das possibilidades não binárias dessa classificação. Na curta introdução aos textos de Herculine, o autor expõe uma genealogia ao sexo e ao hermafroditismo, revelando que o tabu instituído aos que fogem aos binarismos sexuais não era tão forte durante a Idade Média. De acordo com suas pesquisas, Foucault descobre que, embora o pai decida o gênero da criança no nascimento de um/uma hermafrodita, naquela época havia a possibilidade de escolha da identificação sexual pelo próprio sujeito no momento da adultidade.

Com o passar do tempo, no entanto,

Teorias biológicas da sexualidade, concepções jurídicas do indivíduo, formas de controle administrativo nas nações modernas levaram, pouco a pouco, a rejeição da ideia da mistura de dois sexos em um único corpo, e, conseqüentemente, a limitação da livre escolha de indivíduos indeterminados. Portanto, todos deveriam ter somente um único sexo (FOUCAULT, 1980, p. viii).⁵⁸

⁵⁸ Tradução nossa do excerto: “*Biological theories of sexuality, juridical conceptions of the individual, forms of administrative control in modern nations, led little by little to rejecting the idea of a mixture of the two sexes in a single body, and consequently to limiting the free choice of indeterminate individuals. Henceforth, everybody was to have one and only one sex*” (FOUCAULT, 1980, p. viii).

E é essa sociedade controladora, repletas de tabus sexuais, que faz a/o hermafrodita Herculine sofrer uma crise de identidade e, posteriormente, cometer o suicídio. Essa sociedade, representada principalmente pela religião e pela medicina da época, decide limitar as possibilidades de Herculine, tornando-a/o do sexo masculino.

Concebemos, assim como Foucault, que os contextos mudam e que no século atual há uma maior aceitação e uma menor discriminação acerca daqueles que não se enquadram no modelo sexual normatizado (considerando aqui as culturas e os contextos ocidentais). Entretanto, assim como observamos em Robert Frobisher, protagonista da segunda história em *Cloud Atlas*, a sociedade ainda precisa de um tempo para evoluir e aceitar as diferenças.

A narrativa passa-se no início do século XX, em Zedelghem, na Bélgica, narrando a história de Robert Frobisher, jovem músico que deixa a casa e a família na Inglaterra para ser copista do famoso compositor Vyvyan Ayr. O que aproxima essa narrativa das teorizações de Foucault acerca da sexualidade é o motivo da jornada de Frobisher, isto é, ter sido deserdado e, provavelmente, expulso da casa dos pais. Tudo motivado pela sexualidade não binária da personagem, a qual se declarava bissexual.

No capítulo, desenvolvido por meio de cartas para um amante de Robert, a personagem trata poucas vezes desse assunto tão delicado e marcante. No entanto, em uma das cartas, Frobisher revela partes do acontecimento:

Não, nem precisa me dizer, eu não posso correr de volta ao Pai com mais um *cri de coeur*. Validaria cada palavra venenosa que disse sobre mim. Preferia, ao invés, saltar da ponte de Waterloo e deixar o Velho Pai Tâmis me honrar. Sério (MITCHELL, 2004, p. 44-45).⁵⁹

Embora explicitamente Frobisher não tenha revelado o motivo, deixa claro que houve uma alteração com o pai, resultando em um ressentimento e mágoa por parte do protagonista. Nesse trecho, já se nota indícios do fim trágico que terá Frobisher, ao ver a carreira destruída e seus relacionamentos em ruínas.⁶⁰

⁵⁹ Tradução nossa do excerto: “No, before you say it, I can’t go running back to Pater with yet another *cri de coeur*. Would validate every poisonous word he said about me. Would rather jump off Waterloo Bridge and let Old Father Thames humble me. Mean it” (MITCHELL, 2004, p. 44-45).

⁶⁰ Questionamos nesse momento a visão de Mitchell a respeito da subalternidade em termos da bissexualidade e homossexualidade. Será que para o autor não há outra possibilidade a não ser um futuro trágico?

Somente na segunda parte da narrativa, chegamos perto do motivo da briga com o pai. Sim, a relação entre Frobisher e Sixsmith, proibida à época, já nos fornece pistas; porém, no seguinte excerto, há uma clarificação: “Me pergunto se meu irmão gostava de meninos assim como de meninas também, ou se esse defeito é somente meu. Pergunto se ele morreu celibatário” (MITCHELL, 2004, p. 442).⁶¹

Se na história de Luisa a sociedade questionava a identidade de gênero não condizendo com a imagem submissa e passiva da mulher, na narrativa de Frobisher a sociedade nem ao menos concebe a possibilidade do desejo homossexual ou ainda do bissexual. Assim, a personagem tem de viver uma mentira, em termos de identidade de gênero, a fim de não ser despejado da casa de Ayrts e se encontrar marginalizado socialmente.

Segundo Butler (2015), baseada nas teorizações de Freud, a sexualidade, no caso tanto a de Luisa quanto a de Frobisher, tem raízes na infância, principalmente com a evolução e o desenrolar do Complexo de Édipo. De fato, por meio do tabu do incesto, o/a jovem é proibido de se relacionar sexualmente com o/a pai/mãe, havendo uma internalização do objeto tabu do desejo e o conseqüente desvio “[...] desse objeto para outros objetos do sexo oposto.” (p. 109). A questão é que, para Freud, a homossexualidade desenvolve-se por meio da estratégia da melancolia, isto é, não só há uma perda do objeto de amor, mas também uma identificação por ele. Por meio desses posicionamentos, o psicanalista constrói um argumento da possibilidade de a bissexualidade ser uma realidade na infância, de modo que

[...] o menino tem de escolher não só entre as duas escolhas de objeto, mas entre as duas predisposições sexuais, masculina e feminina. [...] Torna-se cada vez mais duvidosa [...] a heterossexualidade primária do investimento objetal do menino (BUTLER, 2015, p. 109-110).

Butler, no entanto, vai além dessas afirmações. Caminhando lado a lado com Foucault, a autora defende que os tabus do incesto e da homossexualidade são leis que objetivam a proibição por meio de uma rede de possíveis punições. No entanto, essas mesmas leis parecem “[...] produzir *tanto* a heterossexualidade sancionada *como* a

⁶¹ Tradução nossa do excerto: “*Do wonder if my brother liked boys as well as girls too, or if my vice is mine alone. Wonder if he died celibate*” (MITCHELL, 2004, p. 442).

homossexualidade transgressora. Ambas são na verdade *efeitos* [...]” (BUTLER, 2015, p. 133).

Assim, Butler traz a possibilidade da própria sociedade excludente e marginalizadora ser a responsável pela produção de ambas as identidades de gênero, inclusive a bissexualidade em Frobisher. De fato, o ato de recalcar ou de tentar proibir não faz com que uma realidade seja apagada ou destruída, mas sim que aumente a discriminação, o preconceito e, conseqüentemente, o sofrimento por parte das pessoas.

A grande ironia é a seguinte: “[...] para que a heterossexualidade permaneça intata como forma social distinta, ela *exige* uma concepção inteligível da homossexualidade e também a proibição dessa concepção, tornando-a culturalmente ininteligível” (BUTLER, 2015, p. 138). Isto é, para que a hegemonia permaneça com o poderio, cria-se uma concepção compreensível da homossexualidade somente para depois transformá-la em objeto de subjugação e silenciamento.

Consideramos que as personagens subalternas em *Cloud Atlas* trabalham com um conceito de os sujeitos terem a possibilidade (dependendo dos contextos específicos) de expressar identidades de gênero por meio da *performance*, por mais que a sociedade esteja repleta de leis repressivas e proibitivas. Assim, a rigidez de identidade não é uma realidade tão forte na narrativa de Mitchell (apesar de encontrarmos indícios por meio da identidade de Robert Frobisher).

O gênero como *performance*⁶² é proposto por Butler como uma alternativa a teorias que buscam defender a manifestação do gênero, ou seja, a adoção de uma identidade de gênero, como algo fixo, uma unidade na qual sexo e desejo também estão incluídas. Por meio da *performance*, o gênero mostra-se de uma forma fluída, leve e aberta às mais diversas possibilidades.

Segundo a autora, a *performance* se dá por meio de

[...] atos, gestos e desejo [, os quais] produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem *na superfície* do corpo [...]. Esses atos, gestos e atuações [...] são *performáticos*, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são

⁶² Compreendemos *performance* como todas as ações desempenhadas por um indivíduo na sociedade, incluindo aqui a fala e o discurso. A respeito disso, Pinto (2007) nos revela que “O sujeito de fala é aquele que produz um ato corporalmente; o ato de fala exige o corpo. O agir no ato de fala é o agir do corpo, e definir esse agir é justamente discutir a relação entre linguagem e corpo” (PINTO, 2007, p. 10-11).

fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos (BUTLER, 2015, p. 235).

Assim, compreendendo o gênero como não limitado a uma única realidade, como definir se há ou não um gênero verdadeiro, assim como a sociedade heterossexista busca? Devido à repetição desses atos, gestos e discursos, uma identidade de gênero é construída; no entanto, essa identidade é muito instável, podendo (ou não) variar dependendo do contexto situacional ou, simplesmente, da vontade do indivíduo.

Caminhando junto de Butler (2015), quando diz que “[...] o gênero é uma identidade tenuamente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*” (p. 242), tanto Luisa Rey quanto Robert Frobisher manifestam-se de modo performático. A *performance* de gênero de Luisa, por exemplo, varia de acordo com os contextos em que está inserida, sendo reforçado e incisivo no momento em que está em uma festa na casa da mãe:

Judith Rey encontra Luisa assistindo o noticiário da tarde no quarto do marido. “‘Sapatão,’ escutei Anton Henderson dizer, e se não era sobre você, doçura, eu não sei – não é engraçado! Seus... problemas de rebelião estão *piorando*. Você reclama de estar sozinha então eu te apresento jovens bons, e você dá uma de machona em sua voz da *Spyglass*.’”

“Quando eu reclamei de estar solitária?”

“Rapazes como os Hendersons não nascem em árvores, sabia?”

“Pulgões crescem em árvores” (MITCHELL, 2004, p. 403-404).⁶³

Constatamos aqui o tabu contra a homossexualidade: Judith Rey admite que gostaria que a identidade de gênero da filha não se distanciasse do tido comumente como feminino. Luisa, impassiva, não acata aos desejos da mãe, reforçando no jantar com os jovens Hendersons a sua “voz da *Spyglass*”, que nada mais é que sua *performance* de gênero como uma mulher ativa, corajosa e independente.

⁶³ Tradução nossa do excerto: “*Judith Rey finds Luisa watching an afternoon news report in her husband’s den. “ ‘Bull dyke,’ I heard Anton Henderson say, and if it wasn’t about you, Cookie, I don’t know—it’s not funny! Your ... rebellion issues are getting worse. You complain about being lonely so I introduce you to nice young men, and you ‘bull-dyke’ them in your Spyglass voice.*”

“*When did I ever complain about being lonely?*”

“*Boys like the Hendersons don’t grow on trees, you know.*”

“*Aphids grow on trees*” (MITCHELL, 2004, p. 403-404).

Frobisher, por outro lado, em virtude da época e do contexto, não se considera capaz de ter uma performance de gênero assim como gostaria, isto é, expor livremente a bissexualidade. Se, com a exposição à família, é forçado a mudar para outro país, a personagem vê a si mesmo na urgência de utilizar-se de uma *performance* de gênero não contraditório às leis proibitivas da sociedade europeia do início do século XX.

Todavia, embora tendo que esconder traços do universo pessoal da sexualidade para algumas pessoas, Frobisher atua e performa diferentemente quando escreve para Sixsmith, ao conversar com Vyvyan Ayr, ou ainda quando se vê num amor platônico com a filha do patrão. Em nenhum momento, a personagem luta contra uma identidade de gênero verdadeira, assim como não vai contra uma identidade permanente de masculinidade. Diferente das variadas motivações da/do hermafrodita Herculine, Frobisher não comete suicídio no final da narrativa motivado, em partes, por uma impossibilidade de viver com uma perspectiva de identidade limitada. A personagem deixa claro na última carta:

Não deixem falar que eu me matei por amor, Sixsmith, isso seria muito ridículo. Fui acometido por uma paixão por Eva Crommelynck num piscar de olhos, mas nós dois sabemos no nosso íntimo quem é o único amor da minha breve e brilhante vida (MITCHELL, 2004, p. 470).⁶⁴

Dessa maneira, a personagem revela que não se vê tão incomodado pelas questões de gênero, justamente por compreender a natureza e a necessidade da performatividade no contexto em que vive. A motivação pelo suicídio, assim como compreendemos, está mais atrelada à impossibilidade de compor músicas livremente e ao abuso psicológico sofrido com Ayr.

Portanto, nesse tópico pudemos notar como há, em *Cloud Atlas*, uma luta identitária entre as personagens subalternas e as hegemônicas, na maioria das vezes centrada no conceito de fronteira. Turner (1996) auxilia-nos a compreender de que maneira uma identidade nacional pode ser construída/forjada, enquanto Mitchell revela de qual forma as protagonistas conseguiram superar barreiras e divisões binárias relacionadas à imagem da fronteira.

⁶⁴ Tradução nossa do excerto: “Don’t let ’em say I killed myself for love, Sixsmith, that would be too ridiculous. Was infatuated by Eva Crommelynck for a blink of an eye, but we both know in our hearts who is the sole love of my short, bright life” (MITCHELL, 2004, p. 470).

De fato, prosseguindo, mostramos como as personagens Luisa Rey e Robert Frobisher rompem com a dualidade de gênero, a primeira lutando contra uma sociedade machista que não admite a separação entre as categorias de sexo e gênero, e o segundo contra uma sociedade homofóbica, repleta de tabu contra a homossexualidade. Seguindo o caminho de Butler (2015), consideramos que ambas as protagonistas constroem identidades de gênero por meio da performatividade, isto é, por meio de atos, ações, falas e discursos utilizados em situações diferentes. Longe de manter um pensamento rígido, a identidade de gênero no romance não só se apresenta maleável e adaptável para situações conflituosas, mas também como ferramenta de oposição a uma sociedade hegemônica subjugadora e silenciadora.

CAPÍTULO III

TIMOTHY E ZACHRY: LIBERDADE

Prosseguindo para o terceiro capítulo, examinaremos de que forma as personagens Timothy Cavendish e Zachry, das narrativas “The Ghastly Ordeal of Timothy Cavendish” e “Sloosha's Crossin' an' Ev'rythin' After”, possuem sua liberdade limitada pelas forças detentoras do poder. Ademais, exploraremos meios pelos quais as protagonistas lutam para retomar a liberdade.

Durante esse capítulo, traremos o conceito de liberdade baseado em Bauman (2014) e Arendt (2000), além de nos fundamentarmos nas considerações de Butler e Spivak (2007) sobre esse tema. Assim, levantaremos, em primeiro lugar, questões filosóficas acerca da presença e do desejo do indivíduo pela liberdade, investigando as problemáticas de uma sociedade que se vê alienada e dispensa a necessidade de adquirir autonomia.

Em um segundo momento, utilizaremos os estudos de Arendt para compreender de que maneira uma sociedade permite a tomada de liberdade dos sujeitos e como reverter essa situação. Ademais, seguindo os caminhos trilhados no capítulo anterior, retomaremos o conceito de performatividade como ato/discurso libertador.

Tratando da estrutura do capítulo, teremos um subcapítulo denominado (3.1.) *Tem o subalterno liberdade em sociedades predatórias hierárquicas?*.

3.1. TEM O SUBALTERNO LIBERDADE EM SOCIEDADES PREDATÓRIAS HIERÁRQUICAS?

No capítulo anterior, trouxemos questionamentos a respeito da identidade de Luisa e Robert, compreendendo que a subjugação das personagens dá-se em termos de gênero e sexualidade, principalmente. No presente capítulo, não desviaremos muito da identidade construída por meio do recurso performativo como resistência subalterna. No entanto, atentaremos-nos para o senso de liberdade existente nessas sociedades predatórias hierárquicas, isto é, às formas como as personagens detentoras do poder impedem as protagonistas subalternas de serem livres. O foco, nessa parte do trabalho, será nas personagens Timothy e Zachry.

A luta de resistência dos subalternos perpassa questionamentos acerca da liberdade. Assim como visto nos subcapítulos anteriores, esse conceito de liberdade pode se tratar das expressões corporais, da escolha e da manutenção de uma identidade de gênero. Todavia, consideramos necessário determo-nos em um conceito mais amplo, ponderando o status do subalterno em contextos cuja limitação desse senso de emancipação está presente.

Bauman (2014) auxilia-nos na discussão ao expor a seguinte concepção de liberdade:

“Libertar-se” significa literalmente libertar-se de algum tipo de grilhão que obstrui ou impede os movimentos; começar a *sentir-se* livre para se mover ou agir. “Sentir-se livre” significa não experimentar dificuldade, obstáculo, resistência ou qualquer outro impedimento aos movimentos pretendidos ou concebíveis (p. 26).

Por consequência, a liberdade engloba conceitos relacionados ao desejo, pois, ainda mais tratando-se da sociedade ocidental contemporânea, há a necessidade de o homem satisfazer desejos e necessidades. Dessa maneira, a liberdade, para Bauman, é conquistada na medida em que a capacidade de ação do sujeito permita a realização dos desejos, ou ainda que esses últimos sejam reduzidos.

Nas narrativas de Mitchell, notamos de que forma o conceito de liberdade de Bauman pode ser considerado restringido, ou, em alguns momentos, quase inexistente. Na quarta história, Timothy Cavendish, um editor idoso, vê-se trancado em uma casa de repouso, não sendo permitido a ele realizar diversas ações, como usar um telefone, sair da rotina ou ainda sair das habitações. Já Zachry, na narrativa pós-apocalíptica, encontra-se,

em conjunto com os integrantes de sua tribo, ameaçado constantemente por uma outra, violenta e agressiva.

Ambas as formas de privação da liberdade funcionam de modo distinto. No primeiro exemplo Timothy está fisicamente preso e sofre violência e punição, a fim de que a ordem e as normas sejam mantidas. Já no segundo, a liberdade de Zachry é mais maleável, pois sofre com ações violentas sem estar preso. A constante ameaça à vida dos companheiros torna as vidas limitadas. Assim, por mais que não haja limites físicos, Zachry vê familiares e colegas assassinados brutalmente pela tribo adversária, destituindo-os da liberdade de existir.

No trecho a seguir, podemos perceber as ferramentas de privação da liberdade quando Timothy é aprisionado contra a vontade em uma casa de repouso:

Ao acordar, descubro uma mulher, não tão jovem, com um corte de cabelo pageboy vasculhando meus pertences pessoais, como uma caçadora de recompensas. “Que diabos está fazendo no meu quarto, sua ladra porca enrugada?” Eu meio que rugi, ofegante.

A mulher devolveu meu casaco sem culpa. “Porque você é novo eu não vou fazer você comer sabão em pó. Dessa vez. Esteja avisado. Eu não permito linguajar ofensivo nas Casas Aurora. Vindo de ninguém. E eu nunca faço ameaças em vão, senhor Cavendish. Nunca.”

Uma ladra repreendendo sua vítima por usar palavrões! “Eu falo da forma como eu bem entender, sua bosta de ladra fedorenta! Me fazer comer sabão em pó? Eu gostaria de ver você tentar! Vamos chamar os seguranças do hotel! Vamos chamar a polícia! Você questiona linguagem ofensiva e eu vou questionar arrombamento, entrada e roubo!”

Ela se aproximou da minha cama e me deu um tapa forte nas costelas.

Eu estava tão chocado que cai no travesseiro.

“Um triste começo. Eu sou a senhorita Noakes. Você não vai querer me confrontar.”

Isso é uma espécie de hotel pervertido de S&M? (MITCHELL, 2004, p. 173-174).⁶⁵

⁶⁵ Tradução nossa do excerto: “*I awoke to discover a not-so-young woman with a pageboy haircut rifling through my personal effects like a bargain hunter. ‘What the ruddy hell are you doing in my room, you pilfering warty sow?’ I half-roared, half-wheezed.*

The female put down my jacket without guilt. ‘Because you are new I will not have you eat soap powder. This time. Be warned. I do not stand for offensive language in Aurora House. Not from anyone. And I never make idle threats, Mr. Cavendish. Never.’

A robber reprimanding his victim for bad language! ‘I’ll ruddy well talk to you how I ruddy well like, you stinking ruddy thief! Make me eat soap powder? I’d like to see you try! Let’s call Hotel Security! Let’s call the police! You ask about offensive language, and I’ll ask about breaking, entry, and theft!’

She came over to my bed and slapped me hard across the chops.

I was so shocked I just fell back onto my pillow.

‘A disappointing start. I am Mrs. Noakes. You do not wish to cross me.’

Was this some sort of a kinky S & M hotel?’ (MITCHELL, 2004, p. 173-174).

Por meio de uma linguagem cômica e sarcástica, Timothy tenta enfrentar a enfermeira Noakes; porém, é confrontado com os atos repressivos e cerceadores. Retomando o assunto discutido acerca do biopoder, as punições devido ao “mal comportamento” são de ordem corporal, isto é, o poder inscreve-se no controle da vida e dos corpos dos idosos.

De fato, a personagem está impossibilitada de discutir a situação na casa de repouso, de andar livremente e sair de lá, entre outros. E no momento em que alguma dessas normas é contrariada, as punições são de ordem severa:

Então eu usei de meus poderes superiores da linguagem para parar o vilão: ‘Seu fétido merda nojento de arruaceiro! Isso é uma agressão! Isso é um aprisionamento ilegal!’

Ele me segurou e me imobilizou rigidamente até me silenciar, e eu acabei mordendo sua orelha. Um erro estratégico. Em um forte puxão, minhas calças foram abaixadas – iria me agredir sexualmente? O que ele fez foi ainda menos agradável. Apoiou-me na máquina de cortar grama, me segurou com uma mão, e me açoitou com uma cana de bambu na outra. A dor rompeu em minhas pernas machucadas, uma, duas vezes, de novo-de novo, de novo-de novo, de novo-de novo!

Jesus, que dor!

Eu gritei, depois chorei, então choraminguei para ele parar (MITCHELL, 2004, p. 177).⁶⁶

A respeito da presença de normas na sociedade, Bauman revela uma vertente dos estudos acerca da liberdade, baseados no pensamento hobbesiano. Considera-se aqui que o sujeito só será livre caso esteja dependendo das limitações e regras estabelecidas na sociedade. Assim, “[...] é a ‘norma’, medida pela média ou pelo mais comum, e apoiada em duras sanções punitivas, que verdadeiramente liberta os pseudo-humanos da mais horrenda e temível das escravidões” (BAUMAN, 2014, p. 30).

⁶⁶ Tradução nossa do excerto: “*So I used my superior powers of language to chain the villain: ‘You cruddy ruddy rugger-bugger yob! This is assault! This is illegal confinement!’*”

He bear-hugged me several degrees tighter to silence me, and I am afraid I bit his ear. A strategic mistake. In one powerful yank my trousers were pulled from my waist—was he going to bugger me? What he did was even less pleasant. He laid me on the body of his mowing machine, pinned me down with one hand, and caned me with a bamboo cane in the other. The pain cracked across my unfleshy shanks, once, twice, again—again, again—again, again—again—again!

Christ, such pain!

I shouted, then cried, then whimpered for him to stop” (MITCHELL, 2004, p. 177).

O perigo de pensamentos como esse é a impossibilidade de desvincular ideologias de atos, falas e normas. Como efetivamente garantir que as normas sejam objetivas e imparciais? Como garantir que a vontade, os desejos e as necessidades de todos estejam sendo supridos? E, por fim, como impedir que ideologias marginalizadoras guiem a escrita e a manutenção dessas regras? São esses questionamentos que faz Mitchell na narrativa de Timothy – a personagem encontra-se em um local em que as normas funcionam contra seu desejo, limitando possibilidades de expressão e existência.

Para além dessa discussão, Bauman (2014) ainda estabelece um debate acerca da diferenciação entre uma liberdade efetiva e uma liberdade virtual, ou nos termos utilizados pelo autor “liberdade subjetiva e objetiva” (p. 27). Para o autor, nem sempre a liberdade objetiva/efetiva iguala-se à subjetiva, isto é, à liberdade como é percebida pelos indivíduos. Bauman revela que o conceito de liberdade pode flutuar entre os mais diversos indivíduos, de maneira que a sensação subjetiva pode indicar uma aparente liberdade, a qual não necessariamente é real ou de grande amplitude. Cabe aqui a antiga pergunta presente no “Mito da Caverna”, de Platão: será que as pessoas são, de fato, livres e estão em contato com a realidade? Ou será que estão vendo somente as sombras do mundo “real”?

Bauman (2014) assume como questionamento

[...] a possibilidade de que o que se sente como liberdade não seja de fato liberdade; que as pessoas podem estar satisfeitas com o que lhes cabe mesmo que o que lhes cabe esteja longe de ser “objetivamente” satisfatório; que, vivendo na escravidão, se sintam livres e, portanto, não experimentem a necessidade de se libertar [...] (p. 27).

Um dos grandes medos dos filósofos é o da população julgar que o desconhecimento e a falta de liberdade tornem a vida mais fácil ou sejam o caminho para a felicidade. O fato de parte da população viver na escravidão, ou ao menos cerceado de liberdade e não questionar, está presente em vários momentos em *Cloud Atlas*, como na narrativa das escravas clones coreanas. Focando, no entanto, na quarta narrativa, trazemos a seguir um exemplo em que idosos das Casas Aurora demonstram estar alienados e aceitar as condições de aprisionamento:

“Todo mundo recebe a visita da Família Mal-humorada no começo, mas você vai se animar rapidinho quando ver como seus entes queridos agiram em seu benefício.”

“Todos os meus entes queridos estão mortos ou loucos ou na BBC, exceto meu irmão zueiro!” Consegue perceber, não é, caro Leitor? Eu era um homem num asilo de um filme de terror *trash*. Quanto mais eu reclamava e me irritava, mais provava que estava exatamente onde deveria estar.

“*Esse é o melhor hotel que você pode encontrar, irmão!*” [...] “Um de cinco estrelas, olha. Refeições são providenciadas, toda a roupa suja é lavada. Atividades são propostas, desde crochê até croquet. Sem contas para pagar complicadas, sem jovens se divertindo as suas custas. A Casa Aurora é bacana! Apenas obedeça aos regulamentos e pare de irritar a Enfermeira Noakes. Ela não é uma mulher cruel” (MITCHELL, 2004, p. 179).⁶⁷

No decorrer da cena, os idosos tentam convencer Timothy de que o asilo é positivo, exaltando a felicidade que possuem. Questionamos o senso de liberdade aliado à falsa felicidade incondicional demonstrados pelas personagens secundárias, pois, assim como provado pela protagonista, essa “liberdade” vem com o custo de não questionar, de ficar preso espacialmente, entre outros tipos de limitações.

Apesar de ambas as narrativas estarem relacionadas com o cerceamento da liberdade, a realidade de Timothy é um pouco diferente da de Zachry. Temporalmente situada por volta de 300 anos depois da trama do idoso, a última história do romance trata das consequências das guerras e do desenvolvimento tecnológico desenfreado. Observamos, a partir do pouco que resta no planeta Terra, o surgimento de tribos primitivas, as quais carregam certos ideais do período pré-guerra, mas com poucas tecnologias.

Zachry, menino pertencente à tribo dos Valleymen, é uma das personagens principais dessa narrativa. Percebemos a limitação da liberdade do grupo na medida em que o poder soberano dos Konas impede a livre ação e, inclusive, a sobrevivência dos indivíduos:

⁶⁷ Tradução nossa do excerto: “*Everyone’s visited by the Glum Family at first, but you’ll soon cheer up when you see how your loved ones have acted in your best interests.*”

‘All my loved ones’ are dead or bonkers or at the BBC, except my prankster brother!’ You can see it, can’t you, dear Reader? I was a man in a horror B-movie asylum. The more I ranted and raged, the more I proved that I was exactly where I should be.

‘This is the best hotel you’ll ever stay in, boyo!’ [...] ‘A five-star one, look you. Meals get provided, all your laundry is done. Activities laid on, from crochet to croquet. No confusing bills, no youngsters joyriding in your motor. Aurora House is a ball! Just obey the regulations and stop rubbing Nurse Noakes up the wrong way. She’s not a cruel woman.’ (MITCHELL, 2004, p. 179)

Não, não cavalos selvagens, cavalos efeitados com armadura de couro com tachas, i na Grande Ilha isso só pode significar uma coisa, sim, os Konas.

Dez–doze selvagens pintados já tavam levantano e pegano seus chicote e espada, berrano gritos de guerra em minha direção. Ahh, agora voltei correno pelo caminho que vim, sim, o caçador era a caça. O Kona mais próximo tava correno atrás de mim, outros tavam saltano nos seus cavalos i rino com o esporte (MITCHELL, 2004, p. 240).⁶⁸

O medo presente em Zachry, pelo menos no começo da narrativa, denota a forma como a tribo adversária era responsável por limitar seu espaço de manifestação. Se, ao romper com as normas, Timothy era agredido fisicamente, Zachry poderia ser torturado e até assassinado. Esse modo de organização, ainda que bem primitivo no romance, remete às críticas que Arendt faz a um poder soberano:

Em virtude da mudança filosófica da ação para a força de vontade, de liberdade como um estado do ser manifesto em ação para *liberum arbitrium*, o ideal de liberdade deixou de ser virtuosidade do modo como mencionamos antes e tornou-se soberania, o ideal de uma vontade própria, independente de outros e finalmente prevalecendo contra eles (ARENDDT, 2000, p. 454).⁶⁹

Ainda que pensado em um contexto diferente, a citação da pesquisadora nos auxilia a refletir acerca da situação de Zachry. Podemos dizer que os integrantes da tribo Kona exercem sob a tribo dos Valleymen a liberdade soberana, na medida em que a vontade própria de um grupo seletivo prevalece em relação às necessidades e às vontades de outros. Aqui, o livre arbítrio de uns sobrepassa o de outros de tal forma que os oprimidos são literalmente apagados, aniquilados.

Observa-se esse apagamento violento no trecho a seguir, em que Zachry e outros indivíduos são capturados e ameaçados de escravidão:

⁶⁸ Tradução nossa do excerto: “*Nay, not wild horses, these was horses decked in studded leather armor an’ on the Big Isle that means one thing only, yay, the Kona.*”

Ten–twelve of them painted savages was ’ready risin’ n’ reachin’ for their whips n’ blades, yellin’ war cries at me! Oh, now I legged it back downgulch the way I’d come, yay, the hunter was the hunted. The nearest Kona was runnin’ after me, others was leapin’ on their horses an’ laughin’ with the sport” (MITCHELL, 2004, p. 240).

⁶⁹ Tradução nossa do excerto: “*Because of the philosophic shift from action to will-power, from freedom as a state of being manifest in action to the liberum arbitrium, the ideal of freedom ceased to be virtuosity in the sense we mentioned before and became sovereignty, the ideal of a free will, independent from others and eventually prevailing against them”* (ARENDDT, 2000, p. 454).

Desde manhã, disse o índio pintado, suas vidas, sim, seus corpos são tudo propriedade dos Kona, e quanto mais cedo vocês aceitar mais chances tem de sobreviver como escravo dos verdadeiro herdeiro da Grande Ilha e um dia todo Hav-aí. [...] Primeira regra é, escravos faz o que o mestre Kona mandar, rápido e sem questionar. Quebra essa regra e seu mestre vai golpear um pouco, ou muito, dependo da vontade dele, até vocês aprender a obedecer. Segunda regra é, escravos não fala a não sê quando seu mestre pergunta. Quebra a regra e seu mestre vai corta sua língua e eu vou também. Terceira regra é, não perde tempo planejano fuga. Quando for vendido na próxima lua, vocês vai ser marcado na bochecha com a marca do seu mestre (MITCHELL, 2004, p. 291).⁷⁰

Aqui, a liberdade da tribo dos Valleymen está toda ameaçada, tendo em vista que estão prestes a se tornarem escravos. Nota-se que o poder soberano dos Konas reduz a liberdade dos integrantes de outras tribos a praticamente zero. Sob o risco de punições severas, os novos escravos devem agora respeitar as normas e as ideologias dos Konas.

É quase impossível não relacionar tal trecho às exposições de Autua na primeira narrativa do romance, quando o índio moriori conta um pouco do funcionamento da escravidão na Nova Zelândia. A diferença é que Autua já se via imerso e dominado por um sistema escravocrata surgido com a chegada dos Maoris nas ilhas Chatham. Enquanto Autua vive a escravidão, mas escapa com o auxílio de Adam Ewing; Zachry, prestes a se tornar escravo, consegue também fugir com a ajuda de Meronym, amiga de uma tribo tecnologicamente mais evoluída.

Chegamos aqui a um ponto crucial dos estudos acerca do conceito de liberdade. É possível ser livre sozinho? Sem estar em uma sociedade organizada com indivíduos se relacionando? Arendt (2000) contribui com o debate ao expor que

A liberdade precisava, além da mera liberação, da companhia de outros homens que estavam no mesmo estado, e precisava de um espaço público em comum para criar um mundo politicamente organizado. Em outras

⁷⁰ Tradução nossa do excerto: “*Since this mornin’, said the painted bug-gah, your lifes, yay, your bodies are Kona b’longin’s, an’ the sooner you accept this, the likelier you’ll s’vive as a slave o’ the true inheritors o’ Big I an’ one day Hole Ha-Why. [...] First rule is, slaves do your Kona masters’ say-so, quicksharp an’ no but-whyin’. Bust this rule an’ your master’ll bust you a bit, or a lot, d’pends on his will, till you learn better obeyin’. Second rule is, slaves don’t speak ’cept when your master asks ’em. Bust this rule an’ your master’ll slit your tongue an’ I will too. Third rule is, you don’t waste no time plottin’ ’scapes. When you’re sold next moon you’ll be branded on your cheeks with your master’s mark*” (MITCHELL, 2004, p. 291).

palavras, mundo no qual cada homem livre pudesse se inserir pela palavra e ato (p. 442).⁷¹

Assim, além de a pensadora declarar que a liberdade só pode existir em uma sociedade, isto é, em uma dinâmica de convivência e interação entre seres humanos, comenta-se a necessidade de uma organização social e política para que essas questões sejam refletidas e garantidas. Com isso, Arendt questiona a presença da liberdade no sujeito isolado e, conseqüentemente, as concepções de liberdade inerentes ao sujeito ao nascer.

Com relação a essas vertentes do pensamento, Arendt (2000) nota que

Em todos os assuntos práticos, e especialmente políticos, consideramos a liberdade humana como uma verdade óbvia por si mesma, e é com relação a essa suposição evidente que leis são formuladas nas comunidades humanas, que decisões são tomadas, que julgamentos são realizados (p. 438).⁷²

A suposição de uma liberdade inerente, ou já garantida pelos estatutos de direitos humanos, é uma grande falácia, visto que continua-se a perceber modos de privação da liberdade. Aqui, a pensadora refuta o argumento da possibilidade de uma liberdade original ou de um estado natural da liberdade. A natureza não teria relação com o modo como o Estado (ou qualquer sujeito) atua para cercear as ações de certos indivíduos. Isto é, “O poder não destitui ou priva a liberdade de uma pessoa [...]” (BUTLER; SPIVAK, 2007, p. 21),⁷³ já que, para Arendt, não há uma liberdade inerente ao ser humano de que possa ser privado.

Percebe-se que o conceito de liberdade é criado e estabelecido no meio político, o qual determina, por meio de categorias, as pessoas que não farão parte das garantias de direitos e da liberdade. Esse pensamento funciona perfeitamente para o contexto de crítica à escravidão analisado por Arendt, mas também pode ser transferido para a atualidade.

⁷¹ Tradução nossa do excerto: “*Freedom needed, in addition to mere liberation, the company of other men who were in the same state, and it needed a common public space to meet them a politically organized world, in other words, into which each of the free men could insert himself by word and deed*” (ARENDR, 2000, p. 442).

⁷² Tradução nossa do excerto: “*In all practical and especially in political matters we hold human freedom to be a self-evident truth, and it is upon this axiomatic assumption that laws are laid down in human communities, that decisions are taken, that judgments are passed*” (ARENDR, 2000, p. 438).

⁷³ Tradução nossa do excerto: “*Power does not deprive or strip freedom from the person [...]*” (BUTLER; SPIVAK, 2007, p. 21)

Além da relação entre imigrantes sendo vistos como não-cidadãos e, conseqüentemente privados de direitos, podemos notar como a organização capitalista/colonial determina, ainda que indiretamente, aqueles que têm acesso total e os que têm acesso parcial aos direitos da Constituição. Quem ocupa cada papel é definido nas relações de poder, ou seja, na hegemonia e na subalternidade.

Em ambas as narrativas de *Cloud Atlas* percebemos a subalternização das personagens principais. Timothy, apesar de ser idoso, é duramente violentado e aprisionado; por mais que tente falar e questionar, vê-se silenciado pelas forças hegemônicas da Casa Aurora. Da mesma forma, Zachry, apesar de jovem, é perseguido e violentado pela tribo Kona e, durante o curto aprisionamento, qualquer tentativa de fuga poderia ser frustrada e gerar mais punições.

Apesar dessas situações distópicas, notamos que as personagens são capazes de sair do aprisionamento e adquirir um senso mais amplo de liberdade. Para analisar tais fatos, é necessário recorrer ao conceito de liberdade trazido por Arendt e, principalmente, por Butler.

Ao criticar o estado natural de liberdade, Arendt trilha o pensamento de que a liberdade está mais ligada ao ato do que ao estado do indivíduo. Segundo a autora,

[...] a manifestação de princípios surge somente por meio da ação, ocorrem no mundo contanto que a ação dure, mas não mais. Tais princípios são honra ou glória, amor pela igualdade, os quais Montesquieu chamou de virtude [...]. Liberdade ou o seu oposto aparecem no mundo quando tais princípios são efetivados; a aparência da liberdade, assim como a manifestação dos princípios, coincide com o ato performativo. Homens são livres [...] contanto que atuem, nem antes nem depois, visto que ser livre e agir significam o mesmo (ARENDR, 2000, p. 445).⁷⁴

Desse modo, para Arendt, de nada adianta a existência da declaração de direitos humanos, garantindo a liberdade e igualdade, se por meio da ação isso não se efetivar. Assim como declaram Butler e Spivak (2007), concordamos com Arendt com relação à

⁷⁴ Tradução nossa do excerto: “[...] *the manifestation of principles comes about only through action, they are manifest in the world as long as the action lasts, but no longer. Such principles are honor or glory, love of equality, which Montesquieu called virtue [...]. Freedom or its opposite appears in the world whenever such principles are actualized; the appearance of freedom, like the manifestation of principles, coincides with the performing act. Men are free [...] as long as they act, neither before nor after; for to be free and to act are the same* (ARENDR, 2000, p. 445-446).

necessidade de provimento de liberdade ou de um direito à liberdade todas as pessoas, sem distinção alguma. Mais do que isso, as autoras notam que a retórica de Arendt é a liberdade sendo posta em ação, o exercício da liberdade.

Butler (2009), com o conceito de performatividade, complementa o discurso de Arendt. A teórica afirma que a identidade e a existência de um indivíduo somente se estabelecem por meio de ações, atos, discursos, entre outros. Segundo a Butler,

[...] a performatividade da afirmação em Arendt e o ato de cantar na rua é compreendido como um exercício da liberdade. Não há liberdade que não seja o seu exercício; a liberdade não é um potencial à espera do seu exercício. Se torna real por meio do exercício. O direito à liberdade de expressão, o direito às liberdades públicas não existem em uma esfera ideal, mas é precisamente aquilo que surge quando a música começa a ser música, ou quando Arendt escreve as frases que dão o nome e exemplificam a liberdade posta em questão (BUTLER, 2009, p. vi-vii).⁷⁵

Assim como as pensadoras citadas anteriormente, Mitchell constrói as personagens tendo em vista que, apesar da situação injusta e perversa, tanto Timothy quanto Zachry são capazes de lutar e, por meio da ação, atingirem a liberdade almejada. Tratando primeiramente da narrativa de Timothy, a única maneira que a personagem encontra de adquirir liberdade é por meio da união com os colegas do asilo e do planejamento da fuga:

O plano de Ernie era uma sequência de alto risco de derrubada dos dominós. “Qualquer estratégia de fuga”, ensinou, “precisa ser mais engenhosa do que seus guardas”. *Era* engenhosa, para não dizer audaciosa, mas se alguma peça falhasse em atingir a próxima, uma exposição instantânea traria resultados terríveis [...] (MITCHELL, 2004, p. 374).⁷⁶

Tal como as afirmações de Arendt, Timothy compreende, após enfrentar várias punições dos funcionários e ter um AVC, que a liberdade somente é conquistada em uma

⁷⁵ Tradução nossa do excerto: “[...] *the performativity of the assertion in Arendt and the singing in the street is understood as an exercise of freedom. There is no freedom that is not its exercise; freedom is not a potential that waits for its exercise. It comes into being through its exercise. The right to free speech, the right to public freedoms does not exist in an ideal sphere, but it is precisely that which comes into being when the song starts to be song, or when Arendt writes the sentences that both name and exemplify the freedom at issue* (BUTLER, 2009, p. vi-vii).

⁷⁶ Tradução do excerto: “*Ernie’s plan was a high-risk sequence of toppling dominoes. ‘Any escape strategy,’ he lectured, ‘must be more ingenious than your guards.’ It was ingenious, not to say audacious, but if any domino failed to trigger the next, instant exposure would bring dire results [...]*” (MITCHELL, 2004, p. 374).

sociedade, em conjunto com outros sujeitos. Outro momento importante que exemplifica a personagem adquirindo liberdade por meio da ação é quando há o enfrentamento com a enfermeira Noakes:

A partir do meu esconderijo vi o predador espreitando. Ela acendeu as luzes. A trama clássica de colocar travesseiros debaixo dos lençóis, mais realista do que você pensa, a atraiu pra dentro. Corri pelo corredor e puxei a porta para fechar. A partir desse ponto o terceiro dominó dependia dos mecanismos da tranca – o trinco externo era rígido e rotatório, mas, antes de ter girado, Noakes estava empurrando a porta para abrir novamente – o pé dela alavancado no batente da porta – a força demoníaca arruinando meus bíceps e rasgando meus pulsos. [...]

Então eu me arrisquei e abruptamente soltei a maçaneta. A porta se abriu de uma vez, e a bruxa voou pelo quarto. Antes que pudesse se dirigir à porta novamente, fechei e tranquei (MITCHELL, 2004, p. 377).⁷⁷

Aqui a personagem exerce a sua liberdade por meio de atos, confronta o elemento que detém o poder e torna-se vencedor. Desse momento em diante, a personagem, em conjunto com amigos, escapa da Casa Aurora e adquire novamente a liberdade almejada.

Esse mesmo conceito de liberdade como ato performativo também pode ser visualizado nas atitudes de Zachry. A personagem, no começo da narrativa, não era a favor do contato com os Prescientes, tribo mais desenvolvida e não habitante do Havaí. Meronym, apesar de tentar se aproximar dos Valleymen, é rejeitada por Zachry por esse motivo. Entretanto, na medida em que a história se desenvolve, ambas as personagens começam a confiar uma nas outras, e, por causa disso, são capazes de se libertar dos Konas. No trecho a seguir mostramos o momento em que Zachry, juntamente com Meronym, consegue enfrentar os Konas:

⁷⁷ Tradução nossa do excerto: “*From my hiding place I saw the predator peering in. She switched on the lights. The classic plot staple of pillows under the blankets, more realistic than you’d think, lured her in. I dashed across the corridor and yanked the door shut. From this point on, the third domino depended on lock mechanisms—the external latch was a stiff, rotary affair, and before I had it turned Noakes was hauling the door open again—her foot levered against the door frame—her demonic strength uprooting my biceps and tearing my wrists. [...]*

So I took a big risk and abruptly released the handle. The door flew open, and the witch soared across the room. Before she could charge at the door again I had it shut and locked” (MITCHELL, 2004, p. 377).

Eu dissia a ela então, nós não pode atravessa aquela ponte. Que? Ela se virou para me olhar nos olhos. *Zachry, você tá dizeno que a ponte num é segura?*

[...]

[...] um sonho de ícones não mentia, não, nunca, i a Abadessa me fez memoriza meu augoro para um dia ispecial i esse dia chegou. *Tô dizeno*, eu disse, *Sonmi me disse pra não cruza*.

O medo fez Meronym me olhar com sarcasmo, era humana igual todo mundo. *E a Sonmi sabia que tamo sendo perseguido por um bando de Kona furioso?*”

[...]

[...] Aquela ponte quebrou como se fosse feita de cuspe i palha, sim, os suporte quebrou i a madeira rachou i os cabo velho se soltou (MITCHELL, 2004, p. 306-307).⁷⁸

Nessa cena, Zachry utiliza-se dos ensinamentos obtidos durante um sonho a fim de confrontar os guerreiros da tribo oposta. Podemos notar que, assim como no exemplo do Timothy, a personagem somente consegue estar livre quando assume a união com Meronym. Além disso, notamos também a liberdade sendo conquistada por meio do enfrentamento.

Dessa maneira, as duas narrativas funcionam como exemplos do ato performático, o qual, por meio da ação, do ato e do discurso, já cria um senso de liberdade. Claro, o simples ato de requisitar a liberdade não é suficiente por si só, mas de acordo com Butler e Spivak (2007),

[...] exigir a liberdade já é começar o seu exercício, e, então, pedir pela legitimação significa também declarar a existência de uma lacuna entre o exercício e a realização, significa colocar ambos em um discurso público de modo que a lacuna seja vista e possa mobilizar (p. 68-69).⁷⁹

⁷⁸ Tradução nossa do excerto: “*I telled her then, we cudn’t cross that bridge. What? She twisted to fix my eyes. Zachry, are you sayin that bridge ain’t safe?*”

[...]

[...] *an’ Icon’ry dreamin’ din’t lie, nay, not never, an’ Abbess’d made me mem’ry my augurin’s for a spesh day an’ that day was now. I’m sayin’, I said, Sonmi telled me not cross to it.*

Fear made Meronym sarky see, she was jus’ human like you’n’me. An’ did Sonmi know we got a furyin’ swarm’ o’ Kona on our tail?

[...]

[...] *That bridge busted like it was made o’ spit’n’s straw, yay, struts snapped an’ plankin’ split an’ worn cables pinged*” (MITCHELL, 2004, p. 306-307).

⁷⁹ Tradução nossa do excerto: “[...] *to make the demand on freedom is already to begin its exercise and then to ask for its legitimation is to also announce the gap between its exercise and its realization and to put both into public discourse in a way so that that gap is seen, so that that gap can mobilize.*” (BUTLER; SPIVAK, 2007, p. 68-69)

Assim, as personagens que analisamos correspondem ao conceito de performatividade em Butler e em Arendt, uma vez que ambas fazem a exigência pela liberdade no discurso e em atos, os quais são concretizados com o auxílio dos indivíduos ao redor.

Portanto, nesse capítulo pudemos realizar uma análise do conceito da liberdade sob o viés de Bauman (2014) e Arendt (2000), complementando com as discussões de Butler e Spivak. O primeiro crítico permitiu aprofundar o debate, questionando até que ponto as pessoas realmente querem ser livres, e aprofundando no estudo acerca dos níveis de gradação da liberdade. Já a segunda pensadora mostra as possibilidades de o ato performático ser considerado o ato de libertação.

Além disso, analisamos as personagens Timothy Cavendish e Zachry com o objetivo de compreender como a liberdade de cada um é limitada e como funciona a luta para reverter esse processo. Ambos, apesar de no início estarem sob os limites e normas cerceadoras da liberdade, conseguem lutar e enfrentar as vozes hegemônicas com o auxílio de outras personagens. A performatividade aqui surge novamente como ferramenta para desestabilizar as forças no poder e dar amplitude à voz dos subalternos.

CAPÍTULO IV

TODAS AS VOZES: CONSUMISMO E O TEMPO CINDIDO

Na trajetória desta dissertação, analisamos as principais personagens de *Cloud Atlas*, revelando a maneira como conseguem enfrentar as forças hegemônicas que tentam silenciá-las. No capítulo anterior, vimos a importância da liberdade e da performatividade para o indivíduo, o qual constrói a emancipação por meio de seus atos e discursos.

Nesse último capítulo, traremos todas essas vozes com o objetivo de compreender o sistema político e econômico que permeia as temporalidades, além de visualizar como espalha um conjunto de ideologias hegemônicas, privilegiadoras de um grupo social específico. Caminharemos desde os prenúncios de uma sociedade capitalista, expandindo-se na colonização de terras, como a Nova Zelândia na primeira narrativa, até a queda desse sistema por meio de guerras nucleares na sexta história. Ou seja, veremos que a sociedade exploratória, predatória, consumista permanece a mesma nos diferentes períodos, segundo Mitchel.

Em um segundo momento, investigaremos como as protagonistas subalternas encontram meios para enfrentar esse sistema, por meio da abertura de momentos de fala nas temporalidades. Principalmente no período da contemporaneidade, os grupos subalternos estão abrindo fissuras no espaço/tempo hegemônico e conseguindo um tempo próprio, no qual não são mais explorados ou subjugados. Mitchell, de fato, revela no romance que as temporalidades e as vozes das personagens se cruzam e serpenteiam, em um movimento sem a existência de tempo ou espaço. Observa-se uma descrença no pensamento de que há limites temporais/espaciais, entre países, continentes; entre passado, presente ou futuro.

A fim de também tornar a apresentação da seção mais didática, o capítulo está dividido em: (4.1.) *Tempos de consumo*; (4.2.) *Tempo cindido e simultaneidade temporal*. O último subcapítulo é ainda dividido em (4.2.1) *Tempo duplo e cindido*; (4.2.2) *Simultaneidade temporal e a metáfora do deus Chronos*.

4.1. TEMPOS DE CONSUMO

No presente subcapítulo da dissertação, buscaremos evidenciar de que maneira o romance *Cloud Atlas*, de autoria de David Mitchell, representa um reflexo da sociedade capitalista atual. Especificamente, revelaremos, assim como teorizado por pensadores como Bauman (2014) e Eagleton (2004), que o advento da contemporaneidade e da sociedade de consumo capitalista ocasiona diversas transformações. Essas são, muitas vezes, relacionadas às dinâmicas espaço-temporais, influenciando e intensificando hierarquias e divisões sociais. Destarte, o romance permite uma reinterpretação das relações de poder e fornece uma possibilidade de luta contra os avanços prejudiciais e subalternizantes da contemporaneidade.

Em um momento de incertezas, transformações drásticas e diárias, de mudanças rápidas beirando a instantaneidade, e, acima de tudo, no qual ainda estamos vivendo, é de se esperar que haja bastante polêmica e controvérsia. Tendo em vista a impossibilidade de desconsiderar as iniciativas de Mitchell, quanto a inovações na estrutura e temáticas a respeito de minorias, adentraremos nesse debate, apoiando-nos nas conceitualizações de Bauman e Eagleton, principalmente. Os dois pensadores, ainda que distintos na percepção e na nomenclatura do objeto de estudo, trazem contribuições complementares na interpretação do romance.

Adotaremos o termo “contemporaneidade” como denominação do período em questão, considerando-o em constante transformação e em um nível de instabilidade bem intenso. O que na modernidade era fixo, imutável e pouco maleável, agora é fluido, livre para modificações estruturais; o que antes era limitado espacialmente, dependente de formulações e modelos estritos, nas últimas décadas se vê sem barreiras, num trânsito frenético e inconstante.

Bauman (2014) entende que uma das possibilidades para compreender a contemporaneidade é por meio da metáfora da mudança dos Estados Físicos das matérias. Atentando-se à rigidez das estruturas econômicas, sociais, culturais, entre outras, percebe que, como a matéria é capaz de se manifestar de diversas formas dependendo da temperatura, os aspectos da vida humana também podem ser vistos por meio dessa dinâmica. Para ele, há um movimento de liquefação dos

[...] sólidos (isto é, por definição, dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a seu fluxo) [...], [uma] ‘profanação do sagrado’: pelo repúdio e destronamento do

passado, e, antes e acima de tudo, da ‘tradição’ [...] (BAUMAN, 2014, p. 9).

A liquidez da contemporaneidade aplica-se às instituições e categorias tão prezadas anteriormente, como família, comunidade, classe, religião, as quais não permanecem mais estáveis e bem formatadas. Ou seja, estão sendo liquefeitos “[...] os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas – os padrões de comunicação e coordenação entre as políticas de vida conduzidas individualmente, de um lado, e as ações políticas de coletividades humanas, de outro” (BAUMAN, 2014, p. 13).

Talvez um dos momentos da narrativa de Mitchell em que há uma maior evidência de tal rompimento com os elos tradicionais é o capítulo “The Ghastly Ordeal Of Timothy Cavendish”. Dentre as seis distintas histórias do romance, a narrativa de Cavendish é característica por apresentar uma crítica inicial aos avanços da fluidez e do derretimento das estruturas sociais. Sendo um editor chefe de uma recém-famosa editora, a personagem já é de idade avançada e se vê, durante o capítulo, relatando aventuras de um período atual da vida, as quais compreende ter relevância para se tornar um filme no futuro. A indignação de Cavendish com relação às mudanças se dá devido ao fato de a instituição da família, mais especificamente a do idoso nas sociedades, ter aparentemente evaporado no ocidente.

O desrespeito e o descaso com essa categoria de pessoas são demonstrados no romance no momento em que a personagem é forçada a permanecer reclusa em uma casa de repouso:

‘Eu fiz um check-in ontem à noite, acreditando que Casas Aurora era um *hotel*. Veja: meu irmão fez a reserva. Mas... oh, essa é a ideia dele de uma brincadeira. Nem um pouco engraçada. [...]’

‘Casas Aurora é o seu lar agora, senhor Cavendish. Sua assinatura nos autoriza a aplicar conformidades (MITCHELL, 2004, p. 175).⁸⁰

A crítica analisada na história é a de que tais mudanças trouxeram a possibilidade de marginalização de grupos sociais, como o dos idosos, que são considerados irrelevantes, e, por isso, silenciados como inexistentes. Na narrativa em voga, inclusive, é possível notar

⁸⁰ Tradução nossa do excerto: “‘I checked in last night believing Aurora House was a *hotel*. My brother made the booking, you see. But... oh, it’s his idea of a practical joke. Not in the least bit funny. [...]’ [...] ‘Aurora House is your home now, Mr. Cavendish. Your signature authorizes us to apply compliancy’” (MITCHELL, 2004, p. 175).

momentos em que agressões físicas são praticadas contra Cavendish, conforme verificamos no capítulo anterior.

Pensamos que o desrespeito com esse grupo pode ter raízes nos avanços dessa nova época, em que as estruturas sólidas estão se dissolvendo, proporcionando um vazio de referenciais. Assim como Lyotard (1993) revela, há uma descrença nas metanarrativas, fator que gera crises identitárias e a perda de valores tradicionais. Com as diversas opções e mudanças do universo caótico da contemporaneidade, o indivíduo não mais valoriza ou respeita as estruturas tradicionais antigas, como o respeito aos idosos, por exemplo.

Não podemos dizer que na contemporaneidade há uma liberdade total de escolhas de formas de viver, na qual seja possível começar do zero. No entanto, Bauman (2014) reforça que os “[...] padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar [...] estão cada vez mais em falta” (p. 14).

Eagleton (2004) está em consonância nesse quesito com Bauman, visto que compreende que a falta de referenciais por parte da contemporaneidade é um problema não vivenciado anteriormente. Para ele, o “Pós-modernismo é muito jovem para se lembrar de um tempo quando existiu (assim dizem os rumores) a verdade, identidade e realidade [...]” (p. 58).⁸¹ Para realizar tal afirmação, o autor revela que o período anterior, denominado por ele de Modernismo, conseguia se “lembrar” vividamente das estruturas anteriores e, por isso, “lutou” contra elas tão intensamente.

Devemos nesse momento abordar as distinções teóricas entre os dois autores, visto que ambos se utilizam de terminologias diferentes para tratar da contemporaneidade. Baseado na metáfora da mudança dos estados físicos, Bauman utiliza o conceito de *modernidade líquida* para se referir à contemporaneidade. Esse período da história, segundo o pesquisador, é marcado por algumas características e elementos da modernidade, porém dispostos sem as estruturas, os elos tradicionais.

Eagleton, por outro lado, admite a utilização do termo *pós-modernismo* para tratar do período histórico e dos elementos culturais relacionados a ele. Assim, apesar de também considerar as contribuições da modernidade, vê como adequado considerar esse período como posterior às tradições e estruturas modernas.

⁸¹ Tradução nossa do excerto: “*Postmodernism is too young to remember a time when there was (so it was rumoured) truth, identity and reality [...]*” (EAGLETON, 2004, p. 58).

Apesar de ambos os conceitos serem diferentes, entendemos que é possível considerar as contribuições de ambos conjuntamente, uma discussão complementando a outra. Afinal, tanto Bauman quanto Eagleton seguem em caminhos similares: enquanto o primeiro defende a permanência da modernidade, porém em um estado diferente, mais maleável e mutável, o segundo reconhece que “[...] dizer "pós-modernista" não significa unicamente que você abandonou de vez o modernismo, mas que o percorreu à exaustão até atingir uma posição ainda profundamente marcada por ele [...]” (EAGLETON, 1996, p. 4).

A visão de pós-modernismo adotada por Eagleton é pautada em duras críticas ao período e ao sistema político, econômico, social e cultural instaurado no mundo. Assim como Bauman também traz uma interpretação pessimista da contemporaneidade e de seus efeitos nos indivíduos, o pesquisador enxerga que o período está envolto de um capitalismo agressivo, responsável pelo avanço do consumismo exacerbado, pela desvalorização das instituições e pela fragmentação dos sujeitos. Eagleton (1996) vê que o período da pós-modernidade se baseia em uma

[...] mudança histórica ocorrida no Ocidente para uma nova forma de capitalismo — para o mundo efêmero e descentralizado da tecnologia, do consumismo e da indústria cultural, no qual as indústrias de serviços, finanças e informação triunfam sobre a produção tradicional, e a política clássica de classes cede terreno a uma série difusa de "políticas de identidade" (p. 3).

Segundo Eagleton (2004), o capitalismo é um sistema explorador, que, por meio de uma ideologia de não-intervenção e liberalismo, aproveita-se de grupos sociais e os explora. De fato, de modo irônico, o autor enfatiza que

À princípio [...], capitalismo é uma crença impecavelmente inclusiva: realmente não se preocupa com quem está explorando. [...] Na maior parte do tempo [...], está ansioso para misturar o quanto possível de culturas diversas, de modo a possibilitar a venda de suas comodidades a todos (EAGLETON, 2004, p. 19).⁸²

⁸² Tradução nossa do excerto: “*In principle [...], it really doesn't care who it exploits. [...] Most of the time [...], it is eager to mix together as many diverse cultures as possible, so that it can peddle its commodities to them all*” (EAGLETON, 2004, p. 19).

Quando contrário à exploração capitalista, há um impedimento forte causado na pós-modernidade, assim como afirma o autor. Eagleton (2004) percebe que, a partir do fim da União Soviética, e, conseqüentemente, com os avanços pós-1989, o pensamento marxista começa a desaparecer e a ser desacreditado pela população global. Afinal, o mundo passou e ainda passa por um processo de constante modificação e fluidez, de modo que o antigo pensamento marxista não é suficiente para contrapor o capitalismo hiperativo e veloz. Não mais vivemos em um período apenas de produção industrial; tudo se intensifica.

E de fato, um dos principais motivos pelo qual o sistema capitalista detém tamanho poder é a poderosa e agressiva revolução tecnológica dos últimos anos, a qual permite que limites de espaço sejam superados e que haja uma instantaneidade do tempo. Assim, se anteriormente para percorrer uma determinada quantidade de espaço demorava-se uma acumulação grande de tempo, na contemporaneidade mal se pensa acerca do conceito de demorar; tudo é rápido e perto da instantaneidade.

Consideramos, no entanto, que o perigo da liquidez é justamente fornecer ferramentas para que o sistema capitalista perpetue ações exploratórias. Com relação à ameaça dessas tecnologias, Bauman desenvolve o argumento de que:

Algumas pessoas podiam agora chegar onde queriam muito antes que as outras; podiam também fugir e evitar serem alcançadas ou detidas. Quem viajasse mais depressa podia reivindicar mais território – e controlá-lo, mapeá-lo e supervisioná-lo –, mantendo distância em relação aos competidores e deixando os intrusos de fora (BAUMAN, 2014, p. 142-143).

Assim, quem tem um maior acesso a ferramentas que permitem a obtenção da instantaneidade do tempo (em termos de deslocamento físico, de aquisição de informação, entre outros) posiciona-se mais alto na hierarquia de poder capitalista. As transformações estruturais e a liquidez abrem um espaço para que todo um sistema ideológico capitalista avance de forma mais eficiente e amplo.

Partindo das críticas de Eagleton ao sistema e retomando a metáfora de Bauman, por mais que os sólidos estejam derretidos, isto é, mesmo com o rompimento de toda uma estrutura social tradicional e com a substituição por uma mais maleável, as ideologias e hierarquias capitalistas permanecem, ou ainda se intensificam. Complementando a metáfora da mudança dos estados físicos, podemos relacioná-la com as palavras do

químico francês Antoine Lavoisier (1743-1794): “Em uma reação química feita em recipiente fechado, a soma das massas dos reagentes é igual à soma das massas dos produtos”, ou, de maneira mais simplificada, “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Em termos ideológicos, assim, os avanços da pós-modernidade não geram um progresso milagroso, no qual as ideias excludentes do sistema capitalista desaparecem. Ao contrário, percebe-se não apenas a manutenção desses conceitos, como a sua intensificação.

A respeito das ideologias no discurso, podemos inclusive retomar Grosfoguel (2008):

[...] a acumulação incessante de capital esteve sempre enredada com ideologias racistas, homofóbicas e sexistas. A expansão colonial foi conduzida por homens europeus heterossexuais. Aonde quer que chegassem, traziam consigo os seus preconceitos culturais e formavam estruturas heterárquicas de desigualdade sexual, de gênero, de classe e raciais (p. 134).

As ideologias não são imediatamente perdidas. As transformações vivenciadas, por mais que facilitem a quebra das estruturas fixas e tradicionais, mostram-se incapazes de atingir um nível mais profundo, isto é, o ideológico. E é justamente neste nível mais profundo que Mitchell se aventura em *Cloud Atlas*. Para o autor britânico, as mesmas bases, os mesmos fundamentos, as mesmas hierarquias sociais capitalistas se repetem desde o início das grandes colonizações. De fato, admitimos que um dos grandes feitos do romance é a realização de uma comparação e uma interligação entre o desenvolvimento do sistema capitalista em conjunto com o período contemporâneo e a perpetuação de uma sociedade predatória e marginalizadora.

Considerando as histórias em ordem cronológica, o autor inicia o trajeto histórico do capitalismo com “The Pacific Journal of Adam Ewing”, ocorrendo no final do século XIX, num contexto colonial das ilhas da Nova Zelândia. O capítulo é narrado por Adam Ewing, advogado estadunidense rico, prestes a retornar das Ilhas Chatham e que se depara com a realidade opressiva e predatória da escravização entre tribos nativas e do preconceito racial pelos marinheiros e colonizadores europeus. Mais do que isso, Ewing, produto do próprio sistema capitalista, tem de rever seus conceitos e ideologias ao entrar em contato direto com Autua, um escravo da tribo Moriori.

Nesse capítulo inicial, somos capazes de perceber indícios do capitalismo transformado. A globalização e a hibridização de culturas têm princípio nas iniciativas da colonização. Mais do que isso, Ewing depara-se com um sistema perverso que conscientemente explora os indivíduos por meio das tecnologias da época (desenvolvimento marítimo). Essas tecnologias proporcionam um controle do tempo/espaço e das populações. A respeito disso, há um exemplo claro no momento em que a tripulação encontra uma ilha e decide realizar o abastecimento do navio. Ewing, então, se vê frente a estruturas exploratórias e cruéis:

Você deve entender, senhor, que seu típico polinésio rejeita a indústria porque não tem motivos para valorizar dinheiro. ‘Se eu faminto’, diz ele, ‘eu colho ou pego algo. Se eu com frio, eu peço a mulher, ‘costure!’’. Quando há mãos ociosas, senhor Ewing, nós dois sabemos o que o Diabo é capaz de mandar fazer. Mas ao inculcar na preguiça de pouco em pouco um leve desejo por essa folha inofensiva, nós o damos incentivo a ganhar dinheiro para comprar seu cigarro [...] do posto comercial da Missão. Genial, não? (MITCHELL, 2004, p. 482).⁸³

O capitalismo predatório na história de Ewing já demonstra princípios da sociedade de consumo atual, na qual a instantaneidade temporal empodera a hegemonia e marginaliza os subalternos. Podemos observar o desenvolvimento de tal argumento na segunda história, “Letters from Zedelghem”, quando, em 1931, Robert Frobisher, jovem músico bissexual europeu, se vê expulso de casa e destituído da riqueza da família devido a sua orientação sexual. No momento em que percebe estar sendo explorado e chantageado por um compositor famoso, vê a permanência da exploração capitalista e das estruturas de desigualdade, mesmo décadas depois dos avanços coloniais principais, permeando a Europa no período entre guerras mundiais.

O prenúncio, contudo, do que seria a contemporaneidade tem a efetiva realização no terceiro capítulo, “Half-Lives: The First Luisa Rey Mystery”, cuja história perpassa o ano de 1975, momento no qual tecnologias começam a ser produzidas e o capitalismo se desenvolve freneticamente. A narrativa passa-se em San Francisco, nos Estados Unidos, e

⁸³ Tradução nossa do excerto: “*You must understand, sir, your typical Polynesian spurns industry because he’s got no reason to value money. ‘If I hungry’ says he, ‘I go pick me some, or catch me some. If I cold, I tell woman, “Weave!” Idle hands, Mr. Ewing, & we both know what work the Devil finds for them. But by instilling in the slothful so-an’-sos a gentle craving for this harmless leaf, we give him an incentive to earn money, so he can buy his baccy — not liquor, mind, just baccy — from the Mission trading post. Ingenious, wouldn’t you say?*” (MITCHELL, 2004, p. 482).

a partir dela podemos notar uma forte crítica ao sistema e as ideologias. Luisa Rey é responsável por investigar uma denúncia feita por um cientista acerca das usinas nucleares, chamadas de HYDRAs, construídas pela corporação Seaboard.

As corporações nesse momento do romance ainda parecem presas ao capitalismo pesado que Bauman (2014) menciona. Compreendemos o sistema na época ainda como “[...] obcecado por volume e tamanho e, por isso, também por fronteiras, fazendo-as firmes e impenetráveis” (p. 76). Criavam-se fortalezas para resguardar posses, contratavam meios de segurança, a fim de que os bens e os territórios estivessem a salvo. Podemos visualizar a modernidade pesada de Bauman, ou seja, o capitalismo ainda preso aos bens materiais, no momento em que Seaboard contrata um assassino particular para proteger os segredos perversos da companhia, assassinando o cientista Dr. Sixsmith:

‘Ele escreveu um relatório sobre um tipo de reator desenvolvido em Swanekke B, o HYDRA. Planos para uma localização extra C estão à espera do aval da Comissão de Poder Federal. Quando aprovada, a Seaboard pode licenciar o projeto para o mercado doméstico e internacional – somente os contratos para o governo significariam uma torrente de receita, em nível de dezenas de milhões, anualmente. O papel de Sixsmith era dar aval ao projeto, mas não seguiu o script e identificou falhas letais de design. Em resposta, Seaboard enterrou o relatório e negou sua existência.’

‘E o seu Dr. Sixsmith fez o que?’

‘Estava se preparando para expor ao público.’ Luisa bate no jornal. ‘Isso é o que a verdade lhe custou’ (MITCHELL, 2004, p. 114).⁸⁴

O que permanece claro nessa história é o desenvolvimento de um capitalismo exaltado que, para atingir seus intentos, faz-se capaz de colocar a vida de inúmeras pessoas em risco. Afinal, as ideologias do sistema, desde os princípios, baseiam-se em preconceitos e hierarquias de cunho racial, sexista, entre outros. E, de fato, é justamente ao colocar

⁸⁴ Tradução nossa do excerto: “*He’d written a report on a reactor type developed at Swanekke B, the HYDRA. Plans for Site C are waiting for Federal Power Commission approval. When it’s approved, Seaboard can license the design for the domestic and overseas market—the government contracts alone would mean a stream of revenue in the high tens of millions, annually. Sixsmith’s role was to give the project his imprimatur, but he hadn’t read the script and identified lethal design flaws. In response, Seaboard buried the report and denied its existence.*”

‘And your Dr. Sixsmith did what?’

‘He was getting ready to go public.’ Luisa slaps the newspaper. ‘This is what the truth cost him’” (MITCHELL, 2004, p. 114).

sujeitos em perigo que a história seguinte, “The Ghastly Ordeal of Timothy Cavendish”, desenvolve-se, isto é, por meio de um sistema capitalista competitivo e acirrado.

Já previamente abordada nesse tópico, a narrativa passa-se na atualidade (2004), sob o foco e narração de Timothy Cavendish, editor-chefe britânico. É impossível não mencionar a competitividade do sistema e as consequências terríveis geradas à personagem.

Antes de Timothy se ver aprisionado nas Casas Aurora, o autor Dermot Hoggins, gerenciado pela editora da protagonista, inconformado pelo crítico Felix Finch ter rechaçado sua obra, toma atitudes drásticas:

‘O que seria meu prêmio, me pergunto?’ Finch sorri enquanto o público aplaude. ‘Uma cópia autografada de um romance vazio como *Knuckle Sandwich*? Não deve ter muitos sobrando!’ [...] ‘Ou ganho um voo gratuito para um país da América do Sul [...]?’

‘Sim, querido’ – Dermot piscou – ‘um voo gratuito é *exatamente* o que você ganhou.’

Meu autor segurou Finch pela gola [...] e, num movimento de judô, jogou alto no ar noturno a personalidade midiática, a qual é menor do que aparenta. Alto o suficiente para ultrapassar as grades da varanda (MITCHELL, 2004, p. 149-150).⁸⁵

Por meio dessa história, podemos observar uma narrativa rápida e irreverente representando as mudanças e a fluidez do período. Percebe-se que a competitividade e o consumismo capitalista, assim como a desestabilização da instituição do sujeito, possuem força.

O capítulo que mais surpreende na narrativa de Mitchell, no entanto, é “An Orison Of Sonmi~451”, tendo em vista a interessante realidade futura descrita durante uma entrevista final entre Sonmi~451, uma clone escrava coreana presa, e um entrevistador. Possivelmente um século após a história de Cavendish, Sonmi encontra-se em uma realidade precária, em que atua como escrava em um restaurante chamado *Papa Song*, juntamente com as outras clones.

⁸⁵ Tradução nossa do excerto: “‘*What might my prize be, I wonder?*’ Finch smirked as the applause subsided. ‘*A signed copy of an unpulped Knuckle Sandwich? Can’t be many of those left!*’ [...] ‘*Or do I win a free flight to a South American country [...]?*’

‘*Yeah, lovie*’—Dermot winked—‘*a free flight is exactly what you won.*’

My author grabbed Finch’s lapels [...] and judo-propelled the shorter-than-generally-realized media personality high into the night air! High above the pansies lining the balcony railing” (MITCHELL, 2004, p. 149-150).

O mundo beira a decadência, num momento em que o sistema capitalista se desenvolve de tal forma que o consumismo se torna parte indissociável da vida humana. Seres humanos são chamados agora de consumidores; o sistema que rege os países é corporático, dominado pelas grandes corporações e empresas; e os trabalhadores são clones escravos, tratados como animais inferiores.

De maneira bastante semelhante, Eagleton (2004) trata das possibilidades futuras do capitalismo:

Não é difícil imaginar comunidades afluentes do futuro protegidas por torres de vigia, holofotes e metralhadoras, enquanto os pobres procuram por comida nas terras perdidas do além. Entrementes, encorajadoramente, o movimento anti-capitalista está buscando traçar novas relações entre globalidade e localidade, diversidade e solidariedade (EAGLETON, 2004, p. 22).⁸⁶

E, realmente, Mitchell consegue captar o sentimento da atualidade e projetar as possibilidades futuras, traduzindo de maneira bastante semelhante às previsões de Eagleton. Na narrativa, há um sistema de vigilância e controle, no qual as clones do restaurante são constantemente vigiadas por um feitor, e, caso haja algum distúrbio da “paz”, policiais e seguranças rapidamente seriam chamados.

Não apenas Eagleton, mas também Bauman (2014, p. 76), ao tratar da individualidade no capitalismo leve, consegue descrever similarmente o mundo da escrava coreana e as dificuldades do sujeito do período:

O mundo cheio de possibilidades é como uma mesa de bufê com tantos pratos deliciosos que nem o mais dedicado comensal poderia esperar provar. Os comensais são *consumidores*, e a mais custosa e irritante das tarefas que se pode pôr diante de um consumidor é a necessidade de estabelecer prioridades: a necessidade de dispensar algumas opções inexploradas e abandoná-las. A infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha (p. 82).

⁸⁶ Tradução nossa do excerto: “*It is not hard to imagine affluent communities of the future protected by watch towers, searchlights and machine-guns, while the poor scavenge for food in the waste lands beyond. In the meantime, rather more encouragingly, the anti-capitalist movement is seeking to sketch out new relations between globality and locality, diversity and solidarity*” (EAGLETON, 2004, p. 22).

Deveras, o sujeito se vê perdido dentre as tantas opções que surgem e rapidamente desaparecem. No caso de Sonmi, isso é levado ao extremo quando os “objetos” de consumo são seres clones, os quais possuem consciência, sentimentos. No capítulo, o leitor não é introduzido à realidade dos consumidores, tendo em vista o enfoque na personagem subalterna e nas lutas contra a subjugação dos clones. Todavia, há um determinado instante em que pode-se notar o consumismo exacerbado e o descarte aparentemente irrisório de bonecas fabricantes, ou seja, construídas em um processo genético semelhante ao de Sonmi:

“A boneca Zizzi Hikaru era uma *prioridade* no penúltimo Sexteto. Minha filha não me deixou *descansar*. É claro que minha esposa oficial” – acenou para a mulher no outro lado da ponte – “*incentivou*, manhã, tarde e noite. ‘Como vou olhar para a cara dos vizinhos se a nossa filha é a *única menina* no carrossel *sem* uma Zizzi?’ Você tem de admirar os marqueteiros dessas coisas. Uma porcaria de brinquedo fabricante, mas genome-o como algum ídolo antigo chamativo e o preço sobe às alturas por *cinquenta mil*; isso *antes* de você desembolsar ao designer de roupas, à casa da boneca, aos acessórios. Então o que eu fiz? Paguei pela maldita coisa, somente para calar a mulher! Quatro meses depois, o que acontece? A Teencool aparece e a Marilyn Monroe destitui a pobre, ultrapassada Zizzi.” Ele nos conta, desgostoso, que, para xpirar um fabricante registrado, há um custo de três mil dólares, mas – o homem sacode o polegar para cima da grade – um mergulho acidental é gratuito (MITCHELL, 2004, p. 335).⁸⁷

Podemos notar no trecho até que ponto o sistema capitalista consumista atinge. A frivolidade dos bens de consumo é vista como natural, na medida em que uma vida, literalmente, é descartada sem a menor hesitação ou sentimento de culpa. Bauman (2014) justifica a questão de viver num mundo de oportunidades, “[...] cada vez mais apetitosa e atraente que a anterior, cada uma ‘compensando a anterior, e preparando o terreno para a mudança para a seguinte’” (p. 81). Não importa o que acontecerá com o objeto adquirido, o descarte iminente acontece; e tudo isso porque o consumismo está baseado fortemente na

⁸⁷ Tradução nossa do excerto: ““*The Zizzi Hikaru Doll was the **must-have** the Sextet before last. My daughter didn’t give me a **moment’s** rest. Of course, my official wife*”—he nodded at the woman on the other side of the bridge—“*put **her** all in, morning, noon, and nite. ‘How am I supposed to look our neighbors in their faces if our daughter is the **only girl** in our carousel to **not** have a Zizzi?’ You got to admire the marketers of these things. One junky toy fabricant, but genome it like some glitzy antique idol and up goes its price by **fifty thousand**; that’s **before** you shell out for designer-ware, dollhouse, accessories. So what did I do? I paid for the damn thing, just to shut the women up! Four months later, what happens? Teencool surfs on and Marilyn Monroe dethrones poor, passé Zizzi.*” He told us, digustedly that a registered fabricant xpirer cost three thousand dollars, but—the man jerked a thumb over the railing—an accidental plunge comes free” (MITCHELL, 2004, p. 335).

satisfação dos desejos dos sujeitos. Ainda de acordo com Bauman (2014, p. 96), a insaciabilidade do sujeito constrói-se tendo em vista a não satisfação dos desejos; há sempre uma renovação do que se almejar.

Gostaríamos de ressaltar ainda que, nessa narrativa, as pessoas com posse de tecnologias novas e avançadas, isto é, aquelas capazes de se deslocar por longas distâncias em períodos cada vez menores, são as responsáveis pelo controle social, econômico, cultural, entre outros. Mais ainda, baseado num sistema capitalista, porém levado ao extremo, os detentores do poder são os de classes mais altas. Eagleton (2004) revela que “[...] os ricos têm mobilidade enquanto os pobres têm localidade. Ou melhor, os pobres têm localidade até o momento em que os ricos tomem posse” (p. 22).⁸⁸

Comparando com o texto de Sonmi, os pobres e os fabricantes clones estão presos espacialmente, não podendo se deslocar com facilidade ou sendo forçados a permanecer trancados em um edifício. Os sangue-puros, por outro lado, isto é, os seres humanos não modificados geneticamente e com riqueza considerável, controlam os espaços e a vida dos “neoescravos”.

Se todo o percurso descrito e analisado explica os primórdios do sistema capitalista consumista e ideologias subalternizantes, além de fornecer uma possibilidade de desenvolvimento e intensificação do sistema para níveis mais complexos, a última história do romance é responsável por proporcionar o que seria uma decadência parcial do sistema e um retorno ao primitivismo. Ambientada possivelmente um século posterior à história de Sonmi-451, “Sloosha’s Crossin’ An’ Ev’rythin’ After” revela a inviabilidade da continuação de um sistema predatório, desigual e injusto como o capitalismo que se desenvolveu.

Tendo em vista o regresso às origens tribais da primeira história, em meio a constantes brigas entre duas tribos nativas – uma aparentemente mais pacífica e a outra extremamente agressiva – chegam os Prescientes. Tal povo, sobrevivente das diversas guerras de épocas anteriores, detém tecnologias avançadas e grande conhecimento. Com o objetivo de estudar o passado conservado na ilha, a presciente Meronym, juntamente de Zachry, jovem da tribo dos *valleymen*, enfrentam uma jornada para conhecer os traços do passado.

⁸⁸ Tradução nossa do excerto: “[...] *the rich have mobility while the poor have locality. Or rather, the poor have locality until the rich get their hands on it*” (EAGLETON, 2004, p. 22).

Compreendemos que o paralelo estabelecido entre a primeira e a última história serve para evidenciar que, por mais que o advento da pós-modernidade e de um capitalismo predatório tenham ocasionado guerras intermináveis e a dizimação de grande parte do planeta e da população, há pontos divergentes entre as duas narrativas. Tais divergências podem ser percebidas ao contrapor o racismo e o preconceito com os nativos na narrativa de Ewing e a ampla consideração com as tribos do Vale por Meronym.

Apesar de ambos estabelecerem o papel de colonizadores, pensamos que Meronym não pretende catequizá-los, ou retirá-los de suas terras, ou ainda explorá-los com a escravidão. Consideramos que o ponto positivo buscado por Mitchell na escrita do romance consiste no fato de, por mais decadente, arraigado e repleto de estruturas hierárquicas injustas e desiguais no capitalismo, sempre haver a presença de pessoas que lutem contra a estrutura.

A respeito de movimentos contrários ao sistema, Eagleton (1996) acrescenta que há uma insustentabilidade em alguns movimentos radicais contrários ao sistema. Para o teórico, um dos equívocos realizados pelos integrantes é estarem fora do sistema, sendo facilmente reconhecidos e, assim, repreendidos pela vigilância contemporânea. Assim, ao se oporem fervorosamente à hegemonia, os resultados obtidos são lentos e poucos. Consideramos nessa pesquisa que as mudanças intrínsecas e ideológicas do sistema somente podem ser realizadas mais efetivamente dentro das metanarrativas. A respeito disso, Eagleton (1996) admite que

Enquanto permanece em ebulição um movimento de massa radical, não é difícil invalidar uma oposição binária simplista entre o Sistema e seus Outros, o primeiro convertido em demônio e o segundo em anjo, uma vez que esses "outros" não passam de produtos óbvios do próprio sistema, e se sabem como tal. E é justamente porque exercem um papel até certo ponto crucial nele que têm o poder de mudá-lo (p. 11).

Dessa maneira, admite-se, estando dentro do sistema, isto é, vivenciando e participando das metanarrativas como um dissidente, ser possível ter um efeito maior e efetivo de mudança. Talvez seja essa a grande importância de Ewing, o qual se encontra vinculado ao sistema por pertencer à hegemonia. Ao realizar um movimento contrário, é capaz de contribuir com o movimento abolicionista e as causas subalternas.

Em suma, tanto Bauman (2014) quanto Eagleton (2004), ainda divergentes em relação à nomenclatura utilizada para a contemporaneidade, complementam-se entre si,

principalmente no tocante às críticas à pós-modernidade. Bauman procura evidenciar que o estado das instituições humanas, sejam elas a família, o sujeito, a religião, ou o sistema capitalista, deterioraram-se e estão em fase de liquefação. Para o autor, tudo é fluído e inconstante na atualidade. Já Eagleton caminha por uma via mais política, tecendo fortes críticas ao sistema capitalista predatório. Por mais que algumas vezes guiado pela ironia, o pesquisador admite a possibilidade de transformação e melhoria na realidade atual.

Dessa forma, fundamentando a análise da narrativa em textos desses dois intelectuais, pudemos discutir algumas características do sistema capitalista baseado num consumo exacerbado, caminhando desde o final do século XIX no período das colonizações, até um futuro do século XXIII, possivelmente com o retorno ao primitivismo. Se, nos variados contextos analisados anteriormente, o capitalismo já apresenta pontos controversos e negativos, um dos momentos mais marcantes na representação dos sistemas políticos, econômicos, culturais e sociais é o período futuro experienciado por Sonmi.

O capitalismo exacerbado presente nessa narrativa atinge níveis críticos, em que a subjugação dos seres humanos volta a uma espécie de neoescravidão. Em uma sociedade em que os próprios cidadãos são denominados consumidores, já se pode esperar uma intensificação gigantesca dos adventos. Acima de tudo, Mitchell finaliza a descrição da jornada do sistema capitalista com sua decadência parcial na última história, na qual povos readquirem um senso tribal de competitividade e predadorismo. Em termos estruturais, há uma forte semelhança com a primeira história; no entanto, longe de cometer os mesmos erros do passado, não há uma tentativa de colonização, ou menosprezo da cultura alheia por parte dos prescientes. Assim, por mais devastadoras que sejam as sociedades contemporâneas, nunca é tarde para questionar e transformar o sistema.

4.2. TEMPO CINDIDO E SIMULTANEIDADE TEMPORAL

No tópico anterior, notamos a presença em todas as narrativas de um “sistema-mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista colonial/patriarcal” (acrescido agora do corporativo) guiando as atitudes hegemônicas de subjugação e tentativa de silenciamento ao subalterno. Esses tempos de consumo permanecem desde há muito tempo, propagando ideologias e heterarquias preconceituosas, racistas, homofóbicas, sexistas, etc.

No entanto, a contemporaneidade nos permitiu perceber que as temporalidades se quebraram, não há mais em uma linearidade tradicional. As estruturas antigas hegemônicas não estão mais consolidadas como antes, possibilitando a presença de novas perspectivas e temporalidades. No presente subcapítulo, veremos como essas distintas temporalidades se correlacionam, entram em embate e coexistem em um sistema de simultaneidade e serpenteamento.

O período contemporâneo, de acordo com pensadores atuais, é marcado pelo derretimento das estruturas tradicionais, isto é, das grandes narrativas (metarrativas) que anteriormente sustentavam e solidificavam as sociedades. “[...] os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas [...]” (BAUMAN, 2014, p. 13) entram em estado de liquefação; isto é, tudo aquilo que antes guiava e direcionava os indivíduos encontra-se derretido e diluído dentre o universo de opções provenientes do sistema capitalista.

A instabilidade desses novos tempos trouxe reflexos em termos de duração e de situação, na medida em que a linearidade das categorias temporais começa a se desfazer, abrindo espaço para uma simultaneidade. Não mais podemos nos basear em teorias como do *ponto zero*, profundamente analisada por Castro-Gomez (2005), as quais tomam o eurocentrismo como ponto de partida da origem de toda epistemologia, relegando um arcabouço crítico de países e continentes subalternos. Assim, não há mais um único marco de início em termos epistemológicos e científicos, possibilitando que a voz do outro não fique mais silenciada e apagada.

A narrativa de Mitchell é exemplar em revelar o descrédito nos conceitos de começo, meio e fim, ou melhor, a necessidade de os indivíduos atentarem para as mudanças e transformações sociais, econômicas e políticas contemporâneas. *Cloud Atlas*, assim como observaremos adiante, traz diversos recursos, estruturais e narrativos, que denotam a impossibilidade da manutenção de uma perspectiva de tempo estritamente linear. O que acontece no futuro tem ligação direta com os eventos passados, os quais influenciam e são influenciados pelas ações do presente.

A contemporaneidade torna-se incompatível com uma visão teleológica, dividindo acontecimentos de forma bem demarcada em termos de início, meio e fim. Os tempos atuais propiciam uma visão na qual a temporalidade é modificada devido à instantaneidade dos acontecimentos e das informações. Tudo é concomitante, não há mais passado, presente e futuro dissociados; agora tudo se encontra interligado e presentificado.

E, de fato, um dos teóricos que nos auxilia nos estudos relativos ao tempo é Bhabha (2014). Em seu amplo escopo de pesquisa, acrescenta à discussão que

[...] o tempo pós-colonial questiona as tradições teleológicas de passado e presente e a *sensibilidade* polarizada historicista do arcaico e do moderno. Essas não são simplesmente tentativas de inverter o equilíbrio do poder dentro de uma ordem de discurso inalterada (p. 248-249).

Nota-se, destarte, que, por meio da mudança da forma de perceber o tempo, há a possibilidade de contestar a formação de um discurso hegemônico, o qual fundamenta a constituição no poder devido à teleologia. Algumas abordagens críticas contemporâneas, como o pós-colonialismo, o pós-modernismo e os estudos culturais, podem revelar nesse processo aparentemente neutro as vozes subalternas relegadas, esquecidas em comunidades desprezadas e países “em desenvolvimento”.

Coincidente com o capitalismo consumista avassalador - responsável pela crise contemporânea de identidade dos sujeitos, os quais selecionam e “compram” uma identidade social -, surge em concomitância um espaço maior para que os marginalizados tenham uma plataforma de fala e exposição. Dentre as tantas vozes hegemônicas, abre-se uma pequena fenda para o discurso de outros ser pronunciado/ouvido.

4.2.1. Tempo duplo e cindido

Homi Bhabha, em *O local da cultura* (2014), de forma didática, propõe a existência de um tempo diferente do conhecido, manifestando-se de forma dupla e cindida. Assim, a divisão temporal para o autor constitui um tempo tradicional e hegemônico, sendo denominado de “tempo pedagógico”, e um novo e subalterno, sendo denominado de “performático”.

As motivações de Bhabha por trás dessa conceitualização estão baseadas no questionamento da

[...] visão homogênea e horizontal associada com a comunidade imaginada da nação. Somos levados a interrogar se a *emergência* de uma perspectiva nacional – de natureza subalterna ou de elite – dentro de uma cultura de contestação social poderia articular sua autoridade “representativa” naquela plenitude do tempo narrativo [...] (p. 234).

Essa emergência é, na realidade, a impossibilidade de compreender a História, as narrativas construídas na literatura e em discursos na sociedade, por meio de uma temporalidade tradicional. Assim, o autor revela que não há meios de interpretar a contemporaneidade por meio de uma perspectiva unilateral, devendo haver uma abertura para as demais possibilidades e temporalidades.

Tratando especificamente do tempo pedagógico, podemos notar que Bhabha (2014) o interpreta como resultado de “[...] reivindicações hegemônicas ou nacionalistas de domínio cultural [...]” (p. 243), por meio de uma visão monológica e linear dessas narrativas. Há uma centralização dos discursos e uma unificação do senso de uma história homogênea e contínua; isto é, “[...] não permite a transparência das fissuras do presente, das vozes minoritárias, transformando a comunidade numa representação horizontal do espaço” (SANTANA, 2014, p. 8).

Esse tipo de tempo apresenta uma rigidez inconfundível, buscando “[...] princípios constantes da cultura nacional na tentativa de voltar a um passado nacional ‘verdadeiro’, frequentemente representado nas formas reificadas do realismo e do estereótipo” (BHABHA, 2014, p. 247). Por meio do senso de autenticidade e veracidade dos fatos, há uma priorização por mostrar uma perspectiva hegemônica, isto é, a dos que detém do poder em detrimento dos marginalizados.

Apesar de ser um romance característico por amplificar a voz dos subalternos, na obra de Mitchell há, em determinados momentos, a presença de uma temporalidade pedagógica, por mais que apresentando fissuras de uma temporalidade subalterna latente. Nota-se tal ocorrência na primeira história, narrada pelo advogado estadunidense Adam Ewing, representante, ainda que no final dissidente, do poder hegemônico. Afinal, Ewing é um homem, branco, heterossexual e de classe social abastada. Durante o capítulo, é possível notar momentos em que se nota uma desconsideração de outras possibilidades temporais, ignorando a cultura subalterna e posicionando as narrativas em uma ordem teleológica e eurocêntrica. Tal fato pode ser percebido no momento em que Sr. D’Arnoq está contando a Henry Goose e Adam Ewing como funciona a colonização inglesa em ilhas próximas à Nova Zelândia:

Henry perguntou se os missionários estavam atualmente ativos nas ilhas Chatham, momento em que Sr. Evans e Sr. D’Arnoq trocaram olhares e o último nos informou: ‘Não, os Maori não aceitam calorosamente que nós, *Pakeha*, estraguemos os Moriori deles com muita civilização’. Eu

questionei se existia ou não uma doença como ‘*muita civilização*’ (MITCHELL, 2004, p. 10).⁸⁹

Nesse excerto, podemos visualizar o funcionamento desse “tempo horizontal, homogêneo e vazio da narrativa” (BHABHA, 2014, p. 247), por meio do qual a única forma temporal concebida pelos colonizadores é justamente a ocidental teleológica. Qualquer possibilidade de considerar os eventos, a cultura, os costumes ou o tempo dos subalternos é relegada, como se, de fato, não existisse. Subestima-se, portanto, a independência epistêmica e cultural desses grupos.

Tendo em vista essa realidade, Bhabha (2014) traz a segunda divisão de tempo, isto é, o tempo performático, como uma temporalidade contemporânea, proveniente de uma cisão temporal e da emergência das vozes subalternas. É, de fato, caracterizado por permear narrativas presentes nas fissuras e nas margens da História, as quais muitas vezes são apagadas pela temporalidade pedagógica. De fato, segundo Santana (2014), poderíamos inclusive considerá-lo um resultado “[...] da tessitura dos retalhos descartados pela narrativa pedagógica” (p. 8).

Em termos da temporalidade dos eventos subalternos, isto é, da temporalidade performática no romance, pode-se notar que em cada uma das histórias da obra de Mitchell as personagens de grupos marginalizados conquistam a possibilidade de fala. O que à princípio é uma fissura na temporalidade pedagógica, torna-se, a cada capítulo, uma plataforma maior para a exposição de uma outra perspectiva.

Assim, se no início da narrativa de Ewing o prisma do colonizador é acentuado, ao atingir o final, o tempo linear e homogêneo perde certo espaço para a performatividade. Autua, representante dos escravos Moriori, lentamente ganha voz no romance, contribuindo para a mudança ideológica em Ewing. Podemos notar esse fato desde o momento em que as personagens conversaram pela primeira vez:

“Eu marinheiro capaz!”, insistiu o Negro. “Eu ganho passagem!” Tudo bem, disse a ele (duvidoso das afirmações de ser ele um marinheiro de linhagem) & insisti para se entregar às misericórdias do capitão imediatamente. “Não! Eles não escuta eu! *Nade de volta, seu preto sujo*, eles dizem & jogam eu no mar! Você advogado, né? Você vai, você fala,

⁸⁹ Tradução nossa do excerto: “*Henry asked if missionaries were now active on the Chathams, at which Mr. Evans and Mr. D'Arnoq exchanged looks and the former informed us: 'Nay, the Maori don't take kindly to us Pakeha spoiling their Moriori with too much civilization.'* I questioned if such an ill as ‘*too much civilization*’ existed or no?” (MITCHELL, 2004, p. 10).

eu fico, eu escondo! Por favor. Capitão escuta você, sinhô Ewing. Por favor” (MITCHELL, 2004, p. 26).⁹⁰

Encaminhando até o momento em que Ewing reflete sobre Autua ter-lhe salvado a vida:

Ao terceiro dia eu conseguia sentar, alimentar, agradecer meus anjos da guarda e Autua, o último Moriori livre nesse planeta, pela minha libertação. Autua insiste que, se eu não o tivesse salvo de ser atirado ao mar por ser clandestino, não poderia ter me resgatado & então, de certa forma, não foi Autua que preservou minha vida, mas eu mesmo (MITCHELL, 2004, p. 506).⁹¹

Ambos os excertos servem para mostrar de que maneira o tempo performático, centralizado em Autua, interrelaciona-se com o tempo pedagógico e hegemônico, abrindo um espaço entre discursos racistas e preconceituosos da época. Desde o momento em que o índio Moriori encontra-se com Ewing, sua voz começa a habitar a narrativa e a temporalidade eurocêntrica, algo que culmina com o momento em que Autua salva Ewing e o auxilia a mudar de perspectiva. Isto é, Ewing faz-se adepto do movimento abolicionista, admitindo uma (pluri)temporalidade:

[...] história não admite nenhuma regra; apenas resultados.
O que precipita resultados? Atos perversos e atos virtuosos.
O que precipita atos? Crença.

A crença é, ao mesmo tempo, prêmio e campo de batalha [...]. Se *acreditarmos* que a humanidade é uma escala de tribos, um coliseu de confrontação, exploração e bestialidade, tal humanidade se tornará realidade [...]. Você e eu, os ricos, os privilegiados, os afortunados, passaremos bem nesse mundo, desde que nossa sorte continue. Mas e se nossa consciência começar a pesar? [...] Porque lutar contra a ordem “natural” (oh, que palavra desonesta) das coisas?

Por quê? Por causa disso: – um determinado dia, um mundo puramente predatório *deverá* se autoconsumir (MITCHELL, 2004, p. 508).⁹²

⁹⁰ Tradução nossa do excerto: “‘I able seaman!’ insisted the Black. ‘I earn passage!’ Well & good, I told him (dubious of his claim to be a sailor of pedigree) & urged him to surrender himself to the captain’s mercies forthwith. ‘No! They no listen I! **Swim away home, Nigger**, they say & throw I in drink! You lawman aye? You go, you talk, I stay, I hide! Please. Cap’n hear you, Missa Ewing. Please” (MITCHELL, 2004, p. 26).

⁹¹ Tradução nossa do excerto: “By the third day I could sit up, feed myself, thank my guardian angels & Autua, the last free Moriori in this world, for my deliverance. Autua insists that had I not prevented him from being tossed overboard as a stowaway he could not have saved me & so, in a sense, it is not Autua who has preserved my life but myself” (MITCHELL, 2004, p. 506).

⁹² Tradução nossa do excerto: “[...] history admits no rules; only outcomes. What precipitates outcomes? Vicious acts & virtuous acts. What precipitates acts? Belief.

A visão do advogado transforma-se gravemente: as ideologias racistas restantes em Ewing extinguem-se no momento em que dá conta de que as crenças em uma sociedade igualitária e pacífica levam diretamente à materialização desse mundo. Acreditar e propagar pensamentos e posturas preconceituosas somente levam a criação e perpetuação de um universo binário e marginalizador. É justamente o surgimento da força da temporalidade performática que propicia a Ewing uma tomada de decisão: ser abolicionista.

Retornando a conceitualização das temporalidades por Bhabha, apesar da separação didática, é reforçada pelo pesquisador uma relação ambivalente entre os tempos; um não existe sem o outro. Mas, principalmente, há uma junção entre os dois. Ou melhor, das fronteiras entre os dois há “[...] uma liminaridade *interna* contenciosa, que oferece um lugar do qual se fala sobre – e se fala como – a minoria, o exilado, o marginal e o emergente” (BHABHA, 2014, p. 242).

O tempo performático não rejeita o tempo pedagógico, mas propõe um tipo de temporalidade cindida e ambivalente. Segundo Bhabha (2014), “[...] o performático introduz a temporalidade do entre-lugar. A fronteira que assinala a individualidade da nação interrompe o tempo autogerador da produção nacional e desestabiliza o significado do povo como homogêneo” (p. 240). A homogeneidade na versão da História dá espaço para diferentes possibilidades e perspectivas temporais; a versão oficial e hegemônica divide o palco com a versão subalterna.

Em *Cloud Atlas*, a relação temporal é estabelecida mais firmemente na última história em termos cronológicos, isto é, no capítulo “Slosha’s Crossin’ An’ Ev’rythin’ After”. Aqui, a perspectiva temporal performática trazida pela figura de Zachry, um jovem da tribo dos Valleymen, entra em contato com a pedagógica trazida pela representação de Meronym, estudiosa de uma tribo mais evoluída e tecnológica. Essa narrativa em específico revela de que maneira as duas formas de temporalidade são capazes de coexistir num movimento de cooperação e união.

*Belief is both prize & battlefield [...]. If we **believe** humanity is a ladder of tribes, a colosseum of confrontation, exploitation & bestiality, such a humanity is surely brought into being [...]. You & I, the moneyed, the privileged, the fortunate, shall not fare so badly in this world, provided our luck holds. What of it if our consciences itch? [...] Why fight the ‘natural’ (oh, weaselly word!) order of things? Why? Because of this: —one fine day, a purely predatory world **shall** consume itself.” (MITCHELL, 2004, p. 508)*

Zachry, como membro da subalternidade (por se ver predado por tribos mais agressivas, como os Kona) não confia a princípio em Meronym, surgindo choques nesse movimento temporal. De fato, o início da narrativa está repleto de sobreposições e conflitos entre o pedagógico e o performático. Entretanto, a união posterior entre as personagens permite uma convivência pacífica, na qual um contribui e ampara o outro em momentos de dificuldades. Zachry, que questionava muito as intenções de uma tribo hegemônica estar presente e interferindo na vida da tribo, chega à conclusão de que a oposição e os extremismos não ajudam. Veremos nos excertos seguintes como o jovem muda de opinião acerca da tribo de Meronym percebendo que ambas as tribos são capazes de viver em conjunto, cada uma respeitando os limites culturais do outro:

Qualquer que seja a razão pela qual Meronym decidiu scalar essa montanha maldita, eu não creditei qu' ela jamais trairia os Valleysmen, não, não no meu coração [...]. Minha amiga nos deu uns comprimidos depois do trabalho árduo e dormimos o sono sem sonhos do rei astrônomo (MITCHELL, 2004, p. 282).⁹³

Eu tendi porque Meronym não tinha dito a verdade completa sobre a ilha dos prescientes e da tribo também. As pessoas creditam que o mundo é construído de uma forma; então dizer que estão erradas é retirar os abrigos das cabeças delas, e talvez da sua (MITCHELL, 2004, p. 282).⁹⁴

Zachry toma essa atitude depois de muita ponderação, em que reflete que as temporalidades pedagógicas e performáticas devem coabitar o entre-lugar. A personagem vê em Meronym não mais uma inimiga, dona de uma temporalidade imposta, agressiva e silenciadora, mas compreensiva e acolhedora. Para isso, Meronym também tem que sair da zona de conforto e tratar os Valleysmen como sujeitos; ou seja, possuidores de uma espiritualidade, cultura, linguagem, hábitos e entre outros.

Dessa maneira, na relação ambivalente entre as temporalidades, não se toma como irrelevante ou desnecessário um dos lados, ou seja, não se dá destaque e poderio a uma parte em específico. A plataforma de exposição em *Cloud Atlas* transita entre os tempos, de forma que, por exemplo, o tempo pedagógico da enfermeira Noakes (quarta história), de

⁹³ Tradução nossa do excerto: “*Whatever Meronym’s cause was for scalin’ this cussed mountain, I din’t b’lief she’d ever judas no Valleysman, nay, not in my heart. [...] My friend gived us both med’sun pills after grinds an’ we sleeped the no-dream sleep o’ the ’stron’mer king*” (MITCHELL, 2004, p. 282).

⁹⁴ Tradução nossa do excerto: “*I und’standed why Meronym’d not said the hole true ’bout Prescience Isle an’ her tribe too. People b’lief the world is built so an’ tellin’ em it ain’t so caves the roofs on their heads’n’maybe yours*” (MITCHELL, 2004, p. 282).

Bill Smoke (terceira história), de Henry Goose (primeira história) e de Meronym (última história), luta para existir junto ao tempo performático de Timothy Cavendish (quarta história), de Luisa Rey (terceira história), de Autua (primeira história) e de Zachry (última história), respectivamente.

Segundo Souza (2011),

No tempo performativo, a história, como no tempo pedagógico, narra a nação de um ponto de vista também hierárquico. No entanto, ao invés da versão do alto da hierarquia, tem-se a versão de baixo. É a história dos vencidos, dos excluídos e silenciados – índios, negros, mulheres, homossexuais etc. (p. 44).

Os subalternos apreendem o holofote por meio dessa proposta temporal, podendo contar as narrativas por meio das perspectivas deles. No entanto, a construção da temporalidade não exclui ou simplesmente sugere uma inversão de papéis.

A análise dos tempos de Bhabha, na realidade, de acordo com Souza (1994, p. 565 *apud* SOUZA, 2011), “[...] não procura substituir meramente a força do discurso colonial por um discurso anticolonial mais forte, mas sim, instaurar um processo agonístico, onde a autoridade e as certezas aparentes do discurso colonial são subvertidas, questionadas e desestabilizadas” (p. 45). De fato, esse processo agonístico constrói-se num movimento de serpenteio: em determinados momentos os grupos hegemônicos põem-se à frente da exposição e, em outros, os grupos subalternos podem se expressar livremente.

4.2.2. Simultaneidade temporal e a metáfora do deus Chronos

Encaminhando a discussão para a ambivalência e concomitância temporal de Bhabha, Santana (2008) traz uma metáfora esclarecedora para a compreensão do tempo, vendo na representação do deus da antiguidade Chronos uma possibilidade de associação com o conceito que estamos defendendo. Na filosofia pré-socrática, Chronos é considerado a personificação do tempo, proveniente possivelmente do deus grego Cronus, responsável pela colheita. Entre diversas representações, Chronos pode ser encontrado segurando uma ampulheta, cujo movimento unidirecional, que guia os grãos de areia de um lado ao outro, denota um tempo de característica linear.

Santana (2014) associa essa forma temporal com a historicidade hegemônica e teleológica, enxergando os acontecimentos históricos por uma perspectiva que despreza qualquer outra manifestação temporal destoante. Segundo a pesquisadora, essa

representação do deus grego denota uma “[...] temporalidade historicista, horizontal, um conceito de tempo no qual acontecimentos são apresentados em sua historicidade fixa. O evento, com princípio e fim determinados, converte-se numa sucessão de ações presas a uma historicidade linear [...]” (SANTANA, 2014, p. 6).

Essa temporalidade rígida, que constrói uma narrativa sólida e oficial dos acontecimentos, é questionada por Bhabha (2014), que vê a necessidade “[...] de um outro tempo de *escrita* que seja capaz de inscrever as intersecções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar que constituem a problemática experiência ‘moderna’ da nação ocidental” (p. 230). E, de fato, com os adventos da contemporaneidade, o pesquisador é capaz de perceber indícios de uma abertura maior para outras temporalidades, as quais possibilitam uma verticalidade no tempo das narrativas.

Tal forma temporal também está presente na metáfora de Santana (2014), a qual nota que, a fim de narrar acontecimentos não-hegemônicos, há a necessidade de uma temporalidade mais maleável. Assim, outra possibilidade representativa do deus é a de Chronos com uma serpente rodeando o braço e a mão, denotando, segundo a autora, um tempo que serpenteia de forma espiralar, isto é, um tempo ambivalente e sem duração. Ou, assim como Althusser (1972), “Espaço sem lugares, tempo sem duração.” (p. 78).

Ao associar o modo de passagem do tempo com o movimento da serpente, Santana (2014) evidencia que os acontecimentos não ocorrem de forma linear, num deslocamento único e dual. Apresenta-se agora a possibilidade de um movimento difuso, com diversos destinos incertos nos quais a narrativa perpassa, reconhecendo que passado, presente e futuro estão intimamente conectados, e que as subalternidades não mais são completamente marginalizadas e esquecidas.

O romance de Mitchell caracteriza-se por revelar essa segunda noção de tempo. De acordo com as classificações de Bhabha, Timothy Cavendish, protagonista da quarta história, tem uma percepção bastante aguçada da realidade em que vive. Segundo O'Donnell (2015),

Timothy Cavendish descarta duas acepções comuns de temporalidade – do tempo linear e unidirecional em relação à porção de aleatoriedade que existe no universo, e do tempo como modo de repetição e eterno retorno – em favor da concepção de tempo continuamente desmoronando e expandindo, suas divisões ou “dobras” comprimidas umas nas outras e

deslocadas em concordância com os ritmos e assinaturas de tempo do momento (p. 96).⁹⁵

Da mesma maneira que outras personagens da obra, o já idoso Cavendish recusa as percepções tradicionais de temporalidade, possivelmente admitidas por ele na fase adulta, ao notar que a linearidade do tempo é um mito. Logo no início da segunda metade da narrativa, após sofrer um derrame e iniciar o processo de rememoração depois de um curto período de amnésia, o editor começa a ponderar sobre os aspectos do tempo: “Tempo, nenhuma flecha, nenhum bumerangue, mas uma sanfona” (MITCHELL, 2004, p. 354).⁹⁶

O que seria uma sanfona senão um objeto que realiza um movimento de serpentear? Uma movimentação em espiral, sem início e nem fim, com diversas intersecções, regressos e avanços. Ainda se referindo ao tempo e a capacidade de rememoração, a personagem reflete: “Memórias recusam a se encaixar, ou se encaixam, mas de forma desgrudada e desalinhada. Mesmo meses depois, como iria saber se algum fragmento de mim mesmo permanece perdido?” (MITCHELL, 2004, p. 354).⁹⁷ Assim como Cavendish diz, não há mais uma cola para grudar os pedaços dos acontecimentos em ordem cronológica e linear; os eventos são fragmentos dispersos e alinhados muitas vezes de forma espalhada, um afetando o outro independente da linearidade tradicional.

O movimento oscilante da serpente de Chronos permite ainda a consideração de que as diferentes temporalidades, isto é, o tempo passado, presente e futuro estão indissociáveis na visão da contemporaneidade. Nessa ponderação, as ações que já aconteceram estão intrinsecamente interligadas com os eventos do presente e do futuro; da mesma forma que as atitudes tomadas no tempo futuro são indissociadas das outras duas formas de tempo.

Num período em que se traz o questionamento se “Teria o tempo depois de matar o espaço enquanto valor, cometido suicídio?” (BAUMAN, 2014, p. 150), a narrativa de

⁹⁵ Tradução nossa do excerto: “*Timothy Cavendish discards two common notions of temporality – that of time as linear and unidirectional in relation to the quanta of randomness that exists in the universe, and that of time as a mode of repetition and eternal return – in favour of a concept of time as continuously collapsing and expanding, its divisions or ‘folds’ compressed into each other and splayed concordant with the rhythms and time signatures of the moment*” (O’DONNELL, 2015, p. 96).

⁹⁶ Tradução nossa do excerto: “*Time, no arrow, no boomerang, but a concertina*” (MITCHELL, 2004, p. 354).

⁹⁷ Tradução nossa do excerto: “*Memories refused to fit or fitted but came unglued. Even months later, how would I know if some major tranche of myself remained lost?*” (MITCHELL, 2004, p. 354).

Mitchell nos permite considerar uma visão diferenciada acerca do tempo. De acordo com O'Donnell (2015), no romance,

[...] o emprego da estrutura da narrativa e de formas de intertextualidade, no qual o passado continua interferindo com o futuro, e o futuro continua reaparecendo e se referindo ao passado, sugere o nível em que *Cloud Atlas* explora os movimentos do tempo passado, passando e vindo a passar [...] (p. 95).⁹⁸

Dessa maneira, ao se tratar da estrutura narrativa, nota-se um questionamento acerca do tempo, partindo da complexidade e da fuga das formalidades tradicionais. O romance é dividido em seis histórias distintas, com apenas algumas personagens recorrentes, ambientadas em locais e temporalidades diversas. Mais do que um rompimento com o subgênero romance – merecedor de um estudo aprofundado, porém longe do nosso foco de pesquisa –, nota-se um rompimento temporal quando cada uma das histórias é repartida em dois capítulos posicionados como espelho no meio do romance. Ou seja, assim que uma atinge a metade, dá-se início à próxima narrativa; tal movimento continua até atingir a sexta história, momento no qual há um retorno à segunda parte da quinta, caminhando para a quarta, terceira e assim por diante.

Com a finalidade de explicar mais a fundo os motivos de tal divisão, Mitchell (2010) nos conta que:

Na primeira vez que li *Se um viajante numa noite de inverno*, de Calvino, eu não sabia com o que estava lidando. Achava que estaríamos retornando à narrativa interrompida no final do livro, e eu realmente queria que isso acontecesse. Terminado o romance, me senti um pouco traído por Calvino não ter finalizado o que começou – o que era, é claro, o objetivo do livro. No entanto, uma voz disse o seguinte: como seria se um espelho fosse colocado no final do livro, e você continuasse numa segunda parte que o transporta de volta ao início? Essa ideia estava martelando a minha cabeça desde que tinha dezoito, dezenove anos e, no meu terceiro romance, chegou em primeiro lugar (s/p).⁹⁹

⁹⁸ Tradução nossa do excerto: “[...] *his employment of a narrative structure and forms of intertextuality in which the past keeps interfering with the future, and the future keeps recurring in the past, suggest the degree to which *Cloud Atlas* explores the movements of time past, passing and to come [...]*” (O’DONNELL, 2015, p. 95).

⁹⁹ Tradução nossa do excerto: “*The first time I read Calvino’s *If on a Winter’s Night a Traveler*, I didn’t know what I was dealing with. I thought we’d be going back to the interrupted narrative later on in the book, and I very much wanted to. Finishing the novel, I felt a bit cheated that Calvino hadn’t followed through with what he’d begun—which was, of course, the whole point of the book. But a voice said this: What would it actually look like if a mirror were placed at the end of the book, and you continued into a second half that took you back to the beginning? That idea was knocking around in my head since I was eighteen or nineteen years old and, by my third novel, had arrived at the front of the queue*” (MITCHELL, 2010, s/p)

Essa desvinculação com as estruturas de narrativas tradicionais denota uma mudança drástica em termos temporais, na medida em que não mais há a presença de histórias com o típico “começo, meio e fim”. Em *Cloud Atlas*, somente descobrimos o destino de Adam Ewing, que está doente e desamparado, na viagem de navio para os Estados Unidos, após termos entrado em contato com todas as outras narrativas do romance, as quais se passam em épocas distintas. Da mesma forma, o trajeto final de Sonmi-451 só é revelado após a sexta história, tornando o leitor um viajante do tempo em contato com as consequências de todas as histórias anteriores.

O permear entre narrativas e tempos, ou seja, a jornada realizada pelo leitor, encaixando as histórias, é um exemplo da simultaneidade temporal de Bhabha, tendo em vista que as temporalidades se cruzam, se entrelaçam, e se circunscvem. Assim, não há uma única narrativa, oficial e hegemônica, a partir da qual as outras possibilidades e vozes são rapidamente rejeitadas; há, de fato, um movimento temporal múltiplo e ambivalente.

Ainda relacionado à estrutura não convencional do romance, no terceiro capítulo da obra, Isaac Sachs, personagem que ajuda Luisa Rey a adquirir um relatório com informações confidenciais sobre uma corporação da Califórnia, traz uma reflexão muito inteligente acerca das temporalidades que vivencia:

Um modelo de tempo: uma boneca matryoshka infinita de momentos retratados, cada “casca” (o presente) encaixado dentro de um ninho de “cascas” (presentes anteriores), as quais eu denomino o passado vigente, mas o qual identificamos como o passado virtual. A boneca de “agora”, da mesma forma, reveste um ninho de presentes ainda a existir, os quais eu denomino de futuro vigente, mas o qual nós percebemos como o futuro virtual (MITCHELL, 2004, p. 393).¹⁰⁰

Assim, a própria personagem é capaz de perceber que os tempos se relacionam de uma forma mais direta do que se comumente pensa. Sachs é capaz de notar que o considerado presente um dia será passado, mas também está em contato com os passados anteriores, ainda encaixados na metáfora da boneca matryoshka. Ou seja, de forma

¹⁰⁰ Tradução nossa do excerto: “*One model of time: an infinite matryoshka doll of painted moments, each ‘shell’ (the present) encased inside a nest of ‘shells’ (previous presents) I call the actual past but which we perceive as the virtual past. The doll of ‘now’ likewise encases a nest of presents yet to be, which I call the actual future but which we perceive as the virtual future*” (MITCHELL, 2004, p. 393).

indireta, consegue enxergar a metáfora do tempo ambivalente e serpenteante de Bhabha e sistematizar, de forma metareferencial, a estrutura de *Cloud Atlas*.

Contrariando um esquema de tempo teleológico, personagens de tempos passados estão ligados a fatos e ocorrências do presente e do futuro; assim como personagens do futuro repetem e criam paralelos com ações realizadas no passado e presente. A mistura entre os tempos pode ser notada de maneira mais palpável quando personagens de uma narrativa começam a ter sonhos e lembranças de períodos anteriores e posteriores, explorados em outras narrativas no romance. Vyvyan Ayrs, famoso músico clássico que acolhe Robert Frobisher, personagem principal e subalterno da segunda narrativa, durante um sonho tem acesso a eventos que acontecerão na quinta narrativa, no espaço de trabalho de Sonmi~451:

Pela primeira vez V.A. estava inseguro de si mesmo. “Eu sonhei que ... estava em um café atormentador, brilhantemente iluminado, mas subterrâneo, sem saída. Eu estava morto há um longo, longo tempo. Todas as garçonetes tinham o mesmo rosto. A comida era sabão, a única bebida era copos de espuma de sabão. A música no café era [...] essa” (MITCHELL, 2004, p. 79).¹⁰¹

De forma inexplicável – pelo menos em uma concepção temporal hegemônica –, uma personagem de uma narrativa ambientada no começo do século XX na Europa, sonha com um espaço e personagens de meados do século XXII na Coreia. Aqui, o serpentear dos eventos e das temporalidades propicia que o típico tempo de passado, presente e futuro influencie um ao outro, afinal Ayrs chega a compor uma música baseada na versão futura que escutou no sonho.

Luisa Rey, protagonista da terceira história, também tem acesso a informações e lembranças que são de momentos passados:

A música na loja *The Lost Chord Music Store* resume todos os pensamentos da Spyclass, Sixmith, Sachs, e Grimaldi. O som é pristino, fluvial, espectral, hipnótico ... intimamente familiar. Luisa permanece, arrebatada, como se vivesse em um fluxo de tempo. “Eu conheço essa música”, fala ao balconista, o qual finalmente pergunta se ela está bem. [...]

¹⁰¹ Tradução nossa do excerto: “VA. was unsure of himself for once. ‘I dreamt of a ... nightmarish café, brilliantly lit, but underground, with no way out. I’d been dead a long, long time. The waitresses all had the same face. The food was soap, the only drink was cups of lather. The music in the café was [...] this’” (MITCHELL, 2004, p. 79).

“Onde ouvi isso antes?”

O jovem homem encolhe os ombros. “Não pode ter sido em mais do que um punhado de lugares na América do Norte.”

“Mas eu conheço. Te garanto que eu *conheço*” (MITCHELL, 2004, p. 408-409).¹⁰²

Da mesma forma que reconhece o sexteto composto por Robert Frobisher, personagem do período anterior, quase no final da história Luisa Rey identifica outro artefato que a leva a questionar o tempo teleológico. No instante em que a personagem se dirige a um cais a procura de um navio contendo o relatório de Sixsmith, passa por acaso pelo navio *Prophetess*, meio de transporte de Adam Ewing na primeira narrativa:

O navio do século XIX está, de fato, restaurado lindamente. Apesar da missão, Luisa se distrai com uma gravidade estranha que a faz parar por um momento e olhar ao cordame, escutando o ranger da madeira.

“O que há de errado”, sussurra Napier.

O que há de errado? A marca de nascença de Luisa pulsa. Agarra-se nas pontas desse momento elástico, mas elas desaparecem no passado e no futuro. “Nada” (MITCHELL, 2004, p. 430).¹⁰³

A demarcação temporal rígida perde espaço para um tempo maleável, que permite que ambas as histórias estejam interconectadas. Por mais que Rey não desconfie da existência de Ewing, a sensação e o pulsar de sua cicatriz transportam-na para momentos passados da primeira narrativa.

Além desses exemplos diretos em que há uma interligação temporal, podemos também observar paralelismos entre as histórias e as temporalidades. Assim, não é por acaso que o local para onde as escravas clones funcionárias do Papa Song iriam ao se “aposentar” é o mesmo onde a sobrinha de Rufus Sixsmith, correspondente das cartas de

¹⁰² Tradução nossa do excerto: “*The music in the Lost Chord Music Store subsumes all thoughts of Spyglass, Sixsmith, Sachs, and Grimaldi. The sound is pristine, riverlike, spectral, hypnotic ... intimately familiar. Luisa stands, entranced, as if living in a stream of time. ‘I know this music,’ she tells the store clerk, who eventually asks if she’s okay.*

[...]

‘Where have I heard it before?’

The young man shrugs. ‘Can’t be more than a handful in North America.’

‘But I know it. I’m telling you **I know it**’” (MITCHELL, 2004, p. 408-409).

¹⁰³ Tradução nossa do excerto: “*The nineteenth-century ship is indeed restored beautifully. Despite their mission, Luisa is distracted by a strange gravity that makes her pause for a moment and look at its rigging, listen to its wooden bones creaking.*

‘What’s wrong?’ whispers Napier.

What is wrong? Luisa’s birthmark throbs. She grasps for the ends of this elastic moment, but they disappear into the past and the future. ‘Nothing’” (MITCHELL, 2004, p. 430).

Robert Frobisher, trabalha em uma pesquisa em radioastronomia. Esse, ainda, é o lugar onde se passa a última narrativa, num futuro pós-apocalíptico. Também não é por acaso que ambas (primeira e última história) narram os conflitos entre duas tribos, respectivamente os Maoris e os Morioris, e os Kona e os Valleymen. Nos dois casos, uma tribo apresenta uma ideologia mais pacífica e menos conflitiva que a outra, sendo a última baseada na violência e no canibalismo.

É necessário abordar aqui a possibilidade de associar o movimento do tempo de Bhabha no romance de Mitchell com temas relacionados à reencarnação. O índice principal que nos leva a cogitar a possibilidade é a presença de uma marca de nascença em grande parte dos protagonistas da obra. Timothy Cavendish, ao ler e editar o romance que narra as aventuras de Luisa Rey, capta imediatamente a possibilidade, mas é cético (mesmo também apresentando a marca):

Uma ou duas coisas terão de ser retiradas: a insinuação de que Luisa Rey é esse tal de Robert Frobisher reencarnado, por exemplo. É por demais hippie, drogado, nova era. (Eu também tenho uma marca de nascença, embaixo da minha axila esquerda, mas nenhuma amante jamais comparou com um cometa. Georgette apelidou de merda do Timbo) (MITCHELL, 2004, p. 357).¹⁰⁴

Assim, todas as mudanças de tempo, isto é, as intercalações e interferências temporais nas variadas narrativas podem funcionar como argumentos de que as protagonistas com cicatriz são a mesma pessoa, porém vivendo vidas distintas em períodos diversos. A única exceção seria Adam Ewing, o qual não apresenta a marca corporal, mas é o responsável, com o auxílio de Autua, a iniciar um movimento que reverbera em vidas futuras e passadas de luta contra a subjugação dos sujeitos subalternos.

A proposta desse trabalho, no entanto, não está baseada na identificação e na interpretação do sistema pelo qual as personagens trilham vidas e mortes. O objetivo aqui é revelar os meios pelos quais Mitchell consegue criar personagens, em sua maioria subalternas, que lutam direta e indiretamente contra os poderes hegemônicos e silenciadores das diversas sociedades. Independente da interpretação a favor ou contra a reencarnação, afirmamos que as formas de resistência e oposição a esse sistema, por meio

¹⁰⁴ Tradução nossa do excerto: “*One or two things will have to go: the insinuation that Luisa Rey is this Robert Frobisher chap reincarnated, for example. Far too hippie-druggy–new age. (I, too, have a birthmark, below my left armpit, but no lover ever compared it to a comet. Georgette nicknamed it Timbo’s Turd)*” (MITCHELL, 2004, p. 357).

do tempo duplo e da simultaneidade temporal, são legítimas e exemplares para uma melhor compreensão da sociedade atual e das futuras.

Portanto, tanto Bhabha quanto Mitchell seguem o *zeitgeist* da contemporaneidade, trazendo noções temporais e espaciais distintas da tradição. Ao evidenciar a existência das temporalidades pedagógica e performativa, Bhabha revela um tempo duplo e cindido, marcado pela presença da perspectiva das minorias, a qual tem sido continuamente apagada pela historiografia hegemônica. Em paralelo, Mitchell proporciona momentos de exposição aos grupos subalternos de uma forma a prover o pacifismo e a igualdade entre os diferentes grupos sociais.

Mais do que isso, Bhabha nos apresenta o tempo simultâneo e ambivalente, baseado na metáfora da serpente em Chronos. Esse tempo não apenas possibilita a quebra com as estruturas tradicionais, teleológicas e hegemônicas, como também permite que tempos futuros, passados e presentes interajam. Em um período como a contemporaneidade, na qual diversas áreas do conhecimento dialogam em termos temporais, Mitchell nos fornece um excelente exemplo de como as obras literárias são capazes de trazer o movimento temporal serpenteante e a simultaneidade temporal.

CONSIDERAÇÕES

Após o relato das análises e interpretações realizadas, faz-se necessário “concluir” o trabalho por meio da exposição de uma síntese dos frutos obtidos nessa pesquisa. Dessa maneira, ficará mais fácil visualizar o trajeto percorrido.

Iniciamos o primeiro capítulo com uma discussão acerca da decolonialidade na primeira e na quinta narrativas presentes em *Cloud Atlas*, objetivando evidenciar de que maneira as personagens Autua e Sonmi~451 adquirem empoderamento frente ao poder hegemônico no sistema-mundo patriarcal/capitalista colonial/moderno. Apesar de ambas vivenciarem uma situação de exploração, pudemos evidenciar que são capazes de exemplificar conceitos relativos à decolonialidade (GROSSFOGUEL, 2008), como alguns demonstrados a seguir.

Sonmi~451 pode ser vista como um exemplo do giro decolonial (MIGNOLO, 2007), tendo em vista as contribuições científicas e teóricas feitas no manifesto *Declarações*. Tal escrito não apenas teve importância na época da protagonista, mas se preserva em épocas posteriores, cujo relato, como vimos, é feito na sexta e última história de *Cloud Atlas* em termos cronológicos.

De forma semelhante, Autua também representa os pensadores da decolonialidade na medida em que se posiciona em um espaço de fronteira, flutuando sob uma dupla colonização, mas sempre mantendo e valorizando a cultura da própria tribo. Indo em direção de pensamentos contemporâneos relativos a *pensamento de fronteira* (MIGNOLO, 2003), *entre-lugar* (SANTIAGO, 2000), Autua compreende que não há razão para extremismos e fundamentalismos, rejeitando os pontos negativos e aceitando os pontos positivos das culturas que o cercam.

Se, no primeiro subcapítulo, abordamos a escravidão a partir de conceitos do Grupo de Estudos Subalternos Latinos, na seção seguinte exploramos o *biopoder* (FOUCAULT, 2005; 2015) como modo de subjugação realizado pelas forças hegemônicas de ambas as sociedades. Assim, investigamos como o corpo dos escravos foi controlado, modificado e, muitas vezes, dizimado.

Pudemos, nesse subcapítulo, estudar o percurso desse conceito até certas pesquisas atuais relacionadas à genética, questionando até que ponto os benefícios gerados pelas tecnologias atingem os grupos subalternos. Essa discussão acerca das consequências dos

avanços de um sistema político e econômico será revisitada no último capítulo da dissertação.

Apontamos, também, nessa seção como o biopoder reminescente do poder soberano reprime Autua e outros membros morioris de modo violento, e como um biopoder futurístico, envolto de inovações científicas, é utilizado para controlar e escravizar Sonmi~451 e suas irmãs clones. Visualizamos, portanto, as formas em que as duas personagens conseguem lutar e impedir as consequências das punições e controles corporais.

Caminhando para o segundo capítulo, decidimos engendrar o estudo da subalternidade para a abordagem de gênero, levando em conta que algumas das protagonistas vêm-se reprimidas por pensamentos tradicionais. Para tanto, analisamos questões relativas à identidade e gênero nas personagens Robert Frobisher e Luisa Rey, revelando que enfrentam uma sociedade machista, homofóbica e preconceituosa, por meio do conceito de *performatividade* (BUTLER, 2003).

Na primeira parte enxergamos, por meio dos conceitos de *identidade* e *fronteira* (TURNER, 1996), como Mitchell quebra as dualidades relacionadas à subalternidade e hegemonia. Como visto no capítulo anterior, entendemos que os conflitos envolvendo os subalternos no romance não permanecem radicais e fundamentalistas. Consideramos as personagens defensoras de uma condição igualitária.

Na segunda parte revelamos a forma com que tanto Rey quanto Frobisher se distanciam dos conceitos tradicionais a respeito de sexo e gênero, apresentando uma escolha identitária de gênero. Dessa maneira, as personagens adéquam-se ao conceito de *performatividade*, criando e transformando seu gênero de acordo com a vontade, o discurso e as ações.

No terceiro capítulo, exploramos o conceito de liberdade e os modos de privação nas personagens Timothy Cavendish e Zachry, atentando que se encontram, em grande parte das narrativas, em uma posição restrita de ações. Pudemos notar ainda a maneira pela qual retomam a autonomia almejada, impedindo o silenciamento e a repressão. Há nas duas histórias uma ânsia pela libertação da influência e dominação das forças no poder, além da reflexão sobre a significação da autodeterminação.

Ademais, retomando a performatividade do capítulo anterior, trazemos esse conceito para a manifestação da liberdade, de modo que a ação autônoma inicia na ação performática. Isto é, no momento em que temos o domínio da nossa expressão, tomamos o

primeiro passo em direção da liberdade. E, de fato, as personagens são capazes de se utilizar dessa ferramenta e combater as forças cerceadoras do autogoverno do sujeito.

Prosseguindo para o último capítulo, decidimos unir as personagens trabalhadas até então e analisar o contexto em comum. Estudamos nesse momento como as relações de subalternidade acontecem nas diversas temporalidades, focando-nos no tempo/espaço no sistema político e econômico de cada contexto, e no entrelaçamento e simultaneidade do tempo.

Especificamente para o primeiro subcapítulo, focamo-nos no período da contemporaneidade, a fim de examinar de que forma esse sistema organizou-se na narrativa. A partir de definições de Bauman (2014) e Eagleton (2004), abstraímos que a sociedade atual se mostra mais fluida, sem tantas estruturas e metanarrativas tão fixas. E é justamente essa fluidez a responsável por permitir o surgimento de um capitalismo consumista, permeando a narrativa de Mitchell. Identificamos, assim, uma trajetória desse sistema/mundo presente desde a primeira narrativa (século XIX) até a última (em um futuro distante).

Dessa forma, nas diversas temporalidades exploradas no romance, um capitalismo explorador e consumista está por detrás da relação conflituosa entre os grupos subalternos e as forças hegemônicas. Notamos que, no entanto, ao final do romance Mitchell demonstra que seres humanos são capazes de perceber os erros do passado e agir ao encontro de um pacifismo, num respeito e compreensão mútua entre os povos.

No último subcapítulo, tomamos como base Bhabha (2013) para evidenciar, em primeiro lugar, a presença do tempo duplo, notadamente o pedagógico e o performático, permeando as ações das personagens da narrativa; e, em segundo lugar, a ambivalência das temporalidades não teleológicas, isto é, que se cruzam e serpenteiam.

De fato, a simultaneidade temporal vem para chancelar a nossa compreensão de *Cloud Atlas*, obra que valoriza o subalterno, criando um ambiente de pacificação, interação e interconexão entre os diversos grupos sociais. A temporalidade serpenteante mostra que não há um tempo mais relevante que outro, e sim vários, capazes de influenciar uns aos outros.

Para concluir, pudemos evidenciar que *Cloud Atlas* apresenta como um dos temas básicos a interação conflituosa entre forças de poder: os grupos subalternos e os hegemônicos. A falta de equilíbrio entre esses integrantes propicia a exclusão e o silenciamento. No entanto, Mitchell é responsável por construir representantes desses

grupos em cada um dos capítulos, e ainda fazê-los batalhar por direitos humanos e por igualdade.

Por mais que o final cronológico do romance indique uma temporalidade pós-apocalíptica, em que há um regresso e uma primitivização da humanidade, a estrutura do livro em forma de espelho nos sugere um fim eufórico, condizente com nossas considerações a respeito da subalternidade. A mudança em Ewing reflete um fio de esperança na sociedade fragmentada, conflituosa e injusta. Na medida em que as forças hegemônicas e as subalternas tomam lucidez do sistema em que vivem, abre-se a possibilidade para uma realidade mais igualitária.

Retomando a famosa discussão de Spivak (2010), a pessoa subalterna ainda enfrenta ideologias preconceituosas de ordem de raça, gênero, religião, entre outros; ainda se vê subjugada, muitas vezes impedida da fala ou simplesmente ignorada pelos integrantes da hegemonia. Mas ela não se cala. Faz-se ouvida por meio das plataformas de exposição criadas. Na contemporaneidade, o subalterno pode falar. O subalterno fala.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALTHUSSER, L. *Montesquieu, Rousseau, Marx*. London: Verso, 1972.
- ARENDT, H. What is Freedom? In: _____. *The Portable Hannah Arendt*. New York: Penguin Books, 2000. p. 438-461.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2014.
- BEAUVOIR, S. A experiência vivida. In: _____. *O segundo sexo*. Paris: Gallimard, 1967.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- BUTLER, J. Performativity, Precarity and Sexual Politics. *AIBR: Revista de Antropología Iberoamericana*, Madrid, v. 4, n. 3, p. i-xiii, set./dez. 2009.
- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J.; SPIVAK, G. C. *Who Sings the Nation-State? Language, politics, belonging*. Calcutta: Seagull Books, 2007.
- CASTRO-GÓMEZ, S. *La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005.
- CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSGOGUEL, R. Prólogo. Giro decolonial, teoria crítica y pensamiento heterárquico. In: _____. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 9-25.
- DAVIS, D.; SOLOMON, M. Moriori - The Impact of New Arrivals. Te Ara - The Encyclopedia of New Zealand, 2015. Disponível em: <<https://www.teara.govt.nz/en/moriori/page-4>>. Acesso em: 29 ago. 2017.
- DESCARTES, R. *Discurso del Método / Meditaciones Metafísicas*. Tradução de Manuel García Morente. Madrid: Espasa-Calpe, 1984.
- DINIZ, F. R. A.; OLIVEIRA, A. A. Foucault: do poder disciplinar ao biopoder. *Revista Scientia*, Sobral, v. 2, n. 3, p. 143-158, nov. 2013/jun 2014.
- EAGLETON, T. *As Ilusões do Pós- Modernismo*. Oxford: Blackwell Publishers, 1996.
- _____. *After Theory*. London: Penguin Books, 2004.

FONSECA, J. P. A. Normalização e bio-poder na obra de Michel Foucault. *Theoria - Revista Eletrônica de Filosofia*, Pouso Alegre, v. 4, n. 11, p. 75-90, 2012.

FOUCAULT, M. *“Introduction” to Herculine Barbin*. Nova York: Pantheon, 1980.

_____. *A História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. Aula de 17 de março de 1976. In: _____. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975-1976)*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 285-315.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 3 ed. São Paulo, Paz & Terra, 2015.

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 80, p. 115-147, 2008.

GUHA, R. On Aspects of the Historiography of Colonial India. CHARTURVEDI, V. (Org.). *Mapping Subaltern Studies and the Postcolonial*. London: Verso, 2000.

HOWE, K. R. *Ideas of Māori origins*. Te Ara - the Encyclopedia of New Zealand, 2015. Disponível em <<http://www.TeAra.govt.nz/en/ideas-of-maori-origins>>. Acesso em: 5 Jun. 2016.

LIMERICK, P. N. *The Legacy of Conquest: The Unbroken Past of the American West*. New York: W.W. Norton and Co, 1987.

LYOTARD, J. *O pós-moderno*. Tradução: Ricardo Correia Barbosa. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

MALLON, F. E. The Promise and Dilemma of Subaltern Studies: Perspectives from Latin American History. *The American Historical Review*, Bloomington, v. 99, n. 5, p. 1491-1515. 1994.

MIGNOLO, W. D. *Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal, 2003.

_____. El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura. In: CASTRO-GOMÉZ, S.; GROSGOUEL, R. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombres Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos; Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 25-47.

MITCHELL, D. *ghostwritten*. New York: Vintage, 2001.

_____. *Cloud Atlas*. London: Random House, 2004.

_____. *Black Swan Green*. New York: Vintage, 2007.

_____. *Menino de lugar nenhum*. Tradução de Daniel Pellizzari. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. David Mitchell, *The Art of Fiction No. 204*: Entrevistador: Adam Begley. Nova York: The Paris Review, 2010. Disponível em: <<http://www.theparisreview.org/interviews/6034/the-art-of-fiction-no-204-david-mitchell>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

_____. *The Thousand Autumns of Jacob De Zoet*. New York: Random House, 2011.

_____. *Number9Dream*. London: Sceptre, 2014a.

_____. *The Bone Clocks*. New York: Random House, 2014b.

_____. *Os mil outonos de Jacob de Zoet*. Tradução de Daniel Galera. São Paulo: Companhia das Letras, 2015a.

_____. *Slade House*. New York: Random House, 2015b.

_____. *Atlas de Nuvens*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

NIGRO, C. M. C. A literatura que abriga as mulheres. In: SILVA, A. M.; BORGES, L.; CARRIJO, S. A. B. (Org.). *Tessituras literárias: cultura, identidade e outras artes*. Campinas: Mercado de Letras, 2017. p. 12-23.

O'DONNELL, P. *A Temporary Future: The Fiction of David Mitchell*. New York: Bloomsbury, 2015.

PATAKA EDUCATION. *The Moriori of Rekohu: T'chakat henu - People of the Land*. Disponível em: <http://www.pataka.org.nz/wp-content/uploads/THE_MORIORI_11.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2016.

PINTO, J. P. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-27, 2007.

QUIJANO, A. _____. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Colección Sur Sur, 2005. p. 118-142.

RABINOW, P.; ROSE, N. O conceito de biopoder hoje. *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*, João Pessoa, n. 24, p. 27-57, 2006.

SANTANA, G. S. Mito fundador, narrativas e histórias: a representação identitária sulbaiana em Iararana. In: *I Encontro Baiano de Estudos em Culturas - I EBECULT*, 2008. I EBECULT. Salvador: FACOM - UFBA, 2008. p. 1-8.

SANTIAGO, S. *Uma Literatura nos Trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SLATTA, R. W. Making and Unmaking Myths of the American Frontier. *European Journal of American Culture*, North Carolina, v. 29, n. 2, p. 81-92, 2010.

SOUZA, A. S. A nação, a viagem: aproximações entre Corsino Fortes e Sousândrade. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 15, n. 29, p. 39-55, 2o sem. 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4268/4415>. Acesso em 13 nov. 2016.

SPIVAK, G. C. Subaltern Studies: Deconstructing Historiography. In: SPIVAK, G. C.; GUHA, R. *Selected Subaltern Studies*. New York: Oxford University Press, 1988. p. 3-35.

_____. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

_____. Subaltern Studies: Deconstructing Historiography. In: SPIVAK, G. C.; GUHA, R. *Selected Subaltern Studies*. New York: Oxford University Press, 1988. p. 3-35.

STADNIKY, H.P. Fronteira e mito: Turner e o agrarismo norte-americano. *Técnica Administrativa*. Geografia Econômica, v. 6, n. 2, dez. 2007.

TURNER, F. J. *The Frontier in American History*. New York: Dover Publications, 1996.